



**PROMOÇÃO DO ENVOLVIMENTO E DA COOPERAÇÃO ENTRE
AS FAMÍLIAS DE ALUNOS QUE FREQUENTAM UMA UNIDADE
DE APOIO À MULTIDEFICIÊNCIA E A ESCOLA**

Sandra Marina Barradas Fernandes

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências de Educação

- Especialidade em Educação Especial -

2016



**PROMOÇÃO DO ENVOLVIMENTO E DA COOPERAÇÃO ENTRE
AS FAMÍLIAS DE ALUNOS QUE FREQUENTAM UMA UNIDADE
DE APOIO À MULTIDEFICIÊNCIA E A ESCOLA**

Sandra Marina Barradas Fernandes

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ciências de Educação

- Especialidade em Educação Especial –

Orientadora: Professora Doutora Clarisse Nunes

2016

“The future belongs to those who believe in the beauty of their dreams”

Eleanor Roosevelt

AGRADECIMENTOS

A apresentação deste projeto representa o culminar de um percurso de aprendizagem para qual contribuíram os professores da Escola Superior de Educação aos quais ficarei para sempre grata!

Concluir este projeto foi uma tarefa difícil que implicou muita persistência e dedicação da minha parte.

Um profundo, único e especial agradecimento à minha orientadora Professora Doutora Clarisse Nunes pelo rigor científico e pelo questionamento constante que me ajudaram a crescer, pelo apoio demonstrado ao longo destes anos de trabalho, acreditando e fazendo-me acreditar que era possível concretizar este projeto. Muito obrigada pela orientação e confiança que fez com que este trabalho se tornasse numa realidade.

Um agradecimento especial aos pais e técnicos que fizeram parte do estudo, pelos momentos partilhados e pelas experiências vivenciadas.

Em especial, à diretora Ana Bela, diretora da escola onde exerço funções, por me ter autorizado a realização deste estudo.

Às colegas de mestrado e de viagem, um agradecimento pela ajuda, entusiasmo, amizade, disponibilidade demonstrada e pelos bons momentos passados.

Aos meus amigos, obrigada pela vossa colaboração, tempo e incentivo, em especial à Cláudia Cristina por me ter sempre encorajado a prosseguir.

A todos os que aqui não foram mencionados e que tiveram comigo nesta caminhada que tão gentilmente acederam aos meus pedidos, possibilitando a realização e concretização deste projeto, o meu agradecimento.

Quero agradecer de uma forma muito especial às minhas irmãs e sobrinhas pelo apoio dado e por aceitarem ficar com o César na minha ausência e à minha mãe pela disponibilidade que me ofereceu ao longo e principalmente no fim desta caminhada para ficar com o Francisco.

Finalmente, a minha gratidão e o meu afeto vai para as pessoas a quem dedico este trabalho.

Ao meu marido pelo carinho e compreensão face ao tempo despendido na concretização deste projeto e aos meus filhos César e Francisco que algumas vezes se privaram do meu afeto e da minha presença no seu crescimento! Hei-de compensar-vos.

RESUMO

O presente estudo analisa a temática referente à relação entre a escola e a família de crianças com Necessidades Especiais. Os documentos legislativos (Decreto-lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro no artigo n.º 3, pontos 1, 2 e 3 e o Decreto Legislativo n.º 33/2009/M de 31 de dezembro da Região Autónoma da Madeira no artigo n.º 5, ponto 2, alínea e) assinalam a necessidade de se considerar a participação dos pais/encarregados de educação no processo educativo dos seus educandos. Esta necessidade também está expressa nos resultados da investigação realizada neste âmbito, salientando-se, sobretudo, a importância de se envolver mais os pais no processo educativo dos seus filhos. Porém, nem sempre se verifica um envolvimento ativo por parte dos pais.

O presente estudo insere-se numa perspetiva sociocrítica e resulta da implementação de um projeto de investigação-ação que visou desenvolver práticas promotoras do envolvimento e da cooperação entre as famílias dos alunos que frequentavam uma Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência (UAM), designada de Unidade de Ensino Especializado (UEE) na RAM-Funchal e a escola.

O projeto desenvolveu-se durante nove meses, tendo sido estruturado em quatro fases: a primeira visou a caracterização inicial da situação; a segunda consistiu na elaboração do plano de ação, tendo-se planificado um conjunto de 18 atividades integradas em sete temáticas distintas; a terceira correspondeu à implementação do plano de ação definido e a quarta resumiu-se à avaliação do projeto de intervenção.

Participaram no estudo cinco famílias e cinco profissionais (uma docente de educação especial e quatro técnicos). A recolha de dados efetuou-se através da realização de entrevistas semiestruturadas aos participantes, de inquéritos sob a forma de questionário às cinco famílias dos alunos que frequentavam a UEE e de observações, materializadas em notas de campo e registos fotográficos.

Os resultados do projeto de intervenção foram positivos na medida em que as atividades dinamizadas tiveram uma participação positiva por parte dos pais, ainda que o grau de envolvimento não tenha sido idêntico em todas as atividades. Salienta-se a preferência e uma maior participação dos pais em atividades mais informais e de cariz festivo / convívio social. As atividades menos apreciadas, em todas as dimensões analisadas, corresponderam às de cariz mais formal, como foi o caso da participação no processo de avaliação dos programas educativos dos filhos. A pouca

disponibilidade dos pais constituiu a principal barreira a um maior envolvimento e participação das famílias nas atividades promovidas. A disponibilidade para ouvir e comunicar com as famílias, bem como o conhecimento das suas necessidades e dificuldades e o respeito pelas suas especificidades constituíram-se como estratégias importantes para promover a participação das famílias na vida escolar dos seus filhos. O desenvolvimento do projeto de intervenção possibilitou a aproximação da escola às famílias e vice-versa.

Palavras-chave: Educação, Necessidades Educativas Especiais, Cooperação, Famílias, Envolvimento.

ABSTRACT

The present study analyzes the theme concerning the relationship between the school and the family of the children with Special Needs. The legislation (Decree-law No. 3/2008, January 7th in article 3, points 1, 2 and 3 and the Legislative Decree 33/2009/M of 31th December of the Autonomous Region of Madeira (RAM) in the article 5, point 2, section e) indicate the need to consider the involvement of parents/guardians in the educational process of their children with special needs. This need is also expressed in the results of the research conducted in this area, stressing above all the importance to engage more parents in the educational process of their children. However, there is not always an active involvement on the part of the parents.

This study is part of a socio-critical perspective and results from the implementation of an action research project, which aimed to develop practices that promote the involvement and the cooperation between the school and the families of students attending a Specialized Education Support Unit (SESU) for students with Multihandicap, referred to as Specialized Education Unit (UEE) in the Autonomous Region of Madeira – Funchal.

The project was developed for nine months, having been structured in four phases: the first aimed at the initial characterization of the situation; the second consisted in the elaboration of the action plan, having a set-up plan of 18 integrated activities in seven distinct themes; the third corresponded to the implementation of the action plan defined and the fourth summarized evaluation of the intervention project.

Five families and five professionals (a teacher of special education and four technicians) participated in the study. Data collection was carried out by conducting semi-structured interviews to the participants, surveys in the form of questionnaire as well as observation of the five families of students who frequented the UUE, field notes and photographic records.

The results of the intervention project were positive to the extent that the dynamic activities performed had a positive participation by parents, even if the involvement was not been identical in all activities. Greater participation of the parents were preferred in the informal activities with a festive atmosphere. The activities less preferred in all dimensions considered, corresponded to those of more formal nature, as it was the case of participation in the assessment of the educational

programs for children. The lack of availability of the parents was the main barrier to greater involvement and participation of households in the promoted activities. The willingness availability to listen and communicate with the families, as well as knowledge of their needs and difficulties and respect for their specific constituted is as important strategies to promoting the participation of the families in the school life of their children. The development of the intervention project made the school approach to families and vice versa possible.

Keywords: Education, Special Needs Education, Cooperation, Families, Involvement.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	
RESUMO	
ABSTRACT	
ÍNDICE GERAL	
ÍNDICE DE FIGURAS	
ÍNDICE DE TABELAS	
ABREVIATURAS E SIGLAS	
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO	3
1. Caracterização do contexto educativo	3
1.1. Caracterização física do estabelecimento de ensino	3
1.2. Caracterização dos recursos humanos existentes	4
1.3. Caracterização do funcionamento da UEE	10
1.4. Caracterização da relação entre os profissionais da UEE e a família	11
1.4.1. Relação existente entre a escola e a família	12
1.4.1.1. Perspetiva dos pais	12
1.4.1.2. Perspetiva dos profissionais	13
1.4.2. Envolvimento e cooperação da família no processo educativo do filho ...	14
1.4.2.1. Perspetiva de pais sobre a participação e o envolvimento	14
1.4.2.2. Perspetiva dos profissionais sobre a participação e o envolvimento .	17
1.4.3. Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais	20
1.4.3.1. Perspetiva de pais sobre as barreiras existentes	20
1.4.3.2. Perspetiva dos profissionais sobre as barreiras existentes	21
1.4.4. Necessidades e dificuldades sentidas pelas famílias	23
1.4.5. Perceções sobre as práticas utilizadas para promover o envolvimento e cooperação com as famílias	24
2. Identificação do problema e objetivos do projeto	31
2.1. Identificação do problema	31
2.2. Descrição dos objetivos do projeto e questões orientadoras	33
CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	35
1. Crianças e jovens com multideficiência	35
1.1. Explicitação do conceito de multideficiência	35
1.2. Características e necessidades da criança/jovem com multideficiência	38
1.3. Organização das respostas educativas	40

2. Relação entre a escola e a família de crianças com NEE	45
2.1. Particularidades das famílias que têm filhos com NEE.....	46
2.2. Participação e envolvimento da família na educação dos filhos: possíveis configurações	49
2.3. Barreiras ao envolvimento das famílias na escola.....	57
2.4. Estratégias promotoras do envolvimento e participação da família na escola ..	58
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DO PROJETO	65
1. Desenho do estudo / projeto de intervenção.....	65
2. Caracterização dos participantes no projeto	67
3. Métodos e técnicas utilizadas na recolha e análise de dados	70
4. Descrição do projeto de intervenção.....	77
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	91
1. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto	91
2. Estratégias usadas para promover a participação e o envolvimento das famílias ...	93
3. Participação e envolvimento dos pais no projeto de intervenção e sua apreciação pelos mesmos	95
3.1. Resultados referentes à participação e envolvimento dos pais nas atividades	95
3.2. Apreciação dos pais face à sua participação e envolvimento nas atividades .	100
4. Avaliação do projeto de intervenção	107
4.1. Opinião das famílias sobre as atividades desenvolvidas	107
4.2. Balanço final do projeto de intervenção	112
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS ...	115
1. Envolvimento e cooperação entre famílias e profissionais	115
2. Práticas mais eficazes usadas na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola/UEE.....	117
3. Recomendações.....	121
REFERÊNCIAS.....	125
ANEXOS	133
Anexo A. Pedido de Autorização do Diretor Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos.....	134
Anexo B. Autorização do Diretor Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos.....	136
Anexo C. Pedido de Autorização da Diretora da Instituição Escolar	137
Anexo D. Termo de Consentimento Informado.....	139

Anexo E. Guião de Entrevista: Técnicos e docente que trabalham no contexto de UAM	140
Anexo F. Guião de Entrevista: Famílias de alunos que frequentam a UAM.....	142
Anexo G. Transcrição de uma entrevista realizada aos profissionais	144
Anexo H. Transcrição de uma entrevista realizada aos pais	148
Anexo I. Separação em unidades de registo da entrevista aos profissionais.....	152
Anexo J. Separação em unidades de registo da entrevista às famílias	155
Anexo K. Análise de conteúdo da entrevista aos profissionais	160
Anexo L. Análise de conteúdo da entrevista à família	168
Anexo M. Síntese da análise de conteúdo das entrevistas aos profissionais.....	174
Anexo N. Síntese das entrevistas aos pais	184
Anexo O. Notas de campo	189
Anexo P. Questionário aos Profissionais.....	201
Anexo Q. Questionário aos Pais.....	202
Anexo R. Questionário para Apreciação da Atividade Desenvolvida	203
Anexo S. Questionário para Apreciação do Projeto Desenvolvido.....	205
Anexo T. Registos fotográficos das atividades realizadas no projeto de intervenção.	207
Anexo U. Ficha de leitura preenchida pelos pais	209

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.	Idade dos alunos com NEE do 1º ciclo	8
Figura 2.	Alunos com multideficiência (Nunes, 2008, p.10)	38
Figura 3.	Papel das redes cerebrais primárias na aprendizagem (Nunes, 2008, p. 19)	42
Figura 4.	Benefícios do envolvimento parental para alunos, pais e Professores (Walke & Hoover-Dempsey, 2008, p.283)	52
Figura 5.	Ciclo de Investigação-Ação (adaptado de Bessa et al., 2008; Rojas Fabris, 2012)	66
Figura 6.	Fotografias das diferentes atividades do dia dos pais	86
Figura 7.	Saco para levar o livro viajante	86
Figura 8.	Fotografias da atividade festejar o aniversário na escola	87
Figura 9.	Fotografias da atividade comemoração de dias especiais	88
Figura 10.	Apreciação global das atividades	106
Figura 11.	Grau de Satisfação face ao projeto desenvolvido	108
Figura 12.	Organização e funcionamento do projecto	109
Figura 13.	Oportunidades criadas para se envolver e cooperar com a escola do seu filho	109
Figura 14.	Opinião sobre a pertinência do projecto	110
Figura 15.	Interesse pelo projeto desenvolvido	110
Figura 16.	Frequência com que participou nas atividades desenvolvidas no âmbito do projecto	111
Figura 17.	Participação e envolvimento no projeto desenvolvido	111

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.	Descrição dos recursos humanos existentes no estabelecimento de ensino	4
Tabela 2.	Descrição do género do corpo docente do estabelecimento de ensino	5
Tabela 3.	Categoria profissional dos docentes	5
Tabela 4.	Distribuição da população escolar por nível de educação e ensino, idades e problemática	5
Tabela 5.	Crianças com Necessidades Educativas Especiais na educação pré- escolar	7
Tabela 6.	Alunos com Necessidades Educativas Especiais no 1º ciclo do ensino básico	7
Tabela 7.	Descrição das problemáticas das sete crianças com NEE oriundas de outras freguesias	8
Tabela 8.	Opinião dos pais sobre a relação escola/família	12
Tabela 9.	Relação escola/família - Apreciação dos pais	13
Tabela 10.	Opinião dos profissionais sobre a relação escola/família	13
Tabela 11.	Opinião dos pais sobre o envolvimento e cooperação na educação dos seus filhos	15
Tabela 12.	Perceções dos pais acerca do seu papel na educação dos filhos	15
Tabela 13.	Atividades em que a família participa	16
Tabela 14.	Razões que levam a família à escola	16
Tabela 15.	Frequência com que os pais se deslocam à escola	16
Tabela 16.	Meios de comunicação utilizados pelos pais	16
Tabela 17.	Opinião dos profissionais sobre o envolvimento e cooperação da família na educação dos filhos	17
Tabela 18.	Características do envolvimento das famílias	17

Tabela 19.	Opinião sobre o que as famílias esperam da escola e vice-versa	18
Tabela 20.	Procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola	19
Tabela 21.	Assuntos abordados pelos profissionais com as famílias	19
Tabela 22.	Barreiras que os pais sentem no envolvimento e cooperação com a escola	20
Tabela 23.	Envolvimento da família com a escola: constrangimentos sentidos pelos profissionais	21
Tabela 24.	Dificuldades sentidas na participação das famílias	22
Tabela 25.	Sugestões para ultrapassar os constrangimentos entre a escola e a família	22
Tabela 26.	Necessidades e dificuldades dos pais na educação dos filhos	23
Tabela 27.	Estratégias utilizadas para promover o envolvimento e cooperação das famílias na escola	24
Tabela 28.	Situações que os profissionais solicitam a colaboração da família	25
Tabela 29.	Preferência de atividades pelas famílias	25
Tabela 30.	Meios de comunicação utilizados entre a escola e a família	26
Tabela 31.	Frequência dos contactos realizados entre a escola e a família	26
Tabela 32.	Circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias	26
Tabela 33.	Razões que levam a família a envolver-se com a escola	27
Tabela 34.	Definições de Multideficiência, (Autoria Própria)	37
Tabela 35.	Possíveis estratégias a usar nas relações entre pais e profissionais (Pogoloff)	61
Tabela 36.	Desenho do estudo / projeto de intervenção	67
Tabela 37.	Caraterísticas dos profissionais	68

Tabela 38.	Síntese das atividades planejadas no plano de ação	78
Tabela 39.	Descrição das atividades desenvolvidas	91
Tabela 40.	Número de questionários preenchidos nos sete tipos de atividades desenvolvidas	101
Tabela 41.	Nível do interesse manifestado pelas famílias nas atividades em que participaram	102
Tabela 42.	Apreciação dos pais face ao horário em que as atividades decorreram	103
Tabela 43.	Apreciação dos pais sobre a Pertinência das atividades desenvolvidas	104
Tabela 44.	Apreciação dos pais sobre o Tempo de duração da atividade	105
Tabela 45.	Apreciação dos pais quanto ao nível de Satisfação pela atividade	105
Tabela 46.	Sentimentos vivenciados pelos pais durante as atividades	107
Tabela 47.	Apreciação global do projeto	108

ABREVIATURAS E SIGLAS

CAO	Centro de Atividades Ocupacionais
CAP	Centro de Apoio Psicopedagógico
DAAT	Divisão De Acessibilidades e Ajudas Técnicas
DE	Docente Especializada
DRE	Direção Regional de Educação
ES	Educador Social
F	Fisioterapeuta
MAP	Making Actions Plans
MDVI	Multiple Disabilities and Visual Impairment
NEE	Necessidades Educativas Especiais
NEEcp	Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente
PE	Projeto Educativo
PEI	Programa Educativo Individual
PIMD	Profound Intellectual and Multiple Disabilities
PMLD	Profound and Multiple Learning Disabilities
RAM	Região Autónoma da Madeira
SESU	Specialized Education Support Unit
TF	Terapeuta da Fala
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
TO	Terapeuta Ocupacional
UAM	Unidade de Apoio Especializado à Educação de Alunos com Multideficiência
UEE	Unidade de Ensino Especializado (designação utilizada na RAM)

INTRODUÇÃO

A relação entre a escola e a família é um tópico debatido em muitos estabelecimentos de ensino, como se observa pelo expressivo número de pesquisas realizadas, e pela preocupação demonstrada pelos vários intervenientes no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A reflexão sobre a educação exige que se considere a relevância da família neste processo, pelo que é necessário analisar como podemos envolver a família na vida escolar dos seus filhos. A escola e a família devem ser parceiros na construção do sucesso escolar e educativo dos educandos, e definir objetivos em comum.

Pensando nas crianças com multideficiência o envolvimento e a participação dos pais no seu processo educativo, assim como o acompanhamento em casa é fundamental, uma vez que pode contribuir para que estes tenham mais sucesso. Sabendo que os pais são os primeiros educadores dos filhos, a ação da família é complementar à da escola e a ela subordinada. Assim, a família ao envolver-se terá um maior conhecimento do desenvolvimento do filho e de todo o trabalho realizado na escola.

Todavia, sabemos que não é tarefa fácil promover a participação e o envolvimento dos pais na vida escolar. Esta dificuldade foi observada no local onde exercemos a nossa função pedagógica, numa Unidade de Ensino Especializado (UEE¹), existindo a necessidade de promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família dos alunos que frequentam a UEE.

Neste sentido, considerámos importante planificar e desenvolver um Projeto de intervenção, intitulado “Promoção do Envolvimento e da Cooperação entre a Escola e a Família de alunos que frequentam uma Unidade de Apoio à Multideficiência”, que procure promover o envolvimento das famílias nas atividades escolares dos filhos. A concretização do presente estudo assenta, assim, numa metodologia de investigação-ação, com o qual se pretende promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família dos alunos que frequentam a UEE, implicando-os/envolvendo-os mais no

¹ Unidade de Ensino Especializado está designado no Decreto-Lei 33/2009/M o que corresponde às Unidades de Apoio Especializado à Educação de Crianças e Jovens com Multideficiência legislado no Decreto-Lei 3/2008.

processo de ensino e aprendizagem dos filhos, para que estes obtenham maior sucesso escolar.

O presente trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos, seguidos das considerações finais. Tendo em conta de que se trata de um projeto de investigação, é primordial proceder à contextualização do projeto de forma a dar a conhecer a caracterização do contexto educativo, dos recursos humanos existentes, do funcionamento da UEE, da relação existente entre a escola/UEE e a família e das perspetivas dos pais e dos profissionais sobre o envolvimento e a cooperação da família no processo educativo do(a) filho(a). Analisamos ainda as barreiras ao envolvimento e à cooperação dos pais, bem como as necessidades e dificuldades sentidas pelas famílias e as perceções sobre as práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação com as famílias. Após a caracterização do contexto, no ponto dois deste primeiro capítulo identificamos o problema, descrevemos os objetivos e as questões orientadoras do projeto de intervenção.

No segundo capítulo apresentamos o enquadramento teórico para um entendimento prévio de dois temas/conteúdos fundamentais que servem de base a este trabalho, a especificidade das crianças e jovens com multideficiência por um lado, e a relação entre a escola e a família de crianças com NEE por outro.

No terceiro capítulo dedicado à investigação empírica descrevemos aspetos referentes à metodologia utilizada na realização do estudo, mais propriamente: o desenho do projeto de intervenção, a caracterização dos participantes, os métodos e técnicas utilizadas na recolha e análise de dados e a descrição das diversas fases do projeto de intervenção.

No capítulo quatro surge a apresentação dos resultados obtidos com a implementação do projeto, atendendo às atividades desenvolvidas no âmbito do mesmo, às estratégias usadas para promover a participação e o envolvimento das famílias, à participação e ao envolvimento das famílias e à apreciação e avaliação do projeto de intervenção, apoiados na revisão da literatura em que se baseia este estudo.

A discussão dos resultados e importantes considerações finais são apresentadas no quinto capítulo. Neste último capítulo refletimos sobre o trabalho desenvolvido, referindo recomendações fundamentais para estabelecer uma relação verdadeira e de sucesso com os pais.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO

1. Caracterização do contexto educativo

Para se conhecer o contexto educativo onde o projeto se desenvolveu seguidamente descrevemos o estabelecimento de ensino e o espaço da UEE. Os dados aqui descritos resultam da observação direta do contexto por parte do autor do estudo e da pesquisa documental.

1.1. Caracterização física do estabelecimento de ensino

O estabelecimento de ensino onde o projeto se desenvolveu começou a funcionar em 1980, está dependente da Direção Regional de Educação e Recursos Humanos da Região Autónoma da Madeira e inclui os seguintes níveis de educação e de ensino: a educação pré-escolar, o 1º ciclo do Ensino Básico e o ensino recorrente. Existe ainda um espaço destinado ao Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) no qual funciona uma UEE.

Em termos de condições físicas o prédio onde o estabelecimento de ensino e educação funciona foi construído de raiz e serve, de um modo geral, a população escolar das localidades integradas na sua área de influência. O edifício é constituído por um bloco único de dois pisos, tem 12 salas de aula, sendo nove salas para o ensino regular, duas salas para a educação pré-escolar (pré I e pré II) e uma para a UEE; conta ainda com uma biblioteca; dois gabinetes; uma sala de professores; uma cozinha; duas casas de banho para adultos e um refeitório com uma área comum.

A parte oriental do bloco é constituída por dois pisos. No primeiro piso funcionam as atividades curriculares dos 1º e 4º anos de escolaridade e as atividades de enriquecimento curricular: Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC, expressão plástica, expressão musical e dramática. No rés-do-chão funciona a educação pré-escolar. A parte ocidental do bloco possui um rés-do-chão, e uma sala onde funciona a UEE e, ainda um piso superior onde funcionam os 2º e 3º anos de escolaridade e o Inglês. A unir os dois blocos estão o refeitório e o salão polivalente. Algumas áreas comuns são utilizadas para prestar Apoio Pedagógico Acrescido.

Para tornar possível o acesso a pessoas com mobilidade reduzida foi montado um elevador, e construída uma rampa de acesso e uma casa de banho adaptada.

O espaço exterior é constituído por zonas de recreio e por uma ampla zona ajardinada. A cobertura dos recreios e a montagem de um parque infantil foi uma mais-valia para o estabelecimento de ensino e educação.

A partir de dezembro 2001 os alunos que frequentam este estabelecimento de ensino e de educação passaram a poder usufruir das instalações do Pavilhão do Clube Desportivo para a prática de educação física.

O estabelecimento de ensino funciona a tempo inteiro, entre as 8:15 m e as 18:15 m, em regime duplo. O turno da manhã inicia-se às 8:15 m e termina às 13:15m. O turno da tarde funciona das 13:15 m às 18:15 m. As atividades curriculares e de enriquecimento curricular realizam-se em dois períodos diários, em regime de alternância. Os 1º, 2º e 3ºA anos de escolaridade funcionam com atividades curriculares no turno da manhã e têm atividades de enriquecimento no turno da tarde. Os 3ºB e 4º anos funcionam no turno contrário.

1.2. Caracterização dos recursos humanos existentes

O corpo docente deste estabelecimento de ensino é constituído por 26 docentes, distribuindo-se estes pelos diversos níveis de educação e ensino (ver Tabela 1). Quanto aos docentes de educação especial salientamos que dois deles exercem funções na UEE.

Tabela 1

Descrição dos recursos humanos existentes no estabelecimento de ensino

Educação de infância	Ensino Básico	Ensino básico recorrente	Educação Especial	Total
6	14	1	5	26
	[1 é a diretora]		[2 na UEE]	

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

O corpo docente é composto maioritariamente por elementos pertencentes ao sexo feminino (n=20), apenas seis pertencem ao sexo masculino (n=6) (ver Tabela 2), sendo que as suas idades variam entre os 30 e os 60 anos.

Tabela 2

Descrição do gênero do corpo docente do estabelecimento de ensino

Corpo docente	Sexo	N.º
Pré-Escolar	Feminino	6
Primeiro Ciclo	Feminino	14
	Masculino	6
Total		26

Nota: dados resultantes da pesquisa documental e da observação

Relativamente à categoria profissional 10 docentes pertencem ao Quadro de Escola, seis ao Quadro de Zona Pedagógica e 10 são contratados, ver a Tabela 3.

Tabela 3

Categoria profissional dos docentes

Categoria	Docentes do ensino regular		Educação Especial	Total
	Pré-escolar	Ensino básico		
Quadro de escola	2	5	3	10
Quadro de zona	3	2	1	6
Contratado/a	1	8	1	10
Total	6	15	5	26

Nota: dados resultantes da pesquisa documental e das conversas informais

Existe ainda um grupo de outros profissionais a trabalhar neste estabelecimento de educação e ensino constituído por 14 elementos: duas auxiliares da ação educativa (a exercer funções na educação pré-escolar), nove assistentes operacionais, quatro assistentes técnicas e uma técnica superior de educação. Esta última técnica é um recurso humano que apresenta formação na área de Animação Sociocultural de Bibliotecas escolares e está qualificada para orientar as atividades desenvolvidas na biblioteca escolar. A sua ação desenvolve-se através de uma interação permanente com a comunidade educativa.

Quanto à população escolar o estabelecimento tem 150 crianças a frequentar a educação pré-escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, com idades compreendidas entre os três e os 11 anos, o que indicia a existência de crianças com dificuldades no seu desenvolvimento e/ou no processo de aprendizagem, como podemos ver na Tabela 4.

Tabela 4

Distribuição da população escolar por nível de educação e ensino, idades e problemática

Nível de educação – Pré-escolar	Nº crianças	Idades	NEE
Pré-escolar I	24	3 e 4 anos	1
Pré-escolar II	25	4 e 5 anos	2
Subtotal	49		3

Tabela 4

Distribuição da população escolar por nível de educação e ensino, idades e problemática (cont.)

Nível de ensino – ensino básico	Nº crianças	Idades	NEE
1º ano A	26	6 a 8 anos	3
2º ano A	24	7 a 9 anos	5
3º ano A	15	8 a 11 anos	5
3º ano B	14	8 a 10 anos	
4º ano A	22	9 a 10 anos	5
Subtotal	101		18
Total	150		21

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

Ao analisar os dados apresentados na Tabela 4 observamos que os grupos da educação pré-escolar e duas turmas do primeiro ciclo são relativamente numerosas, têm mais de 24 crianças. No entanto, outras duas turmas do ensino básico são constituídas por grupos mais reduzidos.

Verificamos ainda que há um número relativamente elevado de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que dos 150 alunos que frequentam a escola 21 apresentam algum tipo de NEE, o que equivale a 16% do total de crianças (diagnóstico efetuado por técnicos/equipa da Educação Especial). As crianças com NEE do ensino básico beneficiam de apoio pedagógico nas atividades curriculares e no turno contrário a estas. Analisando esta dimensão na educação pré-escolar observamos que a percentagem de crianças com NEE é substancialmente inferior à existente no 1º ciclo. Na educação pré-escolar corresponde a 6,12% e no ensino básico equivale a 20,79% das situações. Não temos informação que nos permita compreender o porquê desta discrepância de valores.

Na educação pré-escolar a constituição dos grupos corresponde ao que está estipulado pela lei (n=25), não havendo redução do número de crianças pelo facto de frequentarem crianças com NEE. As dificuldades e limitações apresentadas pelas três crianças com NEE que frequentavam este nível de educação estão descritas na Tabela 5. Observamos que duas destas crianças têm seis anos de idade, mas não ingressaram o primeiro ano do 1.º ciclo, por não terem atingido as competências consideradas mínimas para realizar a transição para esse nível de ensino.

Tabela 5

Crianças com Necessidades Educativas Especiais na educação pré-escolar

Grupo	N.º de crianças	Idades	Limitações /Dificuldades
I	1	4 anos	Desordem por Défice de Atenção e Hiperatividade
II	2	6 anos	Trissomia 21 (UEE) Problemas emocionais e de comportamento
Total	3		

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

Os 21 alunos com NEE que frequentam o 1º ciclo do ensino básico estão distribuídos por várias turmas, como se pode verificar na Tabela 6. Observamos que há maior concentração de alunos com NEE nos 2º, 3º e 4 anos (cinco alunos em cada ano de escolaridade). Verificamos que este grupo de 21 alunos manifesta dificuldades que decorrem da existência de diversas problemáticas, sendo que a maioria (n=13) apresenta de alguma forma dificuldades a nível do funcionamento intelectual, representando 61,90% do total. Destes 21 alunos sete frequentam a UEE existente no estabelecimento de ensino, como observamos na Tabela 6.

Tabela 6

Alunos com Necessidades Educativas Especiais no 1º ciclo do ensino básico

Ano	N.º de Alunos	Idades	Limitações /Dificuldades
1ºA	2	7	Deficiência Intelectual e do desenvolvimento (UEE)
	1	8	Limitações neuromotoras (UEE)
2ºA	1	7	Deficiência Intelectual e do desenvolvimento (UEE)
	2	8	Dificuldades no processo de comunicação e interação social
	2	8	Desordem por Défice de Atenção e Hiperatividade
3ºA	1	9	Deficiência Intelectual e do desenvolvimento (UEE)
	1	11	Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Dislexia
	1	8	Dificuldades no funcionamento intelectual
3ºB	1	9	Dificuldades no funcionamento Intelectual
	1	10	Síndrome de Turner
4ºA	1	9	Dificuldades no funcionamento intelectual
	4	10	
Total	18		

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

Quanto à idade deste grupo de crianças verificamos que a sua maioria tem oito anos (ver Figura 1), com uma Média de idades situada entre os 8 e os 9 anos

(M=8,82), sendo que a Moda se situa nas seguintes idades: 8 anos e 10 anos respetivamente.

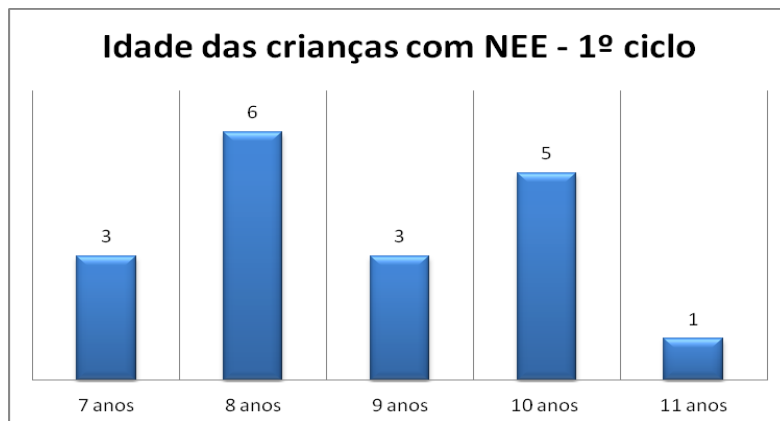


Figura 1. Idade dos alunos com NEE do 1º ciclo

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

Embora a maioria dos alunos que frequenta a escola reside na freguesia onde esta se insere, sete alunos com NEE que beneficiam do apoio da UEE são oriundos de outras freguesias. A justificação para tal reside em dois fatores distintos: i) o estabelecimento de educação e ensino é considerado como tendo algumas condições para apoiar a educação desses alunos e ii) a residência dos familiares destes alunos ou o local de emprego dos seus pais/encarregados de educação se localizar nas proximidades desta freguesia. Estes sete alunos apresentam NEE decorrentes de várias problemáticas, as quais estão descritas na Tabela 7.

Tabela 7

Descrição das problemáticas das sete crianças com NEE oriundas de outras freguesias

Problemática das crianças	Sexo	N.º
Trissomia 21	Feminino	3
	Masculino	1
Paralisia Cerebral	Feminino	1
Microcefalia	Masculino	1
Deficiência intelectual e do Desenvolvimento	Masculino	1
Total		7

Nota: dados resultantes da pesquisa documental

Estes alunos frequentam a sua turma de referência, sendo que: i) um deles participa nas atividades desenvolvidas com um grupo de crianças da educação pré-escolar, ii) três alunos frequentam o 1.º ano, iii) dois alunos frequentam o 2.º ano e iv)

um aluno o 3.º ano de escolaridade. Quando vão à sala de atividades ou de aula são acompanhados por uma docente da educação especial ou por uma assistente técnica.

Salientamos que as características, limitações, necessidades e interesses dos alunos influenciam o tempo que permanecem nas salas de aulas. Os alunos desfrutam ainda de atividades expandidas noutros espaços, tais como: estudo; biblioteca; informática; inglês; expressão musical e expressão físico-motora. Ou seja, estes alunos participam em atividades traçadas no seu Programa Educativo Individual (PEI) e de acordo com o plano de atividades da escola, o que inclui atividades curriculares e de enriquecimento curricular.

A singularidade destes alunos coloca desafios às escolas (aos profissionais que com eles trabalham), bem como às suas famílias e exige um trabalho de articulação e cooperação entre todos os intervenientes na sua educação. Face às suas problemáticas e experiências de vida estes alunos apresentam um conjunto variado de dificuldades, destacando-se: i) prestar atenção e concentrar-se, ii) conservar a informação e generalizar as competências adquiridas, iii) compreender noções simples de causa-efeito, iv) pensar e raciocinar, v) comunicar e interagir com os outros, recorrendo a formas de comunicação eficazes, e vi) comportar-se de forma adequada nos diversos contextos. Estas dificuldades influenciam negativamente o seu processo de aprendizagem, bem como a participação ativa nos diferentes ambientes em que estão inseridos (educativo, familiar e social). Um dos alunos apresenta especiais dificuldades no uso da fala e na comunicação, recorrendo a formas de comunicação não simbólica. Esta circunstância condiciona a sua comunicação com o mundo, e naturalmente a interação e a conversação com os outros. Este grupo de alunos tem, portanto, acesso limitado ao conhecimento, o que conduz a dificuldades na compreensão do mundo que o rodeia, exigindo constante estímulo, assim como oportunidades de interação e de parceiros que compreendam as suas formas de comunicação específicas e interajam com eles de forma adequada, de modo a reforçarem as suas tentativas de interação. Face às dificuldades manifestadas no processo comunicativo estes alunos apresentam dificuldades também comportamentais. Especificando, por vezes desafiam o adulto, batem nos outros, parecendo este comportamento ser uma tentativa de interação; têm dificuldades em respeitar as regras estabelecidas e em estar sentados; recusam participar em algumas atividades propostas; demonstram níveis de energia excessiva, sendo necessário supervisão constante.

Em relação à autonomia, duas destas crianças são autónomas na realização da sua higiene e alimentação, enquanto as outras necessitam de ajuda ou da supervisão de um adulto. Estes alunos necessitam também de orientação de um adulto na realização das tarefas que lhes são solicitadas, manifestando pouca autonomia e responsabilidade a este nível. Este grupo de alunos manifesta igualmente algumas dificuldades em adaptar os seus comportamentos aos diferentes contextos (visitas de estudo, refeitório, recreio, etc.). Os seus principais interesses são as atividades de música, de informática e de expressão físico-motora.

1.3. Caracterização do funcionamento da UEE

A UEE foi criada e entrou em funcionamento no ano letivo 2012/2013 para dar resposta a alunos com NEE de carácter permanente, com características e especificidades muito próprias e com pouca capacidade de frequentar uma turma do regular a tempo inteiro. Ou seja, a UEE apresenta-se como uma resposta educativa especializada para promover a participação de alunos com multideficiência nas atividades curriculares, bem como a sua inclusão nos contextos regulares de ensino.

A UEE funciona todos os dias das 08:15m às 18:00 horas e é orientada por duas docentes da educação especial (uma de manhã e a outra de tarde) e auxiliada por três assistentes técnicas. Quatro dos alunos da UEE beneficiam de transporte disponibilizado pela Direção Regional de Educação (DRE), para os trajetos casa-escola-casa, com início às 9h e conclusão às 18h00m. Este horário permite que os alunos frequentem atividades de enriquecimento curricular e atividades curriculares nas suas turmas de referência, quando reúnem condições para tal, como se disse antes.

Em termos físicos esta UEE situa-se junto do espaço onde funciona o CAO, tem acesso a cadeira de rodas, bem como ao interior de outros espaços da escola, nomeadamente às salas de aula, cantina, casa de banho e ao recreio. O espaço de que dispõe é agradável e amplo, tem grandes janelas as quais proporcionam uma boa luminosidade natural e está organizado mediante as necessidades e os interesses das crianças, segundo informação do projeto da UEE. A sua decoração varia consoante a estação do ano, ou as épocas festivas que se vivencia. O espaço dispõe de recursos materiais adequados à prática educativa a desenvolver com os alunos com NEE de carácter permanente.

A prática pedagógica desenvolvida na UEE é concretizada em articulação entre docentes de educação especial e do ensino regular e outros técnicos da escola (terapeuta da fala, terapeuta ocupacional e fisioterapeuta). Os alunos que frequentam este espaço têm apoio direto, individualizado e especializado no espaço da UEE e nas salas de aula das suas turmas de referência. Os apoios dos técnicos são efetuados na UEE e numa sala de apoio da educação especial. Os profissionais que trabalham na UEE contam ainda com o apoio da equipa da Divisão de Acessibilidades e Ajudas Técnicas (DAAT), disponibilizando algum material para a sala e adaptação a nível informático.

1.4. Caracterização da relação entre os profissionais da UEE e a família

As famílias dos sete alunos que frequentam a UEE residem numa zona afastada do estabelecimento de educação e ensino. De acordo com a informação existente no processo individual dos alunos as suas famílias são oriundas de meios socioeconómicos descritos como desfavorecidos, e demonstram dificuldade em partilhar preocupações e necessidades. Na opinião dos profissionais deste espaço educativo, por vezes, estas famílias manifestam algum desconhecimento sobre a problemática dos seus educandos, exceto uma das famílias que apresenta um nível socioeconómico mais favorável. Todavia, a maioria dos encarregados de educação mostra-se interessada em conhecer o processo de aprendizagem dos seus filhos, comparece e participa nas reuniões para que são solicitados. No entanto, observam-se dificuldades em se envolverem efetivamente na educação dos seus filhos, sendo assinalada alguma falta de responsabilização, de cooperação com os profissionais e envolvimento ativo no processo de ensino e aprendizagem dos seus filhos.

Precisando um pouco mais esta relação, diremos que ao longo da nossa prática pedagógica nesta UEE constatamos que os pais das crianças que frequentam este espaço não participam de forma tão ativa na vida dos seus filhos NEE quanto desejávamos. Esta tomada de consciência surgiu após uma reflexão em conjunto com a colega de trabalho e o conselho escolar, onde se analisou as principais áreas prioritárias de intervenção. Nessa reunião concluímos que as famílias, quando solicitadas, envolvem-se pouco, ou raramente cooperam na educação escolar dos seus filhos. Isto é, as famílias dos alunos da UEE demonstram pouco interesse em participar na vida escolar dos seus filhos, e nem sempre realizam as atividades

escolares pré-estabelecidas, não havendo uma continuidade do trabalho realizado na sala UEE. Também têm dificuldade em atender aos pedidos dos docentes e técnicos.

Para caracterizar melhor esta situação, ou seja para se conhecer de uma forma mais precisa o modo como as famílias se envolvem no processo educativo dos/as seus/suas filhos/as, considerámos necessário saber o que pais e profissionais pensam sobre o assunto. Para o efeito conversámos com os profissionais da UEE e com as famílias dos alunos que usufruem do apoio desses profissionais, realizando entrevistas semiestruturadas. Apresentamos os resultados da análise do conteúdo dessas entrevistas, considerando a perspetiva dos pais e a perspetiva dos profissionais.

1.4.1. Relação existente entre a escola e a família

1.4.1.1. Perspetiva dos pais

A análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos pais revela que estes consideram importante existir cooperação entre eles e a escola, que devem ter um objetivo comum que se prende com a formação de cidadãos para o mundo e parecem estar conscientes que uma maior participação na educação dos filhos contribui para o progresso que eles poderão atingir, como se pode verificar na Tabela 8.

Tabela 8

Opinião dos pais sobre a relação escola/família

Categoria	Sub-categoria	Total
Relação escola e família – percepções	É importante existir cooperação	1
	Devem trabalhar para objetivos comuns	1
	Quanto mais participar mais progressos haverá	1

Relativamente à percepção que estas famílias têm sobre a relação existente entre a escola e a família, alguns pais fazem uma apreciação positiva e outros negativa acerca desta. Na apreciação positiva consideram ter uma boa relação com a escola sendo esta aberta, próxima, e de confiança e quando necessário contactam os professores. Apresentam uma boa comunicação com a escola e estão satisfeitos com as terapias disponibilizadas ao (à) filho(a) e com o trabalho desenvolvido pela escola demonstrando satisfação na relação em geral existente. Porém, um ou outro pai referiu que tem uma relação pouco próxima e existe uma fraca cooperação com a

escola, como se apresenta na Tabela 9. Consideram ainda existir alguns aspetos a melhorar na sua relação com a escola, pois devem ter mais disponibilidade para participar e acompanhar mais o(a) filho(a), de forma a estabelecer maior proximidade e falar pessoalmente com todos os profissionais.

Tabela 9

Relação escola/família - Apreciação dos pais

Categoria	Sub-categoria	Total
Apreciação positiva da relação existente entre a escola e a família	Satisfeito com o trabalho desenvolvido pela escola	14
	Boa relação com a escola	7
	Satisfeita com a relação que tem com a escola	7
	Satisfeito com as terapias disponibilizadas ao filho	3
	Relação próxima com a escola	2
	Relação de confiança com a escola	2
	Boa comunicação com a escola	1
	Relação aberta com a escola	1
	Contacto com os professores quando necessário	1
Aspetos a melhorar na relação com a escola	Ser mais participativo/a	3
	Estabelecer maior proximidade com os profissionais	2
	Ter mais disponibilidade para participar	2
	Ter mais disponibilidade para acompanhar o/a filho/a	2
	Acompanhar mais o(a) filho(a)	1
Apreciação negativa da relação existente	Conseguir falar pessoalmente com todos os profissionais	1
	Fraca cooperação com a escola	3
	Relação pouco próxima com a escola	2

1.4.1.2. Perspetiva dos profissionais

Os profissionais manifestaram ter uma opinião positiva sobre a relação escola/família, considerando-a importante e necessária, e que a escola e a família devem ter objetivos comuns em termos da educação das crianças (ver Tabela 10).

Tabela 10

Opinião dos profissionais sobre a relação escola/família

Categoria	Sub-categoria	Total
Opinião positiva sobre a relação escola / família	Relação muito importante e necessária	1
	Devem ter um objetivo comum: formar cidadãos para o mundo	1
Características da relação escola/família	Proximidade e disponibilidade	2
	Aceita as famílias sem as julgar	1
	Procura criar um ambiente confortável e envolvente	1

Na opinião dos profissionais a relação entre a escola a família é caracterizada como sendo próxima e disponível, que a escola aceita as famílias sem as julgar e que procura criar um ambiente confortável e envolvente, como se descreve na Tabela 10.

Em síntese, as opiniões dos pais e dos profissionais são semelhantes, ambos consideram ser muito importante e necessário o estabelecimento de uma relação positiva entre a escola e a família, e que ambas as instituições devem ter um objetivo comum que se prende com a formação de cidadãos para o mundo. Contudo, e como qualquer relação recíproca, cada instituição espera algo em troca.

1.4.2. Envolvimento e cooperação da família no processo educativo do filho

O conteúdo da entrevista realizada aos pais e aos profissionais permitiu-nos perceber como se caracteriza o envolvimento e a cooperação da família no processo educativo dos/as filhos/as.

1.4.2.1. Perspetiva de pais sobre a participação e o envolvimento

Os pais caracterizam a sua participação e envolvimento com a escola de forma distinta, uns afirmam participar de acordo com a disponibilidade e as solicitações da escola e que procuram dar continuidade ao trabalho da escola, outros afirmam ter pouca disponibilidade para participar nas atividades propostas, como se descreve na Tabela 11. Os pais disseram ainda que a escola atende às suas necessidades, que existe uma conversa franca entre ambas as instituições e que a comunicação acontece quando necessário. Porém, a apreciação que a maioria dos pais faz do seu envolvimento e participação é pouco positiva, como se descreve na Tabela 11, em parte decorrente da pouca disponibilidade que assinalaram ter. Apenas um dos pais refere existir um forte envolvimento.

Tabela 11

Opinião dos pais sobre o envolvimento e cooperação na educação dos seus filhos

Categoria	Sub-categoria	Total
Caraterísticas da participação e do envolvimento existente	Pouca disponibilidade para participar nas atividades propostas	16
	Participação de acordo com a disponibilidade e as solicitações	13
	Procura dar continuidade ao trabalho da escola	11
	Escola atende às necessidades da família	2
	Escola solicita a participação	2
	Conversa franca entre profissionais e família	2
	Contacto com os professores quando necessário	1
	Comunicação acontece quando necessário	1
Apreciação da participação e envolvimento existente	Fraca participação nas atividades	6
	Fraco envolvimento	2
	Forte envolvimento	1
	Participação passiva	1
	Deverá haver cooperação	1

Os pais afirmaram ter uma perceção positiva acerca do seu papel na educação e na promoção do desenvolvimento dos filhos, como se descreve na Tabela 12. Estes mencionaram ter um papel importante, consideram ser os primeiros e principais exemplos para o (a) filho (a) e ainda que são um complemento à educação escolar. Portanto, devem envolver-se e participar na educação dos filhos sendo e acompanhá-los dia a dia.

Tabela 12

Perceções dos pais acerca do seu papel na educação dos filhos

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Papel dos pais na educação dos filhos: perceções	Promoção do desenvolvimento dos filhos	4
	É importante	3
	São principais exemplos para o (a) filho (a)	2
	São os primeiros educadores	2
	Devem envolver-se e participar na educação dos filhos	1
	Complemento à educação escolar	1
	Acompanhamento dos filhos dia a dia	1

Na opinião dos pais, estes participam nas atividades promovidas pela escola, nomeadamente em reuniões incluindo as de avaliação, em festividades e outras atividades, como é o caso de ações de sensibilização e da semana cultural (Tabela 13).

Tabela 13

Atividades em que a família participa

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Atividades em que a família participa	Reuniões, incluindo as de avaliação	9
	Festividades	8
	Ações de sensibilização	1
	Semana cultural	1
	Atividades promovidas pela escola	1

Os pais referiram ainda quais as razões que os levam à escola, salientando-se: para falar acerca das necessidades do(a) filho(a), para conhecer a evolução do (a) filho(a) e para resolver problemas e participar nas reuniões (Tabela 14).

Tabela 14

Razões que levam a família à escola

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Razões que levam a família à escola	Falar sobre as necessidades do(a) filho(a)	2
	Conhecer a evolução do (a) filho(a)	2
	Resolver problemas	1
	Participar em reuniões	1

A opinião que os pais têm acerca da frequência com que se deslocam à escola é distinta, uns afirmam deslocar-se uma a duas vezes por mês, e outros fazem-no regularmente, ou apenas uma a duas vezes por período (ver Tabela 15).

Tabela 15

Frequência com que os pais se deslocam à escola

Categoria	Sub-categoria	Total
Frequência da ida à escola	Uma a duas vezes por mês	2
	Regularmente	1
	Uma a duas vezes por período	1

Os pais referem também que para comunicar com a escola utilizam basicamente a informação oral ou a comunicação através do telefone ou telemóvel. O uso de recados escritos e de mensagens escritas por telemóvel são formas menos comuns de comunicação, como se descreve na Tabela 16.

Tabela 16

Meios de comunicação utilizados pelos pais

Categoria	Sub-categoria	Total
Meios de comunicação usados entre a escola e a família	Telefone ou telemóvel	15
	Informação oral	14
	Recados escritos	8
	Mensagens escritas pelo telemóvel	3

1.4.2.2. Perspetiva dos profissionais sobre a participação e o envolvimento

A análise de conteúdo das entrevistas aos profissionais evidenciou que os profissionais têm uma opinião positiva face ao envolvimento das famílias no processo educativo de seus filhos, como se evidencia na Tabela 17.

Tabela 17

Opinião dos profissionais sobre o envolvimento e cooperação da família na educação dos filhos

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Opinião positiva face ao envolvimento das famílias na educação dos filhos	Tem um papel muito importante na educação dos filhos	4
	Existem objetivos comuns	3
	Colaboram no desenvolvimento integral dos filhos	3
	Preocupam-se com o bem-estar dos filhos	1
	Ajudam os filhos a assumir responsabilidades	1
	Ajudam os filhos a enfrentar desafios	1

Especificando, os profissionais entendem que a família tem um papel muito importante na educação dos filhos, preocupam-se com o bem-estar deles ajudando-os a assumir responsabilidades e a enfrentar desafios. Neste seguimento, os pais colaboram no desenvolvimento integral dos filhos, existindo alguns objetivos comuns.

Quanto à caracterização do envolvimento das famílias na escola os profissionais apresentam opiniões ambivalentes, descrevendo alguns aspetos positivos e outros negativos, como se ilustra na Tabela 18. Os aspetos positivos relacionam-se basicamente com: a disponibilização de informação sobre os filhos, o acreditar nas práticas desenvolvidas pelos profissionais na promoção da educação e desenvolvimento dos seus filhos, o diálogo com os profissionais sobre as problemáticas dos filhos e o seu desenvolvimento e necessidades. Dos aspetos mais negativos salienta-se a fraca cooperação e envolvimento com a escola.

Tabela 18

Características do envolvimento das famílias

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Características do envolvimento: aspetos negativos	Fraca cooperação e fraco envolvimento com a escola	8
	Papel passivo da família na educação dos filhos	3
	Escasso envolvimento nas atividades da escola	3
Características do envolvimento: aspetos positivos	Disponibilizam informação sobre os filhos	11
	Acreditam nos profissionais e nas suas práticas para promover a educação dos filhos	10
	Conversam sobre a patologia, o desenvolvimento e a estimulação dos filhos	3

Tabela 18

Características do envolvimento das famílias (cont.)

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Características do envolvimento: aspetos positivos	Esperam que as práticas dos profissionais promovam a educação dos filhos	2
	Têm um papel de escuta ativa a nível da informação sobre os filhos	2
	Colaboram na realização de trabalhos de casa	1
	Cooperação com os docentes	1
	Maior envolvimento das famílias mais estruturadas	1

A apreciação que os profissionais fazem sobre o que a família espera da escola e o que a escola espera da família não parece ser coincidente, como se descreve na Tabela 19.

Tabela 19

Opinião sobre o que as famílias esperam da escola e vice-versa

Categoria	Sub-categoria	Total
O que a família espera da escola	Permita que os filhos acompanhem a turma de referência	2
	Ensino de regras de comportamento aos filhos	1
	Promoção de situações de interação com os seus pares	1
	Desenvolvimento das capacidades de comunicação do filho	1
	Ensine os filhos a serem autónomos na alimentação	1
O que a escola espera das famílias	Maior envolvimento nas atividades propostas	3
	Partilha de informação sobre o sucesso dos filhos e as dificuldades sentidas	2
	Participação mais ativa	2
	Mais participação na implementação e monitorização dos objetivos delineados	2
	Mais participação no processo de avaliação	1
	Partilha de estratégias usadas com os filhos	1
	Mais disponibilidade para trocar informação	1
Continuidade no trabalho desenvolvido na escola	1	

Os profissionais consideram que as famílias esperam que a escola ensine as regras de comportamento aos filhos, que promova situações de interação com os seus pares, que os seus filhos acompanhem a sua turma de referência, desenvolvendo assim o seu processo de aprendizagem a um ritmo paralelo com os demais. E ainda que a escola desenvolva as capacidades comunicativas dos filhos, de modo a facilitar a relação com o mundo e que os ensine a serem autónomos na sua alimentação.

Por outro lado, a escola deseja que a família partilhe informação relativamente ao sucesso e dificuldades sentidas pelas crianças, pois só desta forma a escola consegue adaptar e melhorar as técnicas e métodos de ensino às suas

especificidades; que a família participe mais na implementação e monitorização dos objetivos delineados, ou seja, os pais devem acompanhar de forma mais próxima os objetivos estipulados para a educação dos/as filhos/as; que a família participe mais nas atividades propostas, pois tanto a escola como a família apresentam a percepção de que o nível de participação não é satisfatório; que a família partilhe as estratégias utilizadas com os filhos para se compreender se são as melhores para promover o desenvolvimento; que a família tenha mais disponibilidade para participar nas atividades solicitadas pela escola (sejam reuniões, festividades, ações de sensibilização, etc.); e que a família dê continuidade ao trabalho em casa, demonstrando assim o seu interesse e preocupação com a educação dos filhos. Portanto, é possível verificar que o que os pais esperam da escola é diferente do que a escola espera das famílias.

Outro aspeto referido pelos profissionais correspondeu aos procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola. Os profissionais revelaram fazer o levantamento das necessidades e carências das famílias, articulando com os pais para não haver o agravamento da situação e recorrer a medidas de ajuda, de incentivo, como se descreve na Tabela 20.

Tabela 20

Procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola	Levantamento das necessidades e carências	2
	Articulação com os pais	1
	Prevenção do agravamento da situação	1
	Recurso a medidas de ajuda, incentivo	1

Os profissionais descreveram ainda os assuntos que habitualmente tratam com as famílias, destacando-se os aspetos relativos ao desenvolvimento dos filhos, bem como os seus progressos e sucessos e as dificuldades apresentadas. Estes aspetos estão descritos na Tabela 21.

Tabela 21

Assuntos abordados pelos profissionais com as famílias

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Assuntos abordados com as famílias	Progressos e sucessos dos filhos	4
	Trabalho desenvolvido na escola	2
	Dificuldades apresentadas pelos filhos	1

Em síntese, os pais e os profissionais apresentam percepções nem sempre coincidentes sobre o seu envolvimento e participação na vida escolar dos seus filhos. Ambos apresentam algumas preocupações em termos da cooperação e envolvimento dos pais na educação dos filhos, sendo que a família tenta participar no que lhe é possível, tal como é defendido pelos profissionais, apresentando ao mesmo tempo a consciencialização de que essa participação não é suficiente, devendo ser alvo de mudança, de modo a que possa ser superior à que se verifica na atualidade.

1.4.3. Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais

Analisemos agora as barreiras ao envolvimento e à cooperação dos pais assinaladas pelos pais e profissionais nas entrevistas realizadas.

1.4.3.1. Perspetiva de pais sobre as barreiras existentes

Na perspetiva dos pais as principais barreiras ao envolvimento e à cooperação com a escola relacionam-se com aspetos familiares, sendo de destacar a distância física existente entre a escola e a residência e o facto de o seu horário de trabalho ser muito extenso, o que condiciona a sua disponibilidade para se envolver mais na educação dos seus filhos. A composição do agregado familiar e a falta de disponibilidade foram outras barreiras referidas pelos pais entrevistados, como se ilustra na Tabela 22. Porém, alguns pais consideram não haver quaisquer barreiras ao seu envolvimento, referindo ser fácil aceder aos profissionais.

Tabela 22

Barreiras que os pais sentem no envolvimento e cooperação com a escola

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Relacionadas com a família	Distância física entre a escola e a residência	13
	Horário de trabalho	7
	Número de descendentes no agregado familiar	4
	Pouca disponibilidade	3
	Escassez de recursos financeiros	2
	Falta de tempo	2
	Falta de conhecimentos	1
Inexistência de barreiras	Baixas expetativas face ao/à filho/a	1
	Fácil acesso aos profissionais	4
	Sem barreiras ao envolvimento e cooperação com a escola	2

1.4.3.2. Perspetiva dos profissionais sobre as barreiras existentes

Os profissionais também centram as barreiras ao envolvimento e à cooperação entre a família e a escola nas questões familiares, embora as razões sejam algo distintas das referidas pelos pais. Por exemplo, os profissionais exaltam o facto de o pais terem expectativas baixas sobre os filhos, como se observa na Tabela 23. Realçamos também o facto de algumas das barreiras coincidirem com as referidas pelos pais, como é o caso da falta de tempo dos pais e o seu horário laboral. Os profissionais assinalaram ainda constrangimentos relacionados com a escola, os quais não foram mencionados pelos pais.

Tabela 23

Envolvimento da família com a escola: constrangimentos sentidos pelos profissionais

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Constrangimentos relacionados com a organização da escola	Inexistência de momentos comuns	1
	Número elevado de escolas e crianças por técnico	1
Constrangimentos relacionados com a família	Expectativas baixas dos pais face aos filhos	9
	Falta de tempo dos pais	7
	Horário laboral das famílias	6
	Desinteresse dos pais pela educação dos filhos	3
	Falta de participação ativa dos pais	1
	Falta de motivação dos pais	1
	Falta de transporte	1
	Morada distante da escola	1
	Falta de condições económicas	1
	Baixa escolaridade dos pais	1
Não dão valor à escola	1	

Alguns profissionais mencionaram existir poucas barreiras ao envolvimento das famílias e que os pais têm dificuldades em ultrapassar as barreiras existentes. Porém, quando questionados sobre as dificuldades relacionadas com a participação das famílias, voltaram a referir nas entrevistas que as dificuldades se relacionam com a falta de disponibilidade e de interesse das famílias, bem como com a deslocação à escola, como ilustra a Tabela 24.

Tabela 24

Dificuldades sentidas na participação das famílias

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	Total
Dificuldades encontradas na participação das famílias	Falta de disponibilidade das famílias	10
	Falta de interesse	6
	Deslocação à escola	2
	Pouca iniciativa no conhecimento do trabalho e objetivos	1
	Dificuldades em dar continuidade do trabalho em casa	1

Para tentar ultrapassar as barreiras existentes ao envolvimento das famílias os profissionais fizeram algumas sugestões, as quais passam sobretudo pela tentativa de envolver mais os pais nas tomadas de decisão sobre os seus filhos, em ouvi-los e definir um horário de atendimento logo no início do ano letivo. Salientam ainda a importância de promover uma comunicação mais frequente junto das famílias, de modo a que estas se envolvam mais nas atividades escolares. Estas e outras sugestões estão descritas na Tabela 25.

Tabela 25

Sugestões para ultrapassar os constrangimentos entre a escola e a família

Categoria	Sub-categoria	Total
Sugestões para ultrapassar os constrangimentos existentes	Envolver as famílias na tomada de decisão sobre a educação do filho	5
	Auscultar os pais no início do ano	5
	Estabelecer um horário específico no início do ano	4
	Promover a comunicação junto das famílias menos participativas	3
	Comunicar mais frequentemente com as famílias	2
	Envolver os técnicos no apoio à família	2
	Realização de ações de sensibilização	2
	Flexibilização do horário de atendimento às famílias	2
	Solicitação da colaboração das famílias	1
	Valorização da participação das famílias	1
	Partilha de evidências dos progressos dos filhos	1
	Promoção de atividades festivas	1

Concluimos que pais e profissionais desejam que as crianças tenham a melhor educação possível, sendo que os pais detêm o papel mais importante na evolução da criança.

1.4.4. Necessidades e dificuldades sentidas pelas famílias

Na opinião dos pais as necessidades e as dificuldades sentidas relacionam-se com duas dimensões: a educação do(a) filho (a) e a escola, como se observa na Tabela 26.

Tabela 26

Necessidades e dificuldades dos pais na educação dos filhos

Categoria	Sub-categoria	Total
Necessidades relacionadas com a educação do filho	Obter orientação sobre como agir com o (a) filho(a)	4
	Ter paciência	3
	Obter mais apoio e compreensão	2
	Necessidades financeiras	1
	Necessidades de informação	1
Dificuldades relacionadas com a educação do(a) filho (a)	Dificuldade em lidar com o comportamento do/a filho /a	16
	Dificuldade em compreender o(a) filho(a)	4
	Dificuldade em lidar com a problemática do filho	3
	Dificuldades relacionadas com os cuidados diários	3
	Dificuldades económicas	2
	Comportamento difícil em contexto familiar	1
	Dificuldades em comunicar com a minha (meu) filha (o)	1
Necessidades e dificuldades relacionadas com a escola	Ter uma escola mais perto	6
	Obter mais apoio e compreensão	3
	Haver mais disponibilidade para os pais	2
	Conseguir falar com os professores com mais facilidade	1
	Ter acompanhamento do/a filho/a durante as férias	1
	Dificuldade em responder a todas as solicitações	1
	Aproximar o espaço geográfico da UEE com a escola	1
	Sem dificuldades	1

Quanto à educação do/a filho/a consideram ser necessário ter paciência para o/a educar, ter orientação sobre como agir com o/a filho/a, obter mais apoio e compreensão, para além de necessidades financeiras e de acesso a informação. Relativamente às dificuldades sentidas, os pais referem ter, normalmente, dificuldade em compreender e lidar com o comportamento do/a filho/a e a sua problemática. Seguem-se dificuldades ligadas à comunicação com o/a filho/a devido ao comportamento difícil no contexto familiar. Referem ainda dificuldades económicas e outras relacionadas com os cuidados diários do/a seu/sua filho/a.

No que às necessidades e dificuldades relacionadas com a escola diz respeito os pais consideram que seria importante haver mais facilidade e disponibilidade para falar com os professores e obter mais apoio e compreensão. Gostavam também de ter uma escola mais perto da sua residência, aproximando o espaço geográfico da UEE

com a escola e que o/a filho/a tivesse acompanhamento durante as férias. Apresentam dificuldade em responder a todas as solicitações.

1.4.5. Perceções sobre as práticas utilizadas para promover o envolvimento e cooperação com as famílias

Observemos agora as perceções dos profissionais sobre as práticas utilizadas para promover o envolvimento e cooperação entre as famílias e a escola. Para o efeito iremos descrever as estratégias usadas; as situações em que o promovem e quais as atividades preferidas pelas famílias; os meios de comunicação usados, a frequência dos contactos e as circunstâncias em que acontecem. Começemos pelas estratégias.

Para promover o envolvimento e a cooperação entre famílias e a escola, os profissionais disseram recorrer a diversas estratégias, sobretudo, à realização de reuniões, à partilha de informação e saberes entre profissionais, e ainda ao envio de convites e à cedência do contacto telefónico pessoal. Para além destas estratégias apontaram outras que se encontram descritas na Tabela 27.

Tabela 27

Estratégias utilizadas para promover o envolvimento e cooperação das famílias na escola

Categoria	Sub-categoria	Total
Estratégias utilizadas	Realização de reuniões	6
	Partilha de informações e de saberes entre profissionais	6
	Envio de convites	4
	Cedência do contacto telefónico pessoal	3
	Mostrar disponibilidade	2
	Levantamento das necessidades das famílias na educação dos filhos	2
	Orientações às famílias	2
	Aconselhamento de estratégias a usar	1
	Uso de uma página nas redes sociais	1
	Escrita de recados	1
	Desenvolvimento de ações de sensibilização	1
	Disponibilização de um horário de atendimento	1
	Utilização do diálogo para comunicar com os pais	1

Os profissionais afirmaram ainda que solicitam a colaboração da família em várias situações: adquirir informação sobre o/a filho/a, marcar consultas de especialidade, participar em: reuniões para dar informação sobre a avaliação por período e decidir o encaminhamento do/a filho/a, e eventos relacionados com épocas festivas, para além de outras situações descritas na Tabela 28.

Tabela 28

Situações que os profissionais solicitam a colaboração da família

Categoria	Sub-categoria	Total
Situações em que é solicitada a colaboração da família	Esclarecimento de dúvidas relativas à saúde dos filhos	8
	Marcação de consultas de especialidade	6
	Reuniões para dar informação sobre a avaliação por período	6
	Participação em épocas festivas	3
	Ações de sensibilização	2
	Reuniões para decidir o encaminhamento	1
	Aquisição de produtos de apoio	1
	Realização de trabalhos de casa	1
	Entrevista para adquirir informação	1

Do conjunto de situações em que os pais são chamados a participar, os profissionais consideram que estes preferem participar nas festas e nas situações de contacto informal. Referenciam outras preferências as quais se encontram descritas na Tabela 29.

Tabela 29

Preferência de atividades pelas famílias

Categoria	Sub-categoria	Total
Atividades preferidas pelas famílias	Festas	4
	Situações informais	2
	Reuniões de avaliação	1
	Pouco interesse por outras atividades	1
	Avaliação diagnóstica e elaboração da anamnese	1
	Decisões sobre o encaminhamento dos filhos	1
	Situações de convívio	1
	Ações de sensibilização	1
	Conversas sobre o trabalho desenvolvido com o filho	1

Os profissionais referem que para comunicar com as famílias utilizam mais frequentemente os contactos telefónicos, a conversa diária e a informação escrita através do caderno de recados e da caderneta escolar. Consideram que recorrem a outros meios de comunicação, mas eventualmente com menor frequência, como se indica na Tabela 30. Concluímos que os profissionais parecem usar diversos meios de comunicação com as famílias, destacando-se três modalidades: a voz a distância, a presença física e a informação escrita.

Tabela 30

Meios de comunicação utilizados entre a escola e a família

Categoria	Sub-categoria	Total
Meios de comunicação usados com as famílias	Contatos telefónicos	11
	Conversa diária	8
	Informação escrita: Caderneta escolar	5
	Informação escrita: Caderno de recados	4
	Reuniões	2
	Diálogo com os pais	2

Os profissionais mencionam que contactam com as famílias com uma frequência variável, não existindo uma frequência estipulada, podendo acontecer no início do ano letivo, ou ser semanal, bissemanal ou mensal, destacando a referência à situação “Sempre que exista necessidade”, como se descreve na Tabela 31.

Tabela 31

Frequência dos contactos realizados entre a escola e a família

Categoria	Sub-categoria	Total
Frequência dos contatos escola/família	Sempre que exista necessidade	4
	Mensalmente	3
	Semanais ou bissemanais	2
	No início do ano lectivo	2
	No final de cada período	2
	Regularmente	2
	Sem frequência fixa	1

Segundo os profissionais as circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias é, sobretudo, para tratar de assuntos relacionados com os filhos, destacando-se o comunicar os sucessos e dificuldades dos filhos, os seus comportamentos, e o trabalho realizado, entre outras (ver Tabela 32).

Tabela 32

Circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias

Categoria	Sub-categoria	Total
Circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias	Comunicar sucessos e dificuldades dos filhos	5
	Falar sobre o comportamento	3
	Compreender o trabalho realizado com os filhos	3
	Pedir a colaboração dos pais para continuar o trabalho da escola	2
	Partilha de informação	2
	Conversar sobre as estratégias utilizadas	1
	Conhecer a opinião dos pais sobre o trabalho desenvolvido	1
	Falar sobre a assiduidade	1
	Avaliar as situações	1

Na opinião dos profissionais as razões que levam a família a envolver-se com a escola, são de alguma forma coincidentes com as situações antes descritas, mas um pouco distintas. Por exemplo, aprender a lidar com o filho foi a situação mais frequentemente referida, bem como o pedir ajuda, o encontrar respostas adequadas às suas necessidades e conversar sobre essas necessidades. Foram ainda mencionadas outras circunstâncias as quais apresentamos na Tabela seguinte.

Tabela 33

Razões que levam a família a envolver-se com a escola

Categoria	Sub-categoria	Total
Razões que levam a família a envolver-se com a escola	Aprender a lidar com o filho	9
	Pedir ajuda	4
	Encontrar respostas adequadas às suas necessidades	3
	Conversar sobre as dificuldades sentidas	3
	Manter uma relação direta e de cooperação	2
	Conversar sobre os sucessos dos filhos	1
	Analisar a inclusão dos filhos	1
	Conhecer o trabalho realizado na escola	1
	Dar continuidade ao trabalho realizado na escola	1
	Trocar informações	1
	Conversar sobre produtos de apoio	1
	Valorização do filho	1
	Receber acompanhamento especializado	1

Em síntese, os resultados de ambas as entrevistas (dos pais e dos profissionais) convergem em alguns aspetos. Consideram que existem objetivos comuns por parte dos pais e da escola; que os pais detêm um papel muito importante na educação dos filhos, ideia que é partilhada tanto pelos pais como pelos profissionais; que os pais se preocupam com o bem-estar dos filhos e que os ajudam a assumir as suas responsabilidades e diversos desafios; e que os pais colaboram no desenvolvimento integral dos filhos.

Analisando as estratégias utilizadas estas podem ser resumidas da seguinte forma: realização de reuniões às quais a família comparece sempre que tem disponibilidade; cedência do contacto telefónico pessoal, o qual é utilizado na comunicação entre os profissionais e os pais sempre que se verifique essa necessidade; preenchimento do questionário da anamnese; realização da avaliação da criança; convite à participação dos pais; aconselhamento de estratégias a usar no dia-a-dia e orientações à família de como lidar com a criança; partilha de informações fulcrais para o desenvolvimento da criança; escrita de recados de modo a estabelecer a comunicação entre pais/profissionais; desenvolvimento de ações de sensibilização;

disponibilização de um horário de atendimento, o qual por vezes não é satisfatório devido à falta de tempo e disponibilidade dos pais por motivos relacionados com o horário laboral; e utilização do diálogo para comunicar com os pais, o que na opinião de ambos os grupos é bastante mais vantajoso para a educação e desenvolvimento da criança, pois a relação é mais próxima.

No entanto, e apesar de nas entrevistas realizadas aos profissionais ser visível que estes têm disponibilidade e que procedem ao levantamento das necessidades da família na educação dos filhos, nas entrevistas realizadas aos pais os resultados são divergentes. No primeiro caso, que está relacionado com a disponibilidade dos profissionais, os pais, e de forma geral, afirmam que a disponibilidade apresentada pelos mesmos não é tão satisfatória como é afirmado nas entrevistas, pois consideram ser bastante difícil estabelecer um contato pessoal com eles. Já no segundo caso, o levantamento das necessidades das famílias na educação dos filhos não é referido, sendo apenas abordadas as necessidades que as famílias sentem na educação dos filhos, as quais correspondem a aspetos de compreensão do comportamento dos filhos, de necessidades económicas, de falta de informações na forma de lidar com os filhos e de falta de paciência devido ao difícil comportamento dos filhos.

Em termos de procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola, os que convergem em ambas as entrevistas dos dois grupos são a cooperação com os docentes. Embora os pais afirmem que não colaboram muito, apresentam a perceção de que deverão melhorar essa cooperação e articulação. Por outro lado, os profissionais parecem preocupar-se em incentivar os pais na educação dos filhos, e dizem recorrer a estratégias que procuram ajudar as famílias e a incentivá-los a uma participação mais ativa e próxima. Por sua vez, nos assuntos abordados com as famílias existe convergência entre os pontos de vista dos profissionais e o dos pais. Ambas as respostas referem temáticas ligadas aos progressos e sucessos dos filhos, ao trabalho desenvolvido na escola, aos métodos de ensino avançados e às dificuldades apresentadas pelos filhos.

Relativamente às atividades em que é solicitada a colaboração da família, e ainda que existam algumas bastante específicas por parte dos profissionais, de um modo geral todos os pais mencionam que são sensivelmente às seguintes: entrevistas para adquirir informação; reuniões para dar informação sobre a avaliação da criança em cada período do ano letivo; reuniões para decidir o encaminhamento da educação da criança; participação em épocas festivas; realização de trabalho de casa; ações de

sensibilização; marcação de consultas de especialidade (mais enfatizada nas entrevistas dos profissionais); esclarecimento de dúvidas sobre a saúde da criança e aquisição de produtos de apoio (o que nem sempre é possível de ser efetuado pela família devido às necessidades económicas sentidas).

No entanto, em termos de dificuldades encontradas na participação das famílias os resultados são os mesmos em ambos os grupos. As dificuldades remetem para: a falta de disponibilidade por parte dos pais, resultante do horário excessivo de trabalho, a falta de interesse (ainda que não seja diretamente abordado pelos pais), a pouca iniciativa no conhecimento do trabalho e objetivos, a dificuldade na deslocação à escola (que é bastante longe) e as dificuldades em dar continuidade ao trabalho em casa pelas mesmas razões abordadas anteriormente (falta de disponibilidade e horário excessivo de trabalho).

Também se verifica uma total convergência nos resultados relativos às atividades preferidas pelas famílias e aos meios de comunicação usados, o que demonstra que os pais e os profissionais apresentam a mesma interpretação relativamente à amplitude da colaboração nas atividades e aos meios de comunicação que são utilizados. De facto, as atividades que as famílias mais preferem são: as festas, as reuniões de avaliação, a avaliação diagnóstica e a elaboração da anamnese, as decisões sobre o encaminhamento dos filhos, as situações de convívio, as situações informais, as ações de sensibilização e as conversas sobre o trabalho desenvolvido com o filho. Já os meios de comunicação utilizados são os contatos telefónicos, o que ocorre frequentemente, a realização de reuniões, a utilização do caderno de recados e da caderneta escolar, a conversa diária e os diálogos com os pais. Em termos de frequência de comunicação entre família e os profissionais, os resultados são também convergentes, estabelece-se apenas quando existe essa necessidade de comunicação, semanalmente ou bissemanalmente, mensalmente, no final de cada período, regularmente ou no início do ano letivo.

Na análise das circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias verificam-se algumas discrepâncias nos resultados, sendo que os fatores comuns em ambos os grupos são os seguintes: falar sobre o comportamento dos filhos, conversar sobre as estratégias utilizadas na educação das crianças, avaliar as situações, compreender o trabalho que os profissionais realizam com os filhos, conhecer a opinião do pais relativamente a esse mesmo trabalho desenvolvido, pedir a colaboração dos pais na continuação do trabalho em casa, comunicar os sucessos e

dificuldades dos filhos e partilhar a informação que se compreenda como sendo importante para a outra parte envolvida. Em contrapartida, é analisada a situação inversa, ou seja, são analisadas as razões que levam a família a envolver-se com a escola, sendo que mesmo que essas razões não sejam abordadas diretamente pelas famílias nas entrevistas estas encontram-se subentendidas ao longo das respostas dadas. As respostas obtidas neste ponto são as que se seguem: a família está motivada para se envolver com a educação dos filhos; conversar sobre os produtos de apoio que são necessários para o desenvolvimento educativo da criança; trocar de informações sobre questões de saúde; conversar sobre os sucessos dos filhos; analisar a inclusão dos filhos na escola; conhecer todo o trabalho realizado na escola; dar continuidade a esse mesmo trabalho em casa; aprender a lidar com o filho através das estratégias fornecidas pelos profissionais; trocar informações relevantes; conversar sobre as dificuldades sentidas de modo a obterem mais apoio; manter uma relação o mais direta possível e de cooperação com a escola; valorização do filho e receber um acompanhamento mais especializado de acordo com as necessidades das crianças.

Em termos da colaboração que é solicitada às famílias, estas basicamente estão ligadas às dificuldades que os pais apresentam como estando presentes no dia-a-dia, remetendo-se às áreas da autonomia pessoal, da alimentação, da higiene e do cumprimento de regras.

Um aspeto convergente em ambos os grupos é a consciência de que a relação entre a família e a escola necessita de sofrer algumas modificações. No caso dos pais, em termos gerais estes responderam que a escola deveria ser mais perto da sua residência, que deveria de existir mais disponibilidade da sua parte no acompanhamento dos filhos, que deveriam procurar manter-se sempre bem informados relativamente a todos os aspetos da educação das crianças e que deveriam participar muito mais nas atividades propostas pela escola. Os profissionais apresentam respostas convergentes com as dos pais no sentido de que é necessária uma maior proximidade entre ambas as instituições: escola e família, uma maior participação por parte dos pais, uma constante partilha de informações de modo a que os pais possam seguir e acompanhar todas as evoluções dos filhos, uma maior colaboração com o trabalho da escola e uma valorização de todo o trabalho que é realizado com os alunos.

Não obstante, é fundamental acrescentar que os profissionais também forneceram certas respostas que demonstram a percepção relativamente às necessidades sentidas pelos pais, sendo estas divididas em duas categorias: apoio social, pois os pais carecem do apoio do educador social, e orientação e aconselhamento na educação do filho, pois necessitam de orientação na educação da criança, de aconselhamento na educação e nas rotinas e de cumprir os objetivos delineados pela equipa.

2. Identificação do problema e objetivos do projeto

2.1. Identificação do problema

Face às especificidades dos alunos que frequentam a UEE anteriormente descrita, consideramos importante promover um maior envolvimento destas famílias no processo educativo dos seus filhos. Segundo Davies (1989) e Epstein (1990) os pais que colaborarem com a escola tendem a enriquecer a imagem dos filhos, a aumentar as expectativas face à escola, a adquirir novas competências educacionais melhorando as suas práticas educativas familiares e a estabelecer relações mais calorosas e participativas com o professor que o estimula como pessoas e cidadãos. Assim, entendemos ser útil existir colaboração entre as famílias e os profissionais de educação, e ajudar a organizar respostas adequadas às necessidades educativas dos seus filhos. Por outro lado, a escola pode e deve promover uma maior aproximação entre a família e a escola, no sentido de poder responder também às necessidades específicas destas famílias.

No ano letivo 2012/2013, a autora do estudo foi colocada na UEE para exercer funções de docente especializada com alunos com problemáticas de carácter permanente. Esta função constituiu uma nova etapa e um grande desafio enquanto profissional de educação.

Com base na nossa experiência profissional, verificamos que muitas vezes a realidade observada, relativamente ao envolvimento, à participação ativa e à cooperação das famílias no processo educativo do/a filho/a, contradiz o que a investigação sugere como práticas eficazes, bem como com a legislação e os princípios definidos nos documentos orientadores da escola, como é o caso do Projeto Educativo (PE). A título de exemplo, salientamos que a legislação da educação

especial protagoniza, no Decreto Lei n.º 3/2008, no artigo 26º, no ponto 3 e), o regular envolvimento e participação das famílias no processo educativo do seu filho, nomeadamente na elaboração do PEI. Quer dizer que a nossa experiência profissional indica-nos que essa participação e envolvimento se resumem, frequentemente, à mera assinatura deste documento. Neste seguimento, consideramos que as famílias, quando solicitadas, envolvem-se pouco ou raramente cooperam na educação dos seus filhos, referindo que têm pouca disponibilidade, falta de tempo para participar nas atividades propostas, como ilustra a análise efetuada às entrevistas realizadas e anteriormente apresentada. Isto é, as famílias dos alunos que frequentam a UEE demonstram pouco interesse ou disponibilidade em participar na vida escolar dos seus filhos, e nem sempre desenvolvem as atividades escolares pré-estabelecidas, embora tentem dar continuidade do trabalho realizado na UEE. As famílias desses alunos são oriundas de meios socioeconómicos desfavorecidos e parecem ter dificuldades em partilhar preocupações, necessidades e, por vezes, manifestam algum desconhecimento sobre a problemática dos seus educandos. Parecem precisar de mais apoio e compreensão por parte da escola.

Face a este contexto e à importância que a família pode desempenhar no sucesso escolar de crianças com NEE, incluindo os que apresentam multideficiência, consideramos importante desenvolver um projeto que possa contribuir para envolver de forma mais ativa as famílias dos alunos que frequentam a UEE e tentar tornar mais eficaz a cooperação entre a escola a família desses alunos.

Esta tomada de consciência surgiu após observação e reflexão conjunta com a minha colega de trabalho e o conselho escolar, onde se analisou as principais áreas prioritárias de intervenção. Nessa altura concluímos que as famílias, quando solicitadas, envolvem-se pouco ou raramente cooperam na educação dos seus filhos. Isto é, essas famílias demonstram pouco interesse em participar na vida escolar dos seus filhos, delegam a educação deles para os diferentes intervenientes no processo educativo e nem sempre cumprem com as atividades escolares pré-estabelecidas, não havendo uma continuidade do trabalho realizado na sala UEE.

Consideramos que na escola, a presença dos encarregados de educação não deve ser somente no momento da entrega das classificações, deve decorrer de uma prática consistente e contínua ao longo do ano letivo, o que não acontece frequentemente na sala da UEE, como se observou nos dados resultantes das entrevistas realizadas. É importante que o encarregado de educação acompanhe de

perto o percurso do seu filho e se envolva o mais possível no mesmo, o que implica serem postas em prática estratégias que possam ajudar neste processo. As famílias dos alunos que frequentam a UEE parecem ter dificuldades na deslocação à escola, devido a vários fatores: localização da morada, horário de trabalho excessivo e famílias algo numerosas. Estas circunstâncias aliadas ao facto de serem oriundas de meios socioeconómicos desfavorecidos, parecem trazer-lhes dificuldades na partilha de preocupações, algum desconhecimento sobre como se relacionar com os seus educandos. Estes aspetos constituem obstáculos que se fazem sentir na relação destas famílias com a escola. Por outro lado, a escola também parece não estar a desenvolver as práticas mais eficazes para procurar envolver estas famílias na escola.

Perante este contexto e atendendo à importância que a família pode desempenhar no sucesso escolar de crianças com NEE, incluindo os que apresentam problemáticas mais complexas, entende-se importante desenvolver um projeto que procure contribuir para envolver de forma mais ativa as famílias de alunos que frequentam a UEE e tornar mais eficaz a cooperação entre escola e famílias. Assim, questionamos: será que o desenvolvimento de um plano de intervenção específico para pais contribui para promover o seu envolvimento e a participação na vida escolar dos seus filhos com NEE?

2.2. Descrição dos objetivos do projeto e questões orientadoras

Com base na caracterização que fizemos do contexto educativo e do problema acima formulado, consideramos importante desenvolver um projeto de intervenção que contribua para a melhoria da relação Escola/Família. Entendemos ser possível aprimorar as práticas por nós desenvolvidas com as famílias, a fim de promover um maior envolvimento e cooperação entre as famílias dos alunos que frequentam a UEE e os profissionais que trabalham neste espaço, nomeadamente os docentes. Assim, colocamos a seguinte hipótese de ação para o presente estudo: a organização e implementação de um programa de intervenção dirigido a pais, centrado, de certa forma, nos seus interesses, contribui para um maior envolvimento e cooperação entre as famílias de alunos com problemáticas complexas e os profissionais da UEE. Por conseguinte, propomos desenvolver um projeto de intervenção subordinado ao tema “Envolvimento e cooperação das famílias no processo de ensino e aprendizagem de filhos que frequentam uma Unidade de Ensino Especializado”.

Face ao contexto descrito definimos como objetivo geral para o projeto de intervenção: Promover o envolvimento e a cooperação entre as famílias e os profissionais da UEE, particularmente os docentes. Ou seja, com este projeto procuramos contribuir para uma maior cooperação e um envolvimento mais ativo das famílias no trabalho desenvolvido pelos profissionais da UEE. Tentaremos disponibilizar aos pais um conjunto de atividades dinamizadas pelos profissionais da sala da UEE, no sentido de promover a cooperação e o envolvimento dos mesmos no processo de ensino e aprendizagem dos filhos.

Tendo por base as finalidades expressas, definimos como objetivos específicos do projeto de intervenção: i) Promover a interação entre pais e filhos no contexto escolar e familiar; ii) Responder às necessidades manifestadas pelos pais relativamente à gestão de comportamentos dos filhos e ao processo de comunicação; iii) Envolver a família no processo de avaliação do seu educando, promovendo a sua colaboração neste processo e iv) Partilhar com a família o trabalho realizado pelos filhos na escola.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este capítulo dedicado à fundamentação teórica do presente trabalho encontra-se estruturado em dois tópicos principais: um mais relacionado com a análise das crianças e jovens com multideficiência e um outro focado na articulação entre a escola e a família. Quanto ao primeiro analisamos o conceito de multideficiência, bem como as características e necessidades de crianças e jovens com esta condição, e ainda a organização das respostas educativas existentes no ensino regular para este grupo específico de alunos, nomeadamente a utilidade das UEE. Quanto ao segundo tópico estudamos conteúdos ligados à relação escola – família, particularmente a participação e o envolvimento da família na educação dos filhos, iniciando-se pela explicitação dos conceitos de participação e envolvimento, seguindo-se a análise dos tipos de participação e envolvimento das famílias, a cooperação entre profissionais, as possíveis barreiras ao envolvimento das famílias na escola, as necessidades das famílias de crianças e jovens com NEE e o apoio a famílias de crianças e jovens com NEE. Concluimos o presente capítulo com a apresentação de algumas estratégias promotoras do envolvimento e participação da família na escola. Entendemos que a análise destes tópicos nos ajudam a compreender as características da situação existente na UEE estudada, assim como encontrar algumas respostas para a problemática apresentada.

1. Crianças e jovens com multideficiência

1.1. Explicitação do conceito de multideficiência

Antes de nos focarmos na análise específica do conceito de multideficiência gostaríamos de assinalar que a Organização Mundial de Saúde apresenta atualmente uma classificação dos indivíduos que possuem algum tipo de incapacidade ou doença incapacitante, numa perspetiva centrada num modelo social, o qual reforça a interação que existe entre os aspetos de saúde física e os fatores ambientais e pessoais. Esta perspetiva propõe a observação dos indivíduos com algum tipo de incapacidade no seu meio social e procura analisar as suas capacidades e a possibilidade de serem pessoas ativas e colaborantes com esse mesmo meio. Neste sentido, a situação de deficiência é agora entendida como um conceito complexo e multidimensional, que

não pode ser entendido como uma realidade estanque, mas um processo em evolução (World Health Organization & The World Bank, 2011). Assim, independentemente das limitações nas funções e estruturas do corpo que cada sujeito apresente, é importante que os ambientes proporcionem oportunidades de a pessoa poder: i) viver experiências significativas, ii) participar de forma ativa em situações diversificadas e iii) ser autónomo, de forma a não se sentir excluído da sociedade.

Com esta perspetiva em mente, diremos que as crianças e jovens com multideficiência apresentam necessidades educativas especiais de carácter permanente (NEEcp) devido à conjugação de limitações em diversas funções e estruturas do corpo, nomeadamente limitações cognitivas associadas a outras de natureza motora e ou sensorial. A estas limitações podem ainda associar-se dificuldades a nível dos fatores ambientais, que funcionam como barreiras ao seu desenvolvimento e funcionamento nos diferentes contextos. As limitações nas funções e estruturas do corpo podem ser mais ou menos graves, pelo que este é um grupo de crianças e jovens com níveis de funcionamento e capacidades muito distintas (Amaral & Nunes, 2008; Nunes, 2012).

Por conseguinte o conceito de multideficiência é utilizado frequentemente para referenciar pessoas que possuem mais do que uma deficiência grave. Bairrão e seus colaboradores (1998) consideram que estas pessoas apresentam problemas de baixa frequência e alta intensidade, e exigem mais recursos especializados, por exemplo a nível das necessidades educativas e de autonomia, por apresentarem quadros mais complexos.

Globalmente, as pessoas com multideficiência caracterizam-se por serem um grupo heterogéneo, podendo estas ser agrupadas em subgrupos, considerando a idade, as suas capacidades e necessidades (Downing & Eichinger, 2008). Saliencia-se que a magnitude da condição das pessoas com multideficiência diverge consoante os diferentes autores consultados, como se expressa através da análise da Tabela 34.

Tabela 34

Definições de Multideficiência, (Autoria Própria)

Autores	Definição de Multideficiência
Orelove & Sobsey (1996) Orelove, Sobsey & Siberman (2004)	<ul style="list-style-type: none"> • Os indivíduos apresentam limitações intelectuais acentuadas, exigindo um acompanhamento permanente. • Maiores limitações a nível sensorial e motor, que implicam cuidados de saúde específicos.
Cloninger (2004) Contreras & Valencia (1997) Snell (2002)	<ul style="list-style-type: none"> • Os indivíduos possuem em simultâneo mais que uma deficiência. • A combinação entre as diferentes incapacidades implica planos educativos específicos.
Saramago, Gonçalves, Nunes, Duarte & Amaral (2004)	<ul style="list-style-type: none"> • Os indivíduos apresentam uma combinação de acentuadas limitações no funcionamento cognitivo com limitações noutras áreas: funcionamento motor e/ou sensorial (visão ou audição), podendo ainda necessitar de cuidados de saúde específicos.

Analisando as definições apresentadas percebemos ser consensual que a condição de multideficiência implica a existência de pelo menos duas limitações, contudo nem todos os autores descrevem a existência de limitações acentuadas a nível do processamento e tratamento da informação.

As limitações que os indivíduos com multideficiência podem manifestar levam a que não consigam a interação desejada com o meio em que estão inseridos, condicionando assim o seu acesso a oportunidades sociais e de aprendizagem, as quais colocam em risco o seu desenvolvimento e aprendizagem (Amaral, 2011). Importa também não esquecer o carácter interacional existente entre as limitações apresentadas pela pessoa com multideficiência já que, estas convivem com diversas incapacidades, as quais condicionam as suas próprias experiências e levam a que haja necessidade de serem desenvolvidos planos de ensino e de aprendizagem específicos para cada indivíduo, não sendo possível a sua generalização (Snell, 2002).

A literatura mais atual tem procurado delimitar de forma mais precisa o conceito de multideficiência, o que resulta numa clarificação de subgrupos que podem ser abrangidos por este conceito. Alguns autores como Pawlyn e Carnaby (2009) e Vlaskamp e van der Putten (2009), citados por Nunes (2012), entendem que os alunos com multideficiência grave apresentam um desenvolvimento intelectual igual ou inferior a 24 meses de idade, bem como dificuldades na comunicação e na interação com objetos e pessoas, manifestando acentuadas limitações motoras e sensoriais. Segundo Nunes (2012) verificamos que o conceito de multideficiência apresenta-se

como complexo e que pode integrar vários subgrupos, nomeadamente pessoas com: *Profound Intellectual and Multiple Disabilities* (PIMD), *Profound and Multiple Learning Disabilities* (PMLD) e *Multiple Disabilities and Visual Impairment* (MDVI).

Para efeitos do nosso estudo consideramos que as crianças e jovens com multideficiência constituem um grupo heterogéneo com necessidades e características muito específicas, decorrentes de limitações cognitivas severas ou profundas, associadas a uma ou mais deficiências sensoriais ou motoras, apresentando ainda necessidades de cuidados especiais (Orelove & Sobsey, 1999, citado por Nunes, 2001).

Explicitado o conceito consideramos importante compreender as principais características e necessidades destas crianças e jovens.

1.2. Características e necessidades da criança/jovem com multideficiência

Face à explicitação do conceito de multideficiência afirmamos que as crianças e jovens com esta condição apresentam um vasto e variado conjunto de características e necessidades. Para Orelove e Sobsey (1996) estas crianças e jovens estão “(...) limitados na sua capacidade de comunicar, apesar dessas habilidades se tornarem funcionais com uma intervenção adequada. Além disso, essas pessoas muitas vezes têm problemas médicos ou limitações físicas que afectam o seu movimento, visão ou audição” (p.1). Nunes (2008) refere também que estas “...podem apresentar características muito diversas, as quais são determinadas, essencialmente, pela combinação e gravidade das limitações que apresentam, pela idade em que surgem e pelas experiências vivenciadas” (p.9), como podemos observar na Figura 2.



Figura 2. Alunos com multideficiência (Nunes, 2008, p.10)

Ao analisar a Figura 2 podemos observar que as limitações que estes sujeitos apresentam colocam dificuldades à sua participação no processo de ensino e aprendizagem, nos diferentes contextos em que estão inseridos: educativo, familiar e social (Amaral & Nunes, 2008).

Especificando, quando falamos de pessoas com multideficiência referir-mo-nos a um grupo díspar a nível de necessidades de aprendizagem e de apoio singulares sendo que, as suas capacidades e o seu nível de atividade e participação, resultam da interação entre as suas condições de saúde, a nível das funções e das estruturas físicas e mentais, e os fatores ambientais relacionados com os elementos físicos, sociais e psicológicos (Nunes, 2012). Desta multiplicidade de combinações podem surgir dificuldades e necessidades diversas, as quais segundo Orelove e Sobsey (2000, citado por Nunes, 2002) podem ser agrupadas em três grupos específicos: i) necessidades físicas e médicas; ii) necessidades educativas e iii) necessidades emocionais. Passamos a descrever cada uma destas necessidades.

Relativamente às necessidades físicas e médicas salienta-se que a causa mais comum da multideficiência é a Paralisia Cerebral que condiciona a postura e a mobilidade da criança, sendo os movimentos voluntários bastante limitados a nível de quantidade e qualidade. Nestes casos existe é fundamental estar-se atento a aspetos relativos ao posicionamento e à manipulação, de forma a promover a sua aprendizagem e a melhorar a sua qualidade de vida. Outras dificuldades prendem-se com respiração e a deglutição.

Estas crianças podem também apresentar limitações sensoriais principalmente a nível visual e auditivo e manifestar menores defesas e resistência física, podendo estas características levar a que outros problemas de saúde surjam. As convulsões são frequentes e um desafio médico.

Quanto às necessidades educativas das crianças e jovens com multideficiência estão são semelhantes às das pessoas com deficiências profundas (Nunes, 2012). Muitas apresentam dificuldade em falar, sendo necessário comunicarem através de formas alternativas ou aumentativas de comunicação. As suas necessidades a este nível são, obviamente influenciadas pelas suas capacidades e características pessoais.

Por último, as necessidades emocionais são idênticas às de qualquer indivíduo, sendo o afeto um fator chave, pois todas as pessoas precisam de se sentir amadas (Nunes, 2008).

Face às suas características as crianças e jovens com multideficiência necessitam de oportunidades para interagir e desenvolver relações no meio social em que se inserem, com adultos e com os seus pares, de modo a promover o seu desenvolvimento e aprendizagem. Porque enfrentam uma série de barreiras a nível da sua participação na aprendizagem, requerem na opinião de Saramago e seus colaboradores (2004, p.12):

- apoio intensivo quer na realização das atividades diárias, quer na aprendizagem;
- parceiros que os aceitem como participantes ativos e sejam responsivos;
- vivências idênticas em ambientes diferenciados; ambientes comuns onde existam oportunidades significativas para participar em múltiplas experiências diversificadas;
- oportunidades para interagir com pessoas e objetos significativos.

Na opinião dos autores antes referidos as barreiras que se colocam à aprendizagem e ao desenvolvimento destas crianças e jovens implicam esforços no sentido de: i) as apoiar na realização das atividades diárias e de aprendizagem, ii) as inserir em ambientes que lhes confirmem oportunidades significativas para participar de forma ativa em experiências diversificadas e ainda iii) criar oportunidades para interagirem com pessoas e objetos significativos. Para além disto, precisam de serviços específicos nos seus contextos naturais e se possível, que sejam capazes de dar respostas às especificidades das suas necessidades.

Perante as suas necessidades concluímos que devem ser criadas oportunidades para realizarem aprendizagens significativas de acordo com as suas potencialidades e de maneira que cada um seja o mais autónomo possível. Mas, analisemos de forma mais detalhada a organização das respostas educativas para alunos com multideficiência.

1.3. Organização das respostas educativas

A educação de crianças e jovens com multideficiência registou alterações positivas nos últimos anos (Amaral & Gil, 2008). Contudo, os desafios colocados aos profissionais e às famílias continuam a ser significativos (cf. Nunes, 2008; Nunes, 2012; Saramago et al., 2004). Na realidade a sua educação implica apoios altamente especializados e permanentes, de forma a conseguir-se satisfazer as suas

necessidades e singularidades, e de as estimular a aprender e a participar nas atividades diárias (Mansell, 2010).

Segundo Amaral e Nunes (2008) a nível do sistema de ensino, é fundamental que os conceitos de aprendizagem sejam revistos pois, é necessário criar ambientes e condições que estimulem o desenvolvimento da criança, proporcionando-lhe situações onde possam interagir com os contextos físicos e sociais dos quais fazem parte.

Quanto ao tipo de ambiente educativo onde estas crianças e devem ser inseridos, a discussão parece ser difícil, uma vez que existem diferentes perspetivas sobre qual o contexto de ensino e aprendizagem mais adequado e eficaz.

No caso português existem pelo menos três contextos educativos que os alunos com multideficiência frequentam, que são: a classe regular, os espaços específicos como é o caso das UEE e as instituições de ensino especial, sendo que apenas os dois primeiros se concretizam no ensino regular. Analisemos as possibilidades de inclusão destas crianças e jovens nos contextos regulares de ensino.

Perante as características dos indivíduos com multideficiência a sua inclusão social e académica representa um desafio. Observemos o parecer de alguns autores face a este tópico. Downing (2002) e Fuchs (1994) entendem que estes alunos devem ser incluídos no ensino regular, mas Martin (1995) e Murphy (1995) consideram que estes devem ter uma intervenção especializada e individual. Outros autores (Brown et.al.,1991, citado por Moore & Maiuri,1998) sustentam uma situação mista.

A organização das respostas educativas para alunos com multideficiência deve acima de tudo considerar a sua inclusão no ensino regular, garantindo a sua qualidade de vida. Como nos diz Nunes (2008) a sua educação deve ajudá-los a atingirem o máximo de independência possível, potencializar a sua participação na sociedade e a realização de aprendizagens significativas que sejam úteis no futuro. Desta forma, como nos indica Nunes (2008) “a inclusão na comunidade e a qualidade de vida são objectivos comuns a todos os seres humanos” (p. 19). Entende-se que estes alunos têm necessidade de interagir, brincar e aprender com os seus pares no meio escolar de forma a adquirirem competências fundamentais para viver em sociedade, independentemente da sua condição física e cognitiva, mesmo que tenham de percorrer caminhos diferentes para alcançar tais objetivos.

Na educação destas crianças e jovens devemos ter em atenção que a aprendizagem de qualquer aluno se realiza de um modo diferente, pois não existe um

modelo único, dado que o cérebro processa a informação recebida de uma forma diferenciada. Investigações relativamente recentes a nível da neurociência apontam que, a maneira como se aprende é tão individual como é o ADN e a impressão digital (Jackson, 2005, citado por Nunes, 2008). Importa não esquecer que estas investigações dizem-nos que cada individuo possui as suas próprias características e experiências e que a aprendizagem é um processo multifacetado que envolve três redes cerebrais primárias que se interrelacionam (Nunes, 2008), como observamos na Figura 3.

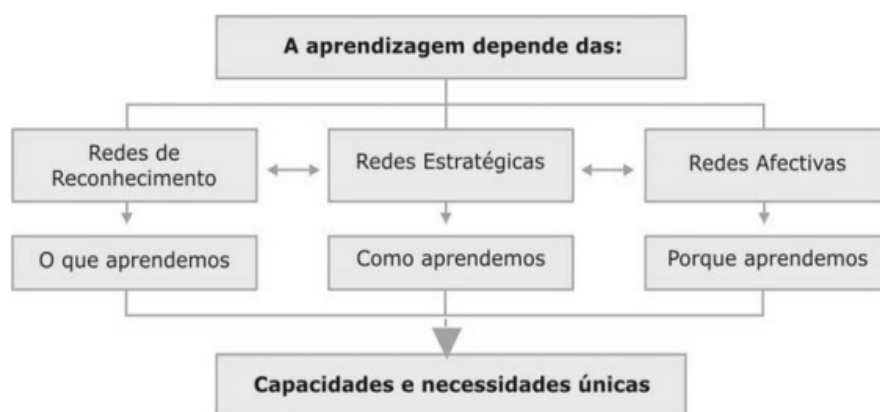


Figura 3. Papel das redes cerebrais primárias na aprendizagem (Nunes, 2008, p. 19)

As redes de reconhecimento são importantes na recolha e na análise da informação, isto é, relaciona-se com a forma como cada indivíduo identifica e categoriza o que vê, o que ouve e sente. Relacionam-se com o “quê” da aprendizagem. As redes estratégicas são essenciais nas tarefas de planeamento e de realização de ações, ou seja, prende-se com o modo como organiza e aprende a expressar ideias e sentimentos. Correspondem ao “como” da aprendizagem. As redes afetivas têm uma função específica na avaliação e no estabelecimento de prioridades, ou seja, relaciona-se com interesse pelo meio que nos envolve. Representam o “porquê” da aprendizagem (Nunes, 2008).

Estas três redes de aprendizagem e os seus subprocessos altamente especializados refletem as capacidades e necessidades individuais de cada criança/jovem. Ou seja, não possuem todos o mesmo padrão de capacidades e de necessidades, sendo que este aspeto, influencia a forma como aprende e a forma como deve ser ensinado. Logo, estas redes devem ser tidas em atenção na educação de todos os alunos, mas em especial no caso de alunos com multideficiência,

particularmente quando se planifica a intervenção, de modo a criar oportunidades de aprendizagem adequadas à especificidade de cada caso (Nunes, 2008).

Para Nunes (2008) a organização das respostas educativas destes alunos deve apresentar múltiplas formas de representação da informação, de maneira a que o aluno possa ter oportunidades para receber/adquirir informação de várias formas; múltiplos meios de expressão e ação que permitam que o aluno disponha de meios variados e alternativos de mostrar o que sabe, recorrendo aos instrumentos de comunicações preferidos e ainda a múltiplos meios de envolvimento de forma a ir ao encontro dos interesses dos alunos, desafiando-os e motivando-os para a aprendizagem.

Afirmamos, portanto, que as respostas educativas necessitam de ser diferenciadas e organizadas de modo a adequarem-se à singularidade de cada criança/jovem. Assim, estas respostas educativas têm de: i) ser flexíveis; ii) ter em conta a exigência de cada situação particular; iii) adequar-se à realidade e iv) ajudar a criança /jovem com multideficiência a participar o mais ativamente possível nos diferentes contextos de vida real. Neste contexto e segundo Nunes (2008) devem ser criadas oportunidades de modo a que estas crianças e jovens: i) “possam alcançar as mesmas finalidades educacionais dos seus pares; [ii)] beneficiem das adequações de que necessitem para diminuir o impacto das limitações no seu desempenho e nas suas aprendizagens; e [iii)] progridam até ao máximo das suas potencialidades” (p.65).

Voltando à análise da inclusão destas crianças e jovens em estabelecimentos de ensino regular do ensino básico, observa-se que esta situação tem vindo a tornar-se cada vez mais uma realidade, em parte devido à política educativa (Decreto-Lei 3/2008) que criou a possibilidade de os estabelecimentos de ensino regular proporem ao Ministério da Educação a criação de espaços específicos, denominados «Unidades de apoio especializado à educação de alunos com multideficiência e surdocegueira congénita» (UAM), que possam dar resposta educativa a estes alunos nos contextos regulares de ensino.

Nunes (2012) refere que este tipo de espaços de apoio já existia no território nacional continental antes da publicação do Decreto-Lei 3/2008. Por exemplo, no ano letivo 2007/2008 existiam 161 UAM: cinco no Alentejo; quatro no Algarve; 27 no centro; 37 em Lisboa e Vale do Tejo e 88 no Norte. No ano letivo 2008/09 houve um incremento de 39% de unidades para (220). Focando a análise na Direção Regional de Educação de Lisboa e Vale do Tejo em 2008/09 existiam 84 UAM, mas no ano

letivo 2014/15 existiam 141 UAM², o que representa um enorme crescimento destes recursos. Analisando a Região Autónoma da Madeira (RAM), no ano letivo 2005/06 não havia nenhuma UEE. No ano letivo 2006/07 inaugurou-se a primeira UEE numa zona rural. Após este importante facto temos vindo a assistir a um aumento gradual de UEE, mais ou menos uma por ano neste território. Em 2012/13 podemos referenciar a existência de nove UEE, três no Funchal, uma no Porto Santo e as restantes distribuídas pela região.

Segundo o artigo 26º, do Decreto-Lei 3/2008 e o artigo 38º do Decreto Legislativo Regional n.º 33/2009/M de 31 de dezembro, a implementação de UEE em agrupamentos de escolas, ou escolas, constitui uma resposta educativa especializada às necessidades específicas destes alunos, tendo em conta o seu nível de funcionalidade, a sua idade, o comportamento e a motivação para a concretização das mesmas.

Para Nunes (2005) estes espaços educativos são um recurso pedagógico especializado dos estabelecimentos do ensino regular, do ensino básico, constituindo-se como resposta educativa diferenciada que visa apoiar a educação dos alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita, fornecendo-lhes meios e recursos diversificados. Com esta resposta educativa procura-se que estes alunos tenham acesso a informação que os ajude a realizar aprendizagens significativas e possam participar em actividades desenvolvidas com os seus pares sem necessidades especiais (p.15).

De acordo com o Decreto-Lei nº 3/2008, do artigo 26º, constituem objetivos destas UAM:

- a) Promover a participação dos alunos com multideficiência e surdocegueira nas actividades curriculares, junto dos seus pares de turma;
- b) Aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares visando o desenvolvimento e a integração social e escolar dos alunos;
- c) Assegurar a criação de ambientes estruturados, securizantes e significativos para os alunos;
- d) Proceder às adequações curriculares necessárias;

² http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/uaam_lvt.pdf

- e) Adotar opções educativas flexíveis, de carácter individual e dinâmico, pressupondo uma avaliação constante do processo de ensino e aprendizagem do aluno e o regular envolvimento e participação da família;
- f) Assegurar os apoios específicos ao nível das terapias, da psicologia, da orientação e mobilidade aos alunos que deles possam necessitar;
- g) Organizar o processo de transição para a vida pós-escolar.
- h) Para além destes objetivos torna-se importante não descuidar a promoção da autonomia pessoal e social nas atividades de vida diária.

Nas UEE os recursos humanos devem ser constituídos por uma equipa de profissionais de diferentes áreas, estes devem ter formação especializada em educação especial, de preferência em multideficiência, de modo a que a sua intervenção seja a mais adequada possível a estes alunos. É necessário ainda um trabalho de cooperação de toda a comunidade escolar, com o intuito de se criar e implementar adaptações específicas para estes alunos e facilitar a promoção da inclusão na vida escolar. Neste contexto e segundo Jackson (2005, citado por Nunes, 2008) a educação das crianças e jovens com multideficiência requer um "... meio que ofereça mais condições humanas e materiais para proporcionar uma educação de qualidade que ajude o aluno a ter sucesso social e escolar" (p.17).

2. Relação entre a escola e a família de crianças com NEE

A família é considerada como a comunidade natural onde a criança tem os primeiros contactos com uma herança cultural, em que o desenvolvimento de valores e atitudes são fundamentais para a formação da sua personalidade. Esses valores e atitudes podem facilitar ou não a sua aprendizagem e sucesso escolar.

Na maioria das sociedades a família assume-se como um dos principais pilares no desenvolvimento da criança, sendo através desta que experimenta as primeiras aprendizagens e interações sociais. Assim, a família desempenha um papel importante na educação do seu educando e deve sentir-se capaz de o fazer com confiança, de forma a resolver muitas tensões que poderão, eventualmente, surgir dos educandos. Observemos o caso particular das famílias que têm filhos com NEE.

2.1. Particularidades das famílias que têm filhos com NEE

Quando nasce um bebê as famílias vêm-se confrontadas com a necessidade de alterarem alguns hábitos mas, quando esse bebê tem NEE, os desafios podem apresentar-se mais complexos e de mais difícil superação (Magerotte, 1997). Estas famílias sentem uma maior necessidade de desenvolver uma estrutura familiar onde exista um núcleo forte de apoio à criança, que garanta a sua qualidade de vida e promova a sua inclusão na sociedade. Assim, entendemos que estas estruturas familiares estão sob uma maior pressão, podendo as suas relações pessoais e sociais estarem mais sujeitas ao desgaste uma vez que, as necessidades específicas dos seus filhos exigem dos familiares um maior esforço que pode provocar tensões internas, sendo que estas tensões se podem acentuar em determinadas fases de crescimento ou aprendizagem da criança (Magerotte, 1997).

É frequente as famílias perante a situação de um filho com NEE vivenciarem um sentimento de dor extrema com o qual muitas vezes não sabem lidar, não se apresentando este cenário favorável ao desenvolvimento da criança com NEE, nem para o funcionamento dos restantes elementos da família (Loureiro, 2008).

As grandes preocupações dos pais passam pelo receio dos estigmas que a sociedade tem em relação a indivíduos com NEE, temendo que estes possam condicionar os seus filhos de atingirem os objetivos de integração social e qualidade de vida (Pereira, 1998). Assim, estas famílias passam ao longo da vida por momentos difíceis que podem ser facilitados se receberem apoios adequados a nível educacional, médico e social. Como nos diz Glat (2004) muitas vezes as famílias com crianças com NEE sentem-se marginalizadas pela sociedade, sendo importante promover a sua inclusão na comunidade, assegurando o bom funcionamento de toda a estrutura familiar.

A escola pode desempenhar um papel crucial no apoio a estas famílias e crianças pois, deve ser capaz de criar uma dinâmica que motive e crie formas de suporte a estas famílias, envolvendo-as no processo de aprendizagem e no quotidiano dos seus filhos. A escola tem um importante papel na partilha de conhecimentos, mas também no estabelecimento da função de mediação entre os costumes, as crenças e o indivíduo na sociedade (Lima et al., 2006).

Amaral e Gil (2008) mencionam ser igualmente importante que os profissionais que acompanhem estas crianças e jovens possuam conhecimentos específicos que

lhes permitam fazer um diagnóstico claro das necessidades e capacidades de cada criança, para depois criar um programa educativo adequado, em conjunto com as suas famílias. Isto porque a sua educação implica o recurso a uma abordagem ecológica e sistémica, que permita observar também as necessidades e dificuldades manifestadas pelas famílias destas crianças e jovens.

Em suma, as famílias que têm filhos com NEE necessitam frequentemente de apoio para que consigam construir uma estrutura de base forte, sendo que a escola e outras organizações podem desempenhar um papel crucial na sua orientação.

Centrando a atenção em alguns resultados da investigação realizada neste âmbito (cf. Gil, 2008), destacam-se as dificuldades que a família de uma criança com multideficiência sente no seu dia-a-dia. O estudo realizado por Gil (2008) teve como principal objetivo descrever especificamente as necessidades e dificuldades destas famílias e permitiu identificar e tipificar algumas dessas necessidades e dificuldades. Concluiu a autora que as necessidades e as dificuldades apresentadas por estas famílias situam-se, com maior evidência, nos serviços médicos, terapêuticos e sociais, dando menor relevância aos serviços educativos. Face ao exposto verifica-se que estas famílias sentem necessidades em variadíssimas áreas, precisando de apoios específicos. Necessitam, por exemplo, de informação sobre os serviços sociais mais adequados para problemática do seu filho, a qual varia de acordo com a idade das crianças e jovens. As famílias com filhos mais pequenos necessitam ainda, por exemplo, de serviços de diagnóstico e de opções de encaminhamento.

Segundo (Kelly, Monssent, Bernard & Patterson, 1995, citado por Correia, 1998) um dos fatores de tensão está diretamente ligado com a falta de preparação dos pais, uma vez que não tendo os apoios necessários, estes pais sentem mais dificuldades em educar os seus filhos.

Atualmente, as famílias com crianças e jovens com NEE podem receber apoios de vários serviços: de saúde, de educação, de segurança social e do trabalho, de acordo com as suas necessidades. Febra (2009), inspirada em Cunningham e Davis (1999, citado por Costa, 2012) organiza as necessidades destas famílias em dois domínios: práticas e psicológicas.

Segundo os autores referidos as necessidades práticas dizem respeito ao tempo e energia que a família despende no cuidado de uma criança com NEE, pois acarreta um esforço adicional para toda a família. Este tempo e energia não são iguais para todos os membros da família, pois depende do papel familiar que lhes cabe.

Estas famílias também precisam que lhes seja disponibilizada informação e orientação relativamente aos serviços sociais, instituições educativas e recreativas, terapeutas especializados, ajudas económicas; informações de como podem promover o desenvolvimento do seu filho; informações sobre como organizar o tempo e os recursos económicos, desenvolver técnicas de comunicação pessoal para obter ajuda, etc. Ou seja, estes pais sentem necessidade de conhecer os serviços que a comunidade oferece para a ajudar a responder às exigências do filho ao nível da educação, saúde, reabilitação e apoio social, os seus direitos e benefícios sociais. Alguns autores (Sualzle & Keenau, 1981, citado por Niella, 1993) referem que são os pais de crianças e de jovens adultos os que sentem mais necessidade de apoio familiar e de informação sobre serviços.

Quanto às necessidades psicológicas a família precisa de toda a informação que ajude na compreensão do seu filho, das implicações da sua necessidade educativa especial, dos sentimentos de cada elemento da família e dos processos de adaptação. Neste seguimento, os pais devem ter acesso ao diagnóstico, aos processos de avaliação, aos conhecimentos médicos e educativos acerca da problemática e às implicações que esta pode ter. Devem ainda ser ouvidos e incluídos na tomada de decisões sobre o seu filho. Alguns pais podem sentir a necessidade de explicar a deficiência do filho aos outros filhos, à restante família, aos amigos e até, por vezes, a desconhecidos (Febra, 2009, inspirada em Cunningham e Davis, 1999, citado por Costa, 2012). Ou seja, a família durante as diferentes fases de desenvolvimento da criança com NEE necessita de apoio social e emocional, impedindo assim o seu isolamento e proporcionando tempo livre, ajuda necessária e uma forma de entrar em contacto com outras famílias com problemáticas idênticas ou parecidas.

Porque a família desempenha um papel importante no desenvolvimento e na educação dos seus filhos, é útil analisar o modo como esta pode participar e envolver-se no processo educativo dos seus filhos. Segundo os investigadores, quanto mais cedo a família se envolver no processo educacional, mais consistentes são os benefícios (Epstein, 1992, referido por Family Involvement e Beyond, 1999, citado por Magalhães, 2007). O grau com que os pais se deixam envolver na educação e o que esperam da criança ao longo do processo escolar são fatores considerados importantes. Analisemos então de uma forma mais detalhada a participação e

envolvimento da família, no processo educativo dos seus filhos, nomeadamente das que têm filhos com NEE.

2.2. Participação e envolvimento da família na educação dos filhos: possíveis configurações

É essencial o envolvimento dos pais, ou encarregados de educação no processo educativo dos seus filhos, independentemente das suas características particulares. Para Marques (2001) os pais são os primeiros educadores da criança e, ao longo da sua escolaridade, continuam a ser os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Os professores são parceiros insubstituíveis na assunção dessa responsabilidade, devendo unir esforços, partilhar objetivos e reconhecer a existência de objetivos comuns para os alunos. Estes dois agentes educativos, pais e professores “têm muito a ganhar com uma colaboração genuína” (Marques, 2001, p.12). Quer dizer que a família desempenhará sempre um papel a nível da formação da conduta dos filhos no meio social, sendo no seu seio que a criança adquire conhecimentos que lhe permite adaptar-se aos diferentes meios sociais.

A primeira interação que o indivíduo estabelece é com a família, sendo que a organização familiar se estrutura com base num conjunto de valores sociais e culturais. Logo, na infância criam-se os principais vínculos, cuidados e estímulos que são necessários para um desenvolvimento saudável, sendo que estes são primeiramente transmitidos pela família. Assim, a qualidade dos cuidados prestados neste primeiro contexto de socialização influencia o desenvolvimento físico, afetivo e social da criança. A família desempenha na infância das crianças o papel de mediadora, estabelecendo a ligação entre a criança e a sociedade, estimulando a sua socialização tendo grande importância no processo de desenvolvimento cognitivo (Calado, 2013)³.

Assim, a parceria entre a família e a escola é fundamental no processo de crescimento da criança já que, estas duas instituições são responsáveis por preparar o indivíduo para agir na sociedade. Desta forma, família e escola devem atuar como

³ Calado, C. (2013, fevereiro), Criança como espelho do funcionamento familiar, *SuperBebés*, n.º 188, in <http://superbebes.com.pt/temas/tecnologias-2/238-crianca-como-espelho-do-funcionamento-familiar>

uma equipa a nível da educação das crianças e proporcionar-lhe as ferramentas necessárias para que se sintam seguras e capazes de agir em sociedade.

Como se disse antes os pais são os primeiros educadores dos seus filhos, devendo acompanhar o seu trajeto e percurso escolar ao longo da sua vida. Mas, a escola enquanto instituição educativa tem como função contribuir também para a educação de crianças e jovens, sendo útil promover políticas e práticas que contribuam para a aproximação entre a família e a escola. Embora a relação entre a escola e a família tenha evoluído ao longo dos tempos, ela continua a ser multifacetada, podendo, como nos afirma Silva (2004) ter, por vezes, contornos conflituais.

Marques (2001) considera que “as práticas de envolvimento parental compreendem não só a comunicação e o trabalho voluntário na escola, mas também o apoio educativo em casa, participação em grupos de consulta e a participação na tomada de decisões” (p. 12). Para este autor o envolvimento parental no processo educativo das crianças permite o estabelecimento de uma aproximação dos professores aos pais, permitindo que se contrarie a tendência de responsabilizar apenas os professores pela educação das crianças, voltando os pais a assumir as suas funções tradicionais de primeiros educadores. Para o mesmo autor a participação e o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos tem-se mostrado de grande importância a nível do desempenho escolar, devendo o diálogo entre a família e a escola procurar seguir o caminho do equilíbrio e do desenvolvimento de estruturas que facilitem e apoiem a aprendizagem das crianças. Ou seja, o envolvimento parental consiste no conjunto de interações que os pais estabelecem com os filhos no sentido de os apoiarem a nível da realização dos trabalhos escolares, no apoio dos filhos e no reforço dos comportamentos que contribuem para o seu bom desempenho académico. Este tipo de interações implica o apoio e a monitorização das rotinas das crianças, podendo o envolvimento parental passar ainda por outras atividades como a ida à escola, participação em atividades escolares, participação nas associações de pais e nas diferentes atividades escolares (Marques, 2001).

Na perspetiva de Hoover-Dempsey e Sandler (1997) são também consideradas no envolvimento parental todas as atividades domésticas relacionadas com a aprendizagem das crianças, como seja o monitorizar o progresso realizado na escola, o garantir a realização dos trabalhos de casa, o ir às reuniões de pais, o conversar com os professores e o participar nos eventos escolares. Marques (2001) partilha

desta opinião, considerando que “as práticas de envolvimento parental compreendem não só comunicação e o trabalho voluntário na escola, mas também o apoio educativo em casa, participação em grupos de consulta e a participação na tomada de decisões” (p. 12). Na opinião de Costa (2014) a participação dos pais no processo educativo envolve “as atividades que pressupõem a tomada de decisões, o exercício do poder deliberativo e o trabalho voluntário na escola” (p. 122).

Para o presente estudo assumimos a definição de envolvimento parental de Wong (2008) “... uma extensão em que os pais estão interessados, tendo conhecimento e vontade de ter um papel ativo nas atividades do dia-a-dia das crianças” (p. 497). Ou seja, o envolvimento parental consiste no conjunto de interações que os pais estabelecem com os filhos no sentido de os apoiarem a nível da realização dos trabalhos escolares, no apoio emocional aos filhos e no reforço dos comportamentos que contribuem para o bom desenvolvimento académico dos educandos. Este envolvimento é, portanto, um processo dinâmico e lento, assim como a solicitação e participação dos mesmos.

Neste âmbito Joyce Epstein (1991,1996) promoveu uma tipologia de modalidades de envolvimento parental na escola, sendo que esta pode ser uma importante ferramenta a ser usada pelas escolas no sentido de definirem ações de promoção do envolvimento parental (ver tópico 2.4 deste capítulo).

Estudos realizados por Henderson (1987, citados por Davies, 1989) revelam que quando os pais se envolvem no processo educativo dos seus filhos, estes obtêm melhores resultados, proporcionando benefícios às crianças, mas também aos pais, e às escolas, promovendo melhorias na sociedade democrática. A este propósito Walker e Hoover-Dempsey (2008) indicam que uma colaboração efetiva entre a escola e a família fortalece as expectativas sobre a aprendizagem da criança e clarifica o papel que cada um desempenha no apoio ao seu desenvolvimento e sucesso. A Figura 4 sintetiza os benefícios descritos por estes autores. Face a estes resultados consideramos importante promover o envolvimento dos pais na escola.

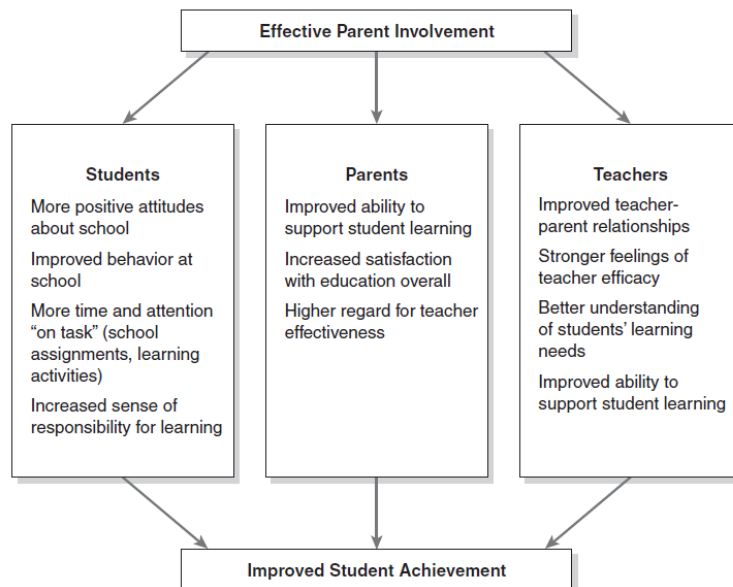


Figura 4. Benefícios do envolvimento parental para alunos, pais e professores (Walker & Hoover-Dempsey, 2008, p. 283)

Analisando o caso particular do envolvimento dos pais na educação de crianças com NEE, na antiguidade estas crianças eram escondidas pela própria família, a qual tinha vergonha de as mostrar à sociedade, sendo segregadas e vivendo da caridade de algumas instituições que lhes prestavam assistência. Mas no decorrer do século XX as famílias passaram a assumir um papel mais ativo, reivindicando a inclusão dos seus filhos na escola e na comunidade em geral, no sentido de assegurar a igualdade de direitos e oportunidades. Por exemplo, a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) afirma que uma educação de sucesso é aquela que “...exige, também a participação das famílias...” (p.37). Presentemente, a atual legislação da educação especial portuguesa (Decreto-Lei 3/2008) reconhece o envolvimento parental e a sua colaboração com a escola, afirmando que os pais têm o direito e o dever de participar ativamente na educação dos seus filhos, exercendo o poder paternal nos termos da lei em tudo o que se relacione com a educação especial a prestar ao seu filho.

Os pais precisam de ser envolvidos e incluídos com maior frequência nas atividades escolares, como reforçam vários autores (cf. Henderson 1987; Davis 1992; Staples & Diliberto 2010), dado que os filhos cujos pais se envolvem nas tarefas da escola obtêm melhor aproveitamento. Por outro lado, o envolvimento das famílias com filhos com NEE na educação escolar dos filhos é um direito e um dever, sendo que a

sua participação no processo educativo pode melhorar o desenvolvimento dos filhos (Marujo et al., 2002). Na opinião de Marujo e seus colaboradores “Os pais são, com toda a propriedade, o maior e mais válido recurso que os professores possuem para ajudar os alunos a terem sucesso e felicidade” (p. 11).

Portanto, o envolvimento parental enriquece e diversifica as práticas da escola, sendo importante o professor estar mais disponível para cooperar com a família. Ainda assim existe pouca compreensão sobre como podemos efetivamente desenvolver a cooperação entre a escola e a família, existindo muitas áreas de desacordo, as quais podem constituir barreiras a um envolvimento parental eficaz (Hornby & Lafaele, 2011).

Alves e Leite (2005) referem que “a cooperação escola-família-escola exige vontade, tempo, perseverança (...) é uma das condições essenciais para que os processos de ensino e aprendizagem sejam mais ricos (...) para que sejam melhores os resultados dos alunos” (p. 9). Neste sentido, a escola deve funcionar como um espaço de cooperação onde pais e profissionais trocam ideias sobre o que consideram ser os princípios e as ações fundamentais para o bom desenvolvimento do percurso escolar das crianças. A escola pode cooperar com as famílias no sentido de as ajudar em áreas muito básicas como seja a alimentação, a saúde e a segurança dos seus filhos, adequando o desenvolvimento de práticas educativas às necessidades de cada criança. Por exemplo, pode-se dar aconselhamento individual aos pais e produzir materiais e informação escrita.

Realça-se ainda a importância da comunicação entre a escola e as famílias. A escola deve apostar na promoção de sistemas de comunicação bilaterais onde as reuniões de pais, reuniões individuais com a família, contactos telefónicos, caderneta do aluno, boletins da escola, *e-mail* podem desempenhar um importante papel (Baeck, 2010). Importa referir que estas ferramentas não devem ser utilizadas apenas como forma de informar os pais acerca do comportamento e avaliação do filho, elas devem ser usadas também para comunicar o projeto educativo, os regulamentos escolares e os objetivos para a turma e para o aluno em específico. Assim, a comunicação, incluindo a troca de ideias é de grande importância para os profissionais, pois ajuda-os a entender os contextos de cada aluno, sendo que a análise que estes fazem pode ser também útil no apoio ao aconselhamento das melhores práticas que os pais podem adotar no sentido de colaborar na aprendizagem ativa dos filhos.

Segundo Young, Austin e Growe (2013) a maioria das investigações mostra que os pais desejam envolver-se na educação dos seus filhos, acompanhando o seu processo educativo. Porém, muitos têm dificuldades em fazê-lo pela pouca disponibilidade que apresentam, ou por considerarem não ter conhecimentos suficientes (Baeck, 2010). É referido também que alguns não sabem como podem ser envolvidos ou não se sentem bem-vindos na escola. Por outro lado, a escola também pode ter dificuldade em promover esse envolvimento.

Na opinião de Costa (2014) nos dias de hoje e face aos valores que a escola transmite, à sua organização e ao seu funcionamento, a participação dos pais nunca foi tão interventiva. Segundo este autor atualmente os profissionais podem contactar com diferentes “tipos de pais”, sendo essencial conhecer o que estes procuram, as suas necessidades, as suas reservas e o tipo de interação existente entre estes e a escola. Na opinião deste autor, existem diferentes formas de os pais se relacionarem com a escola, as quais decorrem do “tipo de pais”, podendo ser um pai: colaborante; parceiro, indiferente/adverso, abordável, ou consumidor/cliente. Seguidamente, descrevemos a que corresponde cada um destes tipos de pais, considerando o tipo de participação e envolvimento que podem apresentar na educação do seu filho.

Pai Colaborante

Este tipo de pai procura responder às exigências da escola, mantendo com esta uma relação de aceitação, considerando-a responsável pela educação dos filhos (Stoer & Silva, 2005, citado por Costa, 2014). Apresentam-se como pais preocupados em satisfazer as necessidades e exigências da escola.

Pai Parceiro

O seu perfil é ser pró-ativo em relação ao estabelecimento de educação. São pais que reclamam perante a escola uma educação diferenciada sendo no fundo, fiscalizadores da pedagogia, das ofertas que a mesma tem para os filhos não se coibindo de avançar com ideias e projetos para esse fim.

Pai Indiferente/Adverso

Este tipo de pai mostra indiferença pela escola, considera-a como algo que não lhe diz respeito. O contacto que têm com a escola é pouco ou nenhum (Davis, 1989, citado por Costa, 2014). Apresentam-se como pais ausentes fugindo das normas culturais e linguísticas da escola.

Pai Abordável

Ao contrário do pai anterior, segundo Stoer e Silva (2005, citado por Costa, 2014), este pai está próximo das normas culturais e linguísticas do estabelecimento de educação, contudo tem muito pouco contacto com a escola e pouca disponibilidade para esse contacto. Sente que a escola não lhe diz respeito e mostra-se distante, embora reconheça nela um pilar importante da sociedade. São pais que apoiam e incentivam os filhos nas atitudes positivas a nível do comportamento e aprendizagem, para não serem chamados à escola.

Pai Consumidor/Cliente

Este tipo de pais tem uma visão neoliberal de educação, sendo colaboradores, parceiros e responsáveis que se preocupam com o ato de educar os filhos e participar na escola dando valor às suas crianças como sendo os homens e mulheres do futuro.

No sentido de compreender melhor o envolvimento dos pais no processo educativo de seus filhos consideramos importante analisar ainda as expectativas das famílias face ao processo educativo dos seus filhos atendendo aos diferentes estatutos sociais.

Estatuto socioeconómico e expectativas das famílias

Segundo Carmo (2004, citado por Costa, 2014) “o estatuto socioeconómico contribui para a variação das funções da família e para os valores atribuídos a essas funções” (p. 65). Tendo por base este pressuposto, Costa afirma que o seu estatuto socioeconómico influencia as atitudes e ações das na educação de seus filhos. Observemos as opiniões deste autor com mais pormenor.

As famílias *de meios populares* com rendimentos inferiores guiam-se por sentimentos de fragilidade e insegurança em relação à escola, pois consideram-se com poucas capacidades de colaborar ou intervir na educação dos filhos. Conferem à escola as principais funções de aquisição e instrução do saber, dando menos importância à formação pessoal e social da criança.

Apesar do diálogo existente entre a escola/família não há qualquer interferência entre estas instituições. Os pais esperam que a escola seja capaz de promover a formação social dos seus educandos e revelam uma postura flexível face à escola. Depositam confiança nos professores achando-os peritos e apresentam-se como leigos. Assim temos uma relação onde os professores não se sentem à vontade

devido à distância cultural, a sua competência profissional não é desafiada por este grupo de pais.

Segundo Costa (2014) alguns trabalhos salientem que apesar de estes pais apresentarem interesse em seguir a escolarização dos filhos, têm dificuldades em acompanhar os conteúdos curriculares, os temas tratados nas reuniões e apresentam um sentimento de fraca confiança nas suas próprias capacidades de ajudar os seus filhos.

As famílias *populares urbanas* diferenciam-se das rurais por apresentarem ambições mais elevadas e sentirem revolta e desespero face ao insucesso escolar (Van Zanten, 1984, citado por Costa, 2014). As primeiras vivem sentimentos de resignação, tornando-se progressivamente absentistas em relação à escola. De forma a terem alguma esperança para os seus filhos, as segundas procuram pequenas alianças com os professores e fazem um esforço para acompanhar os trabalhos realizado na escola, sendo um prolongamento da escola.

Em suma, segundo Costa (2014) os pais dos meios populares vivem a escola de forma distante, não criam ligações com esta instituição e cada uma tem a sua função delineada e diferenciada. A estes pais falta o conhecimento do modo como o sistema educativo funciona e não o interesse pela educação dos filhos. Estes pais distinguem-se pela diferença de linguagem e de natureza física, cultural e social, o que poderá ser um obstáculo para o envolvimento parental na escola.

Para as famílias de *classe média/média alta* a relação existente entre si e a escola é de complementaridade, ou seja a escola e família são duas instituições que lutam pelo mesmo objetivo, trabalhando, algumas vezes, em conjunto. A família apresenta um papel de colaboração com a escola e a harmonia entre ambas as instituições será essencial para o sucesso educativo da criança. Seabra (1999, citado por Costa, 2014) é da opinião que estas famílias têm o desejo de maior participação e partilha nas decisões da escola.

Relativamente à prática educativa, estes pais ambicionam professores que sejam capazes de satisfazer aspetos dos conteúdos teóricos e consigam estimular os filhos com práticas interessantes. Apresentam-se com um estatuto sócio-económico-cultural médio a médio-alto, são mais próximos dos professores e mais críticos, pois estão mais envolvidos na educação dos filhos, exercendo mais pressão junto dos professores. Estes pais deslocam-se mais vezes à escola preferindo uma informação individualizada, comparativamente aos pais de meios populares. Conversam com os

filhos sobre a aprendizagem e verificam a correção dos trabalhos de casa com alguma frequência. Estas famílias apresentam mais recursos investindo economicamente em atividades extras-letivas de enriquecimento curricular (Inglês, informática, atividades desportivas, entre outras).

Costa (2014) menciona ainda que a forma de participação e envolvimento parental é controlada por aspetos sociais. Ou seja, indica que este fator condiciona diretamente a capacidade e a possibilidade de existir uma intervenção efetiva na educação dos alunos. Generalizando estes pais/encarregados de educação sentem a necessidade de ter informações acerca do percurso escolar dos seus filhos, quer a nível da progressão, quer dos seus comportamentos e atitudes.

O estudo desenvolvido por Baeck (2010) com pais noruegueses também destaca o facto de a sua participação ser diferenciada considerando as seguintes variáveis: “o género, o nível de educação dos pais e o tipo de família” (p. 559). Este autor assinala que as mães e os pais com um nível de educação formal superior são mais participativos que os outros pais, embora algumas das famílias com nível de educação superior tenham mais dificuldade em ter disponibilidade para participar de uma forma mais ativa com a escola.

Face aos benefícios descritos na literatura sobre o envolvimento dos pais no desenvolvimento e sucesso educativo dos seus filhos é importante desenvolver um relacionamento positivo e construtivo entre a família e a escola (Wilson, 2016).

2.3. Barreiras ao envolvimento das famílias na escola

Apesar de vários autores salientarem os benefícios que o envolvimento parental desempenha no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, existem algumas barreiras a esse envolvimento. Um dos principais motivos prende-se com alguns preconceitos relativos ao nível social e económico das famílias, partindo-se erradamente do princípio que os pais com menos condições económicas possuem pouca escolaridade ou cultura, não podendo por isso motivar os filhos para a sua formação (Krasnow, 1990). Esta informação contudo, parece contradizer as afirmações de Baeck (2010) e Costa (2014).

Uma outra barreira à colaboração entre a escola e a família relaciona-se com a dificuldade de comunicação com a escola, isto é, por vezes é difícil encontrar um discurso comum que permita que pais e profissionais se entendam. Por vezes, os

profissionais usam termos demasiado técnicos, não conseguindo chegar junto dos pais, o que dificulta a compreensão e cria uma barreira comunicacional entre pais e educadores (Cavalcante, 1998).

Por outro lado, os professores também referem que existe uma certa apatia dos pais em relação ao percurso escolar dos filhos, sendo que esta apatia pode advir de experiências menos positivas com a escola por parte dos pais, baixa auto-estima dos pais e a ideia cultural de que os professores são superiores aos pais (Pugach & Johnson, 1995).

Baek (2010) refere existir uma outra barreira que é a falta de tempo que os pais dispõem para comunicar com a escola, devido, sobretudo, devido ao horário e trabalho dos pais. Esta barreira é referida também por outros autores (Desforges & Abouchar, 2003; Jacinto, 2006; Lourenço, 2008, citados por Alves, 2011), os quais afirmam existirem ainda outras barreiras, como seja a escassa preparação dos professores ou até mesmo atitudes do próprio educando. Também Marques (2001) refere que a falta de tempo é mencionada pela maioria dos pais porque cumprem horários de trabalho exaustivos e extensos. Marques (2001) refere ainda que este obstáculo da “falta de tempo dos pais para estarem com os filhos é um sintoma de uma doença civilizacional que ameaça o nosso bem-estar e o nosso direito à felicidade” (p.105).

2.4. Estratégias promotoras do envolvimento e participação da família na escola

As estratégias que a escola pode implementar para promover o envolvimento dos pais de alunos com NEE na educação de seus filhos, partem do pressuposto que é importante a escola conhecer e respeitar os interesses, necessidades e dificuldades reais das crianças, como também as necessidades e dificuldades das suas famílias.

Quanto ao tipo de apoios que as famílias de crianças e jovens com NEE podem necessitar McWilliam (2012) refere que, no caso da intervenção precoce estes são muitas vezes “... concebidos para responder apenas às prioridades da família” (p.20). Mas, para que a intervenção seja adequada às vidas das famílias, é essencial compreender a ecologia da família em questão, incluindo o desenvolvimento da criança. Para McWilliam (2012) os apoios podem ser agrupados em três categorias: “emocionais, materiais ou informativos” (p. 21), as quais passamos a explicitar.

O *apoio emocional* é importante para as famílias que evidenciam alguma forma de sofrimento psicológico e que têm na família crianças com NEE. Através das suas redes sociais, as famílias recebem algum apoio emocional. Algumas famílias que não têm esse apoio emocional podem se sentir isoladas, desesperadas ou deprimidas. O apoio entre pais pode ser uma forma essencial de prestar este apoio. A equipa de profissionais que apoia as famílias também podem prestar apoio emocional, demonstrando disponibilidade para ouvir as famílias, respondendo às suas preocupações, orientando-a para os seus pontos fortes e para uma atitude positiva face à situação (McWilliam, 2012).

O *apoio material* inclui a disponibilização de recursos financeiros e físicos e o ajudar as famílias a progredirem em direção os seus objetivos. Especificando, as famílias podem necessitar de apoios materiais na alimentação, habitação, roupa, puericultura, fraldas, brinquedos, equipamento médico, entre outros (idem).

O *apoio informativo* corresponde às necessidades das famílias em obter informação, de conhecer e compreender a problemática da criança, o desenvolvimento geral da criança e as melhores estratégias que podem usar com o seu filho, bem como conhecer os serviços a que pode recorrer. Este tipo de apoio pode ser importante, pois algumas famílias podem ter pouca informação acerca destes temas e os profissionais podem ajudar nesta procura de informação, ainda que algumas famílias possam procurar informação junto de outras fontes: os amigos, os familiares, ou através de outros recursos como é o caso da internet. Porém, podem preferir que os profissionais esclareçam ou orientem a informação que já adquiriram. Poderão sentir ainda necessidade de obter informação sobre oportunidades de lazer, tipos de equipamento ou opções no tipo de instituição educativa / escolar a escolher para o/a seu/sua filho/a escola (McWilliam, 2012).

As três categorias apresentadas anteriormente são caracterizadas pelo mesmo autor como apoios formal ou informal. Os apoios formais são dados por pessoas ou por instituições (por exemplo por profissionais de saúde, profissionais de intervenção precoce ou outros) e são estruturados com o objetivo de responder às necessidades próprias das famílias (Dunst, Trivette, & Deal, 1988, citados por McWilliam, 2012). Apoios informais são dados por grupos de pessoas que fazem parte da vida das famílias.

Observando alguns resultados de investigação, verificamos que no estudo realizado por Henriques (2012), cujo propósito era investigar e refletir acerca de várias

dimensões que envolvem as famílias de crianças com multideficiência, se concluiu que as diferentes orientações e apoios recebidos foram eficazes para a criança, mas insuficientes a nível económico e da intervenção familiar. É referido que uma articulação eficaz entre pais / profissionais é importante para a vida diária, sendo que a maior preocupação destas famílias se relaciona com o futuro dos seus filhos, desejando estes a promoção da sua autonomia.

Analisemos então algumas estratégias que podem promover o envolvimento e participação da família na escola.

Para além dos tipos de apoios descritos por McWilliam, vários autores (Epstein, 1997, 2002, 2008, 2009; Lima 2002; Marques, 1993, 2001) apresentam algumas estratégias promotoras do envolvimento e participação da família na escola.

O modelo de Epstein (2009) continua a ser um dos enquadramentos teóricos amplamente referenciados para o envolvimento dos pais na escola, contribuindo assim para o sucesso educativo dos filhos. Neste modelo são descritos seis tipos de envolvimento parental na vida escolar do filho, a saber: parentalidade, comunicação, voluntariado, aprendizagem em casa, tomada de decisões e colaboração com a comunidade. Especificando: a parentalidade implica ajudar as famílias a apoiar os seus filhos em casa; a comunicação exige o estabelecimento de uma comunicação eficaz nos dois sentidos acerca dos progressos dos filhos; o voluntariado implica recrutar e organizar os pais para ajudar e apoiar a escola; a aprendizagem em casa consiste no dar informações e ideias às famílias de modo a poderem ajudar os seus filhos; as tomadas de decisão querem dizer que os pais podem ser envolvidos nestes processos, podendo ser representativos de outros na escola, e por fim a colaboração com a comunidade implica identificar e integrar recursos e serviços que promovam o programa da escola (Karila & Alasuutari, 2012; Tekin, 2011).

Na perspetiva deste modelo Young, Austin e Growe (2013) referem que o envolvimento parental pode situar-se em cinco dimensões: i) ter pais ativamente envolvidos (participação na escola baseada em atividades: conferências; tomadas de decisão, compreensão do currículo); ii) ter pais apoiantes (desenvolvem atividades familiares, como por exemplo ajudar a fazer os trabalhos de casa, participam na educação da criança, etc.); iii) comunicar com os pais (deve ser um processo que tem dois sentidos: escola e a família); iv) ter pais como advogados dos filhos (os pais tornam-se os advogados dos filhos relativamente aos seus progressos académicos,

bem como do seu bem-estar emocional e social) e v) ter pais informados (os pais devem ter conhecimentos sobre o currículo e saber sobre como tomar decisões).

Pogoloff (2004) apresenta também estratégias que podem ajudar a estabelecer relações positivas com as famílias de crianças com NEE. As relações pais/professores podem beneficiar professores, pais e estudantes, pelo que estes devem desenvolver esforços para definir objetivos comuns. Contudo, uma efetiva colaboração com os pais é sempre um objetivo difícil de alcançar. Mas Pogoloff (2004) apresenta sugestões que podem facilitar o estabelecimento de relações positivas entre pais e professores, bem como ajudar o professor a estabelecer uma colaboração com os pais. Essas estratégias estão apresentadas na Tabela 35.

Tabela 35

Possíveis estratégias a usar nas relações entre pais e profissionais (Pogoloff)

Categories	Estratégias
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Para que os pais se sintam confortáveis em partilhar informação crucial sobre o seu filho é fundamental a escola estabelecer uma relação de confiança com a família. Para que tal aconteça, o professor tem de mostrar disponibilidade e relacionar-se pessoalmente com eles, recorrendo a estratégias de comunicação. • Providenciar aos pais oportunidades de comunicação recorrendo a diversas estratégias, como por exemplo: recados escritos, telefone e interações pessoais. Por vezes, os pais que não respondem a um meio de comunicação, mas poderão responder a outro. • Perguntar aos pais qual a forma que preferem para comunicar com a escola pode ser útil, por exemplo se preferem o uso de recados, do telefone, da comunicação direta e diária entre professores e eles ou de reuniões agendadas. É útil comunicar utilizando o método que os pais preferem e não o que o professor mais gosta • Iniciar as conversas com os pais com uma declaração positiva sobre a sua criança ou membro da família. • Abordar os pais com um feedback positivo. Os pais que têm filhos com NEE ouvem frequentemente constatações negativas sobre o seu filho. Quando os pais recebem um feedback positivo resulta uma melhor relação. Portanto, é importante desenvolver um sistema ou plano para comunicar algo positivo sobre o aluno. • Comunicar de forma honesta com os pais.

(cont.)

Tabela 35

Possíveis estratégias a usar nas relações entre pais e profissionais (Pogoloff) (cont.)

Categorias	Estratégias
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Informar os pais o mais rapidamente possível quando se comete um erro (não permitir que estes oiçam pelo seu filho ou por outros antes de ouvir o docente). Os pais são mais recetivos a ouvir um erro dito honestamente do que omitir algo que aconteça com o seu filho. • Respeitar a confidencialidade em todos os momentos. Não falar sobre as outras crianças, nem as use como termo de comparação. Se isto acontecer irá abrir as portas da desconfiança. Os pais irão questionar porque está a falar das outras crianças.
Troca de informação	<ul style="list-style-type: none"> • Demonstrar interesse, respeito e carinho sobre o seu aluno como um todo. (pessoa completa) • Não realizar outras tarefas enquanto os pais estão a falar. • Perguntar aos pais sobre assuntos não académicos, como atividades extracurriculares, férias familiares, atividades, interesses, relações familiares que são importantes para a criança, locais favoritos para comer e lazer. Dar importância ao conhecimento dos pais, mostrando que está informado quando tiver reuniões relativas à criança. • Pode-se tirar informação muito relevante observando e interagindo com os alunos e familiares em diferentes contextos, como por exemplo: em jogos organizados, reuniões, comunicando e interagindo nas atividades escolares. • Lembrar-se de obter esta informação de diferentes formas (escrita e verbal). As circunstâncias, prioridades e necessidades variam ao longo do tempo. Isto pode ser feito através de telefonemas, mensagens, recados. Tentar fazer isto semanalmente. Este sistema irá ajudar a resolver problemas tanto para o professor como para os pais. • Providenciar alguns exemplos de informação que contribuam para o processo educativo. • Nunca enviar informação formal sem antes avisar aos pais do seu conteúdo. As informações formais escritas podem ser assustadoras. Enviar uma nota pessoal junto com a informação formal para ajudar os pais a perceberem o seu conteúdo. • Lembrar aos pais que se tiverem dúvidas podem sempre contactar consigo. • Partilhar a informação, experiências e recursos. • Providenciar informação detalhada e específica relacionada com objetivos, expectativas, estratégias, métodos de ensino e progresso do aluno. • Perceber que os pais nem sempre conseguem responder ao que lhes é solicitado. • Por vezes os pais estão emocionalmente fragilizados e precisam de tempo para assimilar a informação. • Omitir informação só trará desconfiança. A confiança é vital em todas as relações e em especial nas relações pais-professores.

(cont.)

Tabela 35

Possíveis estratégias a usar nas relações entre pais e profissionais (Pogoloff) (cont.)

Categories	Estratégias
Interação com os pais	<ul style="list-style-type: none"> • Dizer aos pais que quer ter conhecimento sobre o que eles acham ser os pontos fortes e necessidades da sua criança. • Interagir com os alunos e familiares em diferentes ambientes. • Organizar reuniões informais com os pais e alunos para estabelecer as reuniões do Programa Educativo Individual (PEI) • Explicar o propósito da reunião. Perguntar quais são as prioridades dos pais para esse ano letivo. Perguntar estratégias que eles achem que tenham sido bem ou mal sucedidas no passado. • Anotar o feedback da família e usá-lo no PEI. • Dar notas (daquilo que podem sentir, medos, dúvidas e não são capazes de falar em reunião, por isso escrevem) aos pais e pedir para que eles as relêem, e adicionem informação complementar. • Às vezes os pais sentem-se mais confortáveis a comunicar desta forma.
Organização de reuniões	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar reuniões consoante os horários dos pais. • Tentar que o local seja central tanto para os pais como para o professor. • Tentar que o ambiente seja confortável e com mobiliário de tamanho adulto. • Tentar não marcar reuniões no horário de trabalho dos pais.
Demonstrar disponibilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir os pais. • Dar aos pais a mesma atenção que dá a um profissional. Agradecer aos pais a sua participação. Diga-lhes que são muito importantes. Aceite as diferentes opiniões. Os desentendimentos devem ser evitados. • Ser disponível quando necessário. • Dar aos pais o seu número de casa (os pais só irão usá-lo quando for mesmo importante). Mantenha as suas promessas, devolva os telefonemas e partilhe informação.
Demonstrar disponibilidade	<ul style="list-style-type: none"> • Não realizar outras tarefas enquanto os pais estão a falar • Mesmo que consiga fazer duas coisas em simultâneo, deve optar por não fazê-lo, pois os pais podem achar que não está interessado/a no que eles estão a dizer.
Tipos de apoio	<ul style="list-style-type: none"> • Alguns pais podem precisar de uma forte carga emocional e outros podem apenas necessitar de apoio profissional e experiência. • Ser sensível às emoções dos pais • Eles provavelmente têm sentimentos muito fortes sobre a situação. Alguns tópicos que aparentemente são inofensivos, podem ser muito confusos para os pais.
Não desistir	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar aos pais exemplos de trabalho, e permitir que eles observem situações que sejam difíceis de explicar por escrito ou verbalmente. • Não desanime, se os pais à partida não demonstrarem interesse imediato. Não desistir. • É trabalho do professor envolver os pais no processo educativo. • Lembre-se que os pais podem ter tido experiências negativas. Isto pode levar a que os pais necessitem de mais tempo para confiar nos novos profissionais.

Tendo em conta as estratégias apresentadas anteriormente, é essencial estabelecer com os pais uma relação e parceria baseada na confiança e no respeito. Dessa forma os pais podem sentir necessidade de dar continuidade ao trabalho realizado na escola, com vista o sucesso educativo do aluno e de se envolverem mais ativamente na educação do seu filho.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DO PROJETO

Neste capítulo iremos apresentar o desenho do projeto de intervenção desenvolvido, bem como a caracterização dos participantes no referido projeto, os métodos e técnicas utilizadas na recolha e análise de dados, nomeadamente as entrevistas e os questionários.

1. Desenho do estudo / projeto de intervenção

O presente projeto de intervenção insere-se numa investigação-ação. Como nos dizem Bessa et al. (2008) este tipo de investigação enquadra-se numa perspetiva sócio-crítica e apresenta um carácter cíclico, dado que através dela se gera um processo em “espiral dialética” (Latorre, 2003) entre a ação e a reflexão. Esta metodologia exige o planeamento de vários momentos: a planificação, a ação, a observação (avaliação) e a reflexão (teorização). Estas fases desenvolvem-se de forma contínua e sequencial e visam melhorar a situação identificada e ou resolver o problema detetado. Como afirma Rojas Fabris (2012) a investigação-ação “procura gerar caminhos e estratégias para compreender uma realidade concreta, quotidiana, com o objetivo de propor uma intervenção que melhore as condições de vida de uma determinada população” (p. 3).

Existem vários modelos de investigação-ação, sendo que no nosso estudo procurámos seguir a proposta de Elliot, a qual caracteriza o processo em três fases (Rojas Fabris, 2012). A primeira correspondeu à identificação da ideia geral, que resultou da descrição do problema a partir do diagnóstico da situação; a segunda à exploração do planeamento da hipótese de ação, que em nosso entender podia conduzir à melhoria da situação, e a terceira à construção de um plano de ação e sua implementação.

Tendo por base estas fases Whitehead (1989, citado por Bessa et al., 2008; Rojas Fabris, 2012) propôs um esquema gráfico que procura representar um ciclo de ações que se mantem através de processos colaborativos e que se passa a apresentar na Figura 5, por se considerar que descreve o processo vivido por nós neste projeto de intervenção.

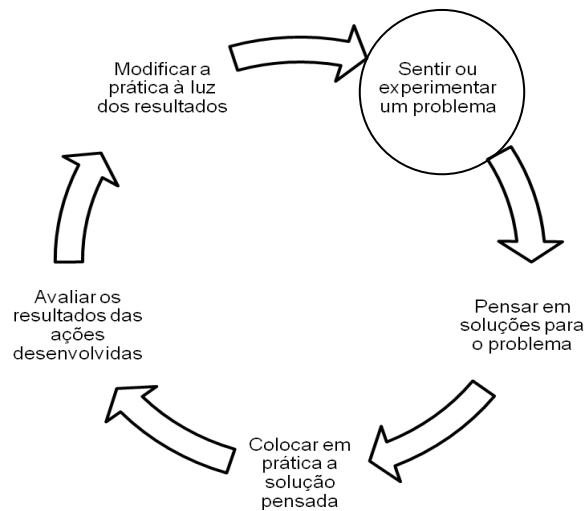


Figura 5. Ciclo de Investigação-Ação (adaptado de Bessa et al., 2008; Rojas Fabris, 2012)

Por conseguinte a investigação-ação constitui um processo empírico que exige a identificação do problema num determinado contexto social e/ou institucional, assim como o levantamento de dados relativos a esse problema e, a análise e significação dos dados recolhidos. Neste processo é fundamental a identificação da necessidade de mudança e o levantamento de possíveis soluções, aliando a teoria com a prática (Koerich et al., 2009).

Este tipo de investigação-ação tem como principal finalidade ajudar a responder, com maior eficácia, a problemas detetados numa determinada realidade. Logo, esta metodologia permite intervir em situações práticas e provocar a sua transformação para melhor (Koerich et al., 2009), razão pela qual se escolheu esta abordagem metodológica para caracterizar o tipo de estudo realizado.

Marques (2001) considera ainda a investigação-ação como “... uma forma de investigação participada que visa encontrar soluções partilhadas para problemas reais de uma instituição (...) e ainda visa a transformação da realidade, com o envolvimento dos atores em processos de mudança e de melhoria” (p. 99). Assim, a investigação-ação “... constitui um instrumento de mudança e melhoria (...)” (p. 103), sendo necessário envolver ativamente todos os intervenientes neste processo.

Tendo por base esta metodologia desenhou-se um projeto de intervenção com a duração de nove meses, iniciando-se em novembro de 2013 e terminando em julho de 2014. O plano de ação elaborado foi sendo sujeito a pequenas reformulações durante a sua implementação, tal como descrevem os ciclos de investigação-ação.

Considerando esta abordagem metodológica o desenho do projeto de intervenção estruturou-se em quatro fases, como se descreve na Tabela 36.

Tabela 36

Desenho do estudo / projeto de intervenção

Fases	Descrição das ações
1ª fase: Caraterização inicial da situação	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do problema existente no contexto real recorrendo a várias técnicas de recolha de dados (entrevista e questionário sociodemográfico); • Partilha dos dados recolhidos com a comunidade educativa da UEE e diálogo para identificar ideias consensuais. • Revisão da literatura
2ª fase Elaboração do plano de ação	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão da literatura • Colocação de hipóteses de ação face ao problema identificado; • Planeamento de um plano de ação com a definição de atividades a implementar ao longo de quatro meses; • Revisão da literatura e desenvolvimento do quadro conceptual para o estudo; • Elaboração de instrumentos de avaliação dos resultados das ações desenvolvidas, particularmente de um questionário
3ª fase Implementação do projeto de intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento do projeto de intervenção considerando as soluções pensadas; • Modificação de alguns aspetos previamente delineados face aos resultados que se ia obtendo;
4ª fase Avaliação do projeto de intervenção	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação dos resultados das ações desenvolvidas no projeto de intervenção, nomeadamente a análise do envolvimento e cooperação alcançada entre as famílias e a escola UEE; • Avaliação final do projeto de intervenção pelos pais participantes no projeto; • Revisão da literatura.

No ponto 3.4 descrevemos de um modo mais pormenorizado as fases do projeto de intervenção.

2. Caracterização dos participantes no projeto

Participaram no presente projeto de intervenção dois grupos de participantes: cinco profissionais a exercerem funções no contexto educativo descrito no capítulo 1, nomeadamente na Sala da UEE (sendo que um dos participantes é a autora do presente estudo) e ainda cinco encarregados de educação dos alunos que frequentam a referida sala da UEE.

Para se conhecer melhor estes participantes elaboraram-se dois questionários: um para os profissionais e outro para os pais. Estes questionários complementaram a informação recolhida nas entrevistas realizadas. Seguidamente, passamos a caracterizar estes dois grupos de participantes tendo em atenção os dados recolhidos.

2.1. Profissionais

Os cinco profissionais trabalhavam na UEE onde a autora do projeto exercia funções pedagógicas, situada na zona do Funchal. Os profissionais são uma docente especializada em educação especial (DE) e quatro técnicos: uma terapeuta da fala (TF), uma terapeuta ocupacional (TO), um educador social (ES) e uma fisioterapeuta (F). A docente especializada e os técnicos que apoiam as crianças da UEE pertencem ao Centro de Apoio Psicopedagógico do Funchal (CAP).

Caracterizando estes participantes a nível sociodemográfico diremos que quatro deles são do sexo feminino e um do sexo masculino e têm idades que oscilam entre os 31 e 49 anos (média de idades é de 40 anos). Quanto à sua experiência profissional verificamos que esta era muito variável: um tinha entre seis a dez anos de serviço, dois entre 11 a 19 anos de serviço e os outros dois tinham mais de 20 anos de serviço. Como podemos observar na tabela 37 o docente é o profissional que apresenta menos experiência profissional, comparando com os elementos da equipa técnica. Todavia, se atendermos à experiência profissional em multideficiência estes profissionais apresentavam menos experiência, situando-se esta entre os cinco anos e os 14 anos (apenas um dos profissionais).

Tabela 37

Caraterísticas dos profissionais

Indicadores	Profissionais				
	DE	TO	ES	F	TF
Idade	31	38	40	44	49
Género	F	F	M	F	F
Anos de serviço	6-10 A	11 – 19 A	11 – 19 A	20 – 29 A	20-29 A
Experiência em multideficiência	5-9 A	10-14 A	6-10 A	6-10 A	6-10 A

Relativamente ao grau académico três profissionais tinham licenciatura, um bacharelato e outro uma pós-graduação. Observando a sua formação especializada em educação especial, quatro profissionais assinalaram ter formação especializada em educação especial em vários domínios: cognitivo/motor, neurodesenvolvimento e

intervenção precoce, bem como formação especializada ou contínua em multideficiência (apenas um dos profissionais, a fisioterapeuta, não tinha formação nesta área).

2.2. Pais

Apesar de serem sete os alunos a frequentar a UEE (como se indicou no capítulo 1), apenas cinco famílias aceitaram participar no estudo. Os pais dos alunos que aceitaram envolver-se neste estudo, têm filhos com os seguintes diagnósticos: i) Trissomias 21 (n=2); ii) Microcefalia (n=1);; iii) Paralisia Cerebral (n=1); e iv) Deficiência intelectual e do Desenvolvimento (n=1). Para se caracterizar essas cinco famílias (pais e mães) recolhemos os seguintes dados sociodemográficos no questionário elaborado para o efeito: idade, profissão e habilitações literárias de cada um dos pais, número de irmãos, composição do agregado familiar e tipos de apoio que recebem. Observemos os dados relativos às mães.

As idades das mães oscilavam entre os 30 e os 42 anos de idade, situando-se a média de idade nos 37 anos.

Quanto à situação profissional, quatro mães tinham uma atividade profissional e uma delas estava desempregada. As quatro mães que trabalhavam desempenhavam funções distintas: duas eram empregadas de limpeza, uma era cabeleireira e outra escriturária.

As cinco mães tinham habilitações variadas: uma delas tinha apenas o 2º ciclo de escolaridade (6º ano de escolaridade), três a frequência do 3º ciclo de escolaridade (7º ano, 8º ano e 9º ano), e apenas uma o ensino secundário (12º ano).

Analisando os dados relativos aos pais, diremos que as suas idades eram ligeiramente superiores à maioria das mães, situando-se estas entre os 35 e os 50 anos de idade e a média de idade era de 40 anos.

Quanto à sua situação profissional, dois pais estavam desempregados e três tinham uma atividade profissional, a saber: empregado de comércio, técnico de vendas e consultor de segurança.

No que diz respeito às habilitações, alguns pais apresentavam níveis de escolaridade inferiores ao das mães, sendo que dois deles tinham apenas o 4º ano do ensino básico, um tinha o 6º ano de escolaridade e dois o 9º ano.

Relativamente à constituição do agregado familiar destas cinco famílias, verificámos que: i) três delas integravam-se na tipologia de familiar nuclear constituída por: pai, mãe e um ou mais filhos (duas delas tinham apenas um filho e uma outra tinha dois filhos); ii) uma outra família apresentava uma estrutura familiar mais alargada, sendo esta constituída por três filhos, uma avó e um tio e iii) uma outra família era monoparental, sendo constituído o agregado familiar pela mãe e três filhos.

Em termos de apoios financeiros três destas famílias recebiam o abono de família, mas outras duas não tinham esse tipo de apoio.

3. Métodos e técnicas utilizadas na recolha e análise de dados

Os procedimentos iniciais para o desenvolvimento do presente estudo consistiram em solicitar ao Diretor Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos autorização para se aplicarem as entrevistas e questionários aos técnicos e às famílias das crianças da sala da UEE (Anexo A). A Secretaria Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos enviou à autora do estudo um e-mail a dar a conhecer a sua autorização (Anexo B).

À direção da instituição escolar onde exercemos funções pedagógicas foi apresentado um pedido de autorização para a realização do presente projeto de intervenção, esplanando-se os objetivos do estudo (Anexo C).

Foi solicitado o consentimento aos técnicos e aos encarregados de educação, salientando-se os objetivos e procedimentos do projeto de intervenção garantindo o anonimato e a confidencialidade de todas as informações (Anexo D).

Os técnicos e as famílias em questão concordaram em participar no projeto de intervenção.

Descritos os procedimentos iniciais, seguidamente descrevemos os métodos e as técnicas de recolha de dados usadas para realizar o presente estudo, a saber: entrevistas semi-estruturadas, notas de campo e questionários. O recurso a estas técnicas justifica-se no sentido de se adquirir informações ricas em pormenor (Carmo & Ferreira, 1998) e como forma de recolher dados complementares (Lee, 2003). Seguidamente passa-se a explicitar cada uma das técnicas usadas.

3.1. Entrevista

A técnica da entrevista foi aplicada às cinco famílias e aos cinco profissionais que participaram no projeto de intervenção, tendo-se no total realizado 10 entrevistas. Como afirmam vários autores (cf. Bogdan & Biklen, 1994; Cohen et al., 2005, citados em Nunes, 2012) esta é uma técnica que se constitui como um método de recolha direta de dados que envolve “... uma conversa intencional entre duas a quatro pessoas”, que se concretiza “... através da interação verbal”, ocorrendo “... num determinado contexto e situação social” (p. 171). Esta técnica é frequentemente usada para recolher dados sobre crenças, opiniões e ideias dos sujeitos alvo do estudo.

Esta técnica de recolha de dados permitiu ao investigador estabelecer um relacionamento próximo com o entrevistado, neste caso com os pais e profissionais/técnicos através do diálogo informal ou estruturado, no sentido de recolher os dados necessários à sua investigação. Quer dizer que esta forma de recolher dados pode ser mais ou menos estruturada, decorrente dos objetivos do nosso projeto de intervenção. As entrevistas realizadas aos profissionais e aos familiares tiveram o mesmo grau de estruturação: semiestruturadas (cf. Quivy & Campenhoudt, 2003).

Este tipo de entrevista permitiu-nos definir previamente os conteúdos e os procedimentos, e simultaneamente oferecer a possibilidade de os profissionais e os familiares “... contarem as suas narrativas pessoais” (Nunes, 2012, p. 171) relativamente ao envolvimento e cooperação estabelecido entre a escola e as famílias de crianças com multideficiência que frequentavam a UEE. Ou seja, com o uso desta técnica tentou-se compreender “... as perspetivas pessoais dos sujeitos entrevistados sobre os temas abordados, o que permitiu a análise de tópicos relevantes para caracterizar a situação inicial” (idem).

No caso das famílias, os pais puderam descrever os seus pontos de vista com as suas próprias palavras sobre esta matéria. Especificando, permitiu conhecer como as famílias se envolviam e cooperavam no processo educativo do seu filho; bem como entender a importância que a família atribuía ao seu envolvimento e cooperação durante no processo educativo do seu filho; perceber como a família se relacionava com a escola/UEE e ainda compreender as necessidades sentidas pela família face ao processo educativo do seu educando.

Relativamente aos profissionais, as entrevistas permitiram que estes apresentassem a sua opinião sobre a experiência que têm com as famílias. Ou seja, com a sua realização procurou-se recolher dados que nos permitissem: compreender como é que os técnicos se envolvem e cooperam com as famílias dos alunos que frequentam a UEE; perceber como contactam com as famílias; averiguar as práticas utilizadas na promoção da cooperação entre a família e a escola/UEE; conhecer estratégias usadas para envolver a família na escola e ainda conhecer a opinião dos profissionais face ao tipo de relação existente entre a família e a escola/UEE.

Em termos de procedimentos, antes de se realizarem as entrevistas aos técnicos e aos pais foi necessário elaborar guiões que nos permitissem reunir informação pertinente para o estudo. Como afirmam Bogdan e Biklen (1994) “ (...) quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo” (p. 135).

Dado termos dois grupos de participantes distintos, foi preciso elaborar dois guiões distintos, os quais possibilitaram-nos concretizar uma abordagem mais rigorosa e facilitaram igualmente a comparação dos resultados das entrevistas dos vários intervenientes. Quer dizer que para este estudo elaborámos um guião para os profissionais (Anexo E) e outro para as famílias (Anexo F).

O guião relativo às entrevistas realizadas aos profissionais organizou-se em seis blocos: Bloco I – A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado; Bloco II – Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UEE; Bloco III – Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação; Bloco IV – Relação família/escola UEE; Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola; e Bloco VI – Conclusão da Entrevista.

À semelhança do guião de entrevista realizada aos profissionais, o relativo às famílias também se organizou em seis blocos: Bloco I – A legitimação da entrevista e motivação do entrevistado; Bloco II – Envolvimento e cooperação entre a família e os profissionais da UEE; Bloco III – Comunicação estabelecida com a escola; e Bloco IV – Necessidades sentidas pela família; Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola; e Bloco VI – Conclusão da Entrevista.

Elaborados os guiões de entrevista procedemos à sua realização. As entrevistas foram realizadas pela investigadora e foram preparadas formalmente, informando-se com antecedência os entrevistados sobre a data, local e a hora da

realização. Tendo por base as sugestões da autora do estudo, o local e o momento da entrevista seguiu a preferência dos entrevistados. Ou seja, procurou-se assegurar o conforto e o bem-estar dos entrevistados, e realizar as entrevistas num local que reunisse condições de sigilo e tranquilidade para a sua concretização. Deixou-se os entrevistados à vontade para falar o que pensavam. A maioria das entrevistas foi realizada na escola, numa sala disponível para o efeito, sob a orientação da diretora. Apenas uma foi realizada num café, perto da casa de um dos pais.

As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, foram transcritas (Anexos G e H) para se poder concretizar a análise do seu conteúdo. A gravação das entrevistas foi previamente negociada, tendo sido aceite pelos profissionais e pelos pais, exceto uma mãe que demonstrou estar muito nervosa no início perante esta forma de registo da gravação, pelo que esta teve que ser parada e continuada recorrendo apenas ao registo escrito à mão. As entrevistas tiveram uma duração média de 20 minutos. As entrevistas foram realizadas no mês de dezembro de 2013.

Observemos agora como procedermos à análise dos dados recolhidos nas entrevistas. A sua análise constituiu um “processo de busca e de organização sistemática da transcrição da informação” (Nunes, 2012, p. 176) dita ao longo das entrevistas, e “... respetiva interpretação, pelo que foi considerada o âmago da investigação” (cf. Flick, 2005, citado por Nunes, 2012, p. 176). Este trabalho envolveu a organização, estruturação e síntese da informação recolhida, no sentido de a tornar compreensível (cf. Bogdan & Biklen, 1994). Para tal, evocámos procedimentos de natureza descritiva designada de análise de conteúdo. Para (Bardin, 2004) “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p.27) e serve para examinar material escrito (Flick, 2005).

Vala (2005, citado por Nunes, 2012) refere ser esta uma técnica usada na investigação empírica que possibilita a “... descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo expresso nas comunicações, bem como todo o comportamento simbólico, visando a sua interpretação” (p. 178). O autor considera ser esta objetiva porque segue regras específicas e obedece a preceitos claros e precisos. Por outro lado, implica que o seu conteúdo seja organizado de uma forma sistemática, em categorias estabelecidas em função dos objetivos traçados para o estudo. As questões quantitativas referem-se ao registo da frequência das unidades de análise e de outros elementos significativos (cf. Carmo & Ferreira, 1998). No caso do nosso estudo procurámos ter em consideração estes aspetos, sendo que a utilização da

análise de conteúdo orientou-nos no processo de produção de conhecimento da realidade estudada (Fernandes & Maia, 2001), tendo este sido um procedimento de carácter marcadamente indutivo. De assinalar ainda que as inferências realizadas ajudaram a passar da descrição à interpretação dos dados (Bardin, 1979, citado por Vala, 2005).

Quanto aos procedimentos adotados neste processo, considera-se útil referir que começámos por analisar cada entrevista individualmente, sendo este processo constituído pelas seguintes etapas: recorte do conteúdo da entrevista em unidades de registo, definição dos respetivos indicadores, subcategorias, categorias e blocos (Anexos I e J). Concluída a análise de conteúdo (Anexos K e L) a cada entrevista procedemos à elaboração de uma grelha síntese para cada um dos grupos de participantes: os profissionais (Anexo M) e as famílias (Anexo N).

3.2. Notas de campo

Segundo Bogdan e Biklen (1994) as notas de campo são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p. 150). Enquanto instrumento de recolha de dados as notas de campo podem-se apresentar de duas formas: uma descritiva e outra reflexiva (idem). As notas de campo do tipo descritivo permitem captar uma imagem do espaço físico, das ações e conversas dos sujeitos informantes. Algumas descrições são comentadas pelo investigador que procura um quadro conceptual que sustente as suas ideias. As notas de campo de natureza reflexiva apresentam o ponto de vista do observado, ou seja ideias que refletem um relato mais pessoal (idem). As notas de campo, depois de lidas e analisadas revelam-se instrumentos fundamentais na investigação e constituem um conjunto de registos detalhados, que no seu conjunto, compõem narrativas sobre terceiros.

No decorrer do nosso estudo, a atuação da autora do projeto de intervenção na sala da UEE baseou-se essencialmente na observação dos pais participantes no estudo e no registo das suas reações/attitudes e comentários formulados durante a realização das atividades desenvolvidas entre março e junho de 2014. O registo dessas observações concretizou-se através de notas de campo de natureza mais descritiva e foram organizadas pelas diversas atividades realizadas pela autora do estudo, ao longo dos quatro meses do projeto de intervenção (Anexo O). Estas notas,

produzidas consoante o envolvimento e participação das famílias nas atividades, forneceram informação essencial que foi tida em conta na realização das atividades a realizar, permitindo: i) registar objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo, ii) ter uma visão global das famílias envolvidas, e iii) observar o envolvimento e participação das famílias na interação com os filhos. No total foram realizadas 13 conjuntos de notas de campo.

3.3. Questionário

No presente projeto de investigação-ação, os questionários também foram utilizados como uma das técnicas de recolha de dados, por ser uma forma fácil e rápida de obtenção de informação e por se entender que podiam responder aos objetivos do estudo em curso. Como nos refere Freixo (2012) o questionário é o instrumento mais usado para a recolha de informação, constituindo um dos instrumentos de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos, sendo constituído por um conjunto de enunciados ou questões que permitem avaliar as atitudes, e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto desses mesmo sujeitos (p. 225).

Segundo o mesmo autor o questionário ajuda a analisar, organizar e a controlar os dados, de tal forma que as informações recolhidas possam ser tratadas de uma forma rigorosa.

A opção por este tipo de técnica de recolha de dados resultou do facto de o questionário "... possibilitar a recolha de informação factual acerca dos sujeitos, de acontecimentos, das atitudes quanto a opções ou questões humanas e sociais, das representações e expectativas, das opiniões sobre determinado assunto, das motivações dos participantes, etc. (Quivy & Campenhoudt, 2003, citado por Nunes, 2012, p. 170). Foram elaborados pela autora do estudo quatro questionários, um foi aplicado aos profissionais para os caracterizar (Anexo P) e três foram aplicados aos pais em dois momentos distintos: inicialmente um para recolher dados de caracterização sociodemográfica (Anexo Q) e dois no final do projeto de intervenção: um visou conhecer a apreciação dos pais sobre as atividades desenvolvidas (Anexo R) e o outro saber a sua apreciação geral sobre o projeto de intervenção (Anexo S).

O primeiro questionário constituiu-se como um pequeno instrumento que apresentava um conjunto de questões fechadas, cujo texto e ordem não podia ser

alterada. Já os dois questionários aplicados no final do projeto continham um conjunto de questões fechadas no sentido de garantir que as respostas dadas pudessem ser comparadas (Ghiglione & Matalon, 2001), mas também algumas questões abertas, para que os pais pudessem expressar por palavras suas a sua opinião sobre as atividades que gostaria de ver desenvolvida em futuras propostas. Nos questionários finais referentes à apreciação do projeto utilizámos uma escala de tipo *Likert*, como forma de situar a opinião dos pais numa escala gradativa. Neste contexto Freixo (2012), refere que a “escala de tipo Likert é uma escala de medida que permite a um sujeito exprimir em que medida está de acordo ou em desacordo com uma indicação da atitude ou opinião do sujeito” (p. 241). No caso do questionário da apreciação das atividades desenvolvidas construímos uma escala cinco níveis, com uma cotação de 1 a 6, como se apresenta de seguida.

1	2	3	4	5	6
Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Completamente Satisfeito	Não tem opinião
Nada adequado	Pouco adequado	Adequado	Muito adequado	Complemente adequado	

Com recurso a este tipo de escala os pais tinham de escolher a opção que melhor correspondia à sua opinião (Cohen, Manion & Morrison, 2005), o que ajudou a: i) recolher informação sistemática acerca dos mesmos pormenores, ii) acautelar enviesamentos e iii) tornar mais simples e rápida a análise dos dados recolhidos. No caso das questões fechadas a sua utilização não permitiu um alto grau de liberdade aos intervenientes.

No questionário da apreciação do projeto desenvolvido respeitamos alguns passos do questionário anterior, tendo três questões abertas o que facilitou a recolha das opiniões dos pais sem os condicionar. Segundo Freixo (2012) este tipo de questões permite às pessoas responder utilizando o seu próprio vocabulário, focando os pormenores e indicando o que consideram certo; e possibilitando uma investigação mais profunda e precisa. Os questionários foram entregues aos pais presentes após cada atividade para que procedessem ao seu preenchimento e posterior devolução do mesmo à autora do estudo.

Quanto ao tratamento e análise dos dados provenientes destes questionários, salientamos que os dados das perguntas fechadas foram analisados com base na estatística descritiva, pois esta é importante para “... a análise e interpretação de dados, e em particular para a elaboração de conclusões fundamentadas” (Maroco,

2003, p. 11). Para o efeito, utilizámos o programa informático *Microsoft Office Excel* 2007 por nos facilitar uma análise detalhada e rigorosa dos dados. Relativamente à informação resultante das questões abertas procedemos à análise do seu conteúdo.

4. Descrição do projeto de intervenção

A presente investigação foi orientada por um plano de ação, o qual procurou respeitar a estrutura de um projeto de intervenção, encontrando-se estruturado em várias fases as quais passamos a descrever.

4.1. Fase 1 – Caracterização inicial da situação

A primeira fase do projeto consistiu na caracterização da situação inicial, tendo sido utilizada como técnica de recolha de dados a entrevista individual aos pais dos alunos que frequentam a UEE, no sentido de perceber melhor quais eram as suas necessidades e perceções sobre o seu envolvimento e cooperação com a escola, como se disse no tópico anterior. Recorreu-se ainda a um pequeno questionário para caracterização sociodemográfica destes participantes, como se disse antes.

Nesta fase realizaram-se também entrevistas aos profissionais que trabalham com os alunos que frequentam a UEE, no sentido de conhecer com mais detalhe as estratégias utilizadas para: i) envolver os pais na educação de seus filhos e ii) promover uma cooperação mais eficaz entre a família e a escola.

Concretizou-se ainda o processo de análise de conteúdo das entrevistas realizadas e apresentámos os resultados aos profissionais e aos pais, no sentido de em conjunto se tomar consciência da situação encontrada e de se motivar pais e profissionais para a participação neste projeto.

Nesta fase do Projeto estiveram envolvidos a docente especializada e os técnicos que apoiam os alunos que frequentam a sala da UEE do primeiro ciclo, bem como os pais dos respetivos alunos da UEE e a autora do estudo e docente de educação especial do referido contexto educativo.

Esta fase teve a duração de dois meses e decorreu em novembro e dezembro de 2013, tendo sido essencial para: i) caracterizar o envolvimento e a participação dos pais dos alunos que frequentam a UEE na vida escolar de seus filhos; ii) sensibilizar os intervenientes do projeto para as necessidades detetadas e iii) refletir com os profissionais para encontrar uma forma de responder às necessidades detetadas.

Ainda nesta fase sensibilizou-se os pais e profissionais para a importância do trabalho em equipa, da cooperação e participação de todos os intervenientes no desenvolvimento deste projeto onde todos são importantes neste processo e obteve-se o consentimento dos participantes para participar no projeto. Este procedimento implicou a elaboração de um termo de consentimento informado que envolvia o compromisso e participação no projeto a desenvolver. Participaram nesta fase os pais, os profissionais e a autora do estudo.

Nesta fase iniciámos também o processo de revisão da literatura sobre a temática do projeto de intervenção. Esta tarefa decorreu ao longo de todo o projeto.

4.2. Fase 2 – Elaboração do plano de ação

Nesta fase estabeleceu-se um plano de ação a desenvolver com os profissionais para envolver os pais no processo educativo de seus filhos e promover uma maior cooperação entre estes e a escola.

O plano de ação compreendeu a definição das atividades a implementar ao longo de quatro meses, o qual foi estabelecido durante reuniões realizadas com os profissionais da UEE que participaram no estudo. Procurou-se planear atividades diversificadas e que se pudessem concretizar no contexto do estudo e fossem ao encontro das necessidades e preferências manifestadas pelas famílias nas entrevistas. Pretendeu-se ainda distribuir as diversas atividades pelos quatro meses, no sentido de facilitar a participação das famílias, face à sua pouca disponibilidade. Para o efeito definiu-se um conjunto de sete atividades: O dia dos pais, O livro viajante, Conversando sobre..., Festejando o aniversário na escola, Comemoração de dias especiais, Envolvimento dos pais na avaliação e Exposição de trabalho. De assinalar que este conjunto de atividades se repetia ao longo do tempo de implementação do projeto, como se descreve na Tabela 38.

Tabela 38.

Síntese das atividades planificadas no plano de ação.

Março	Abril	Maio	Junho
O dia dos pais (dias 14 e 28)	O dia dos pais (dias 4)	O dia dos pais (dias 9, 23)	
O livro viajante (dias 14, 21 e 28)	O livro viajante (dias 4,24)	O livro viajante (dias 2,9,16,23,30)	
Conversando sobre... (dia 25)	Conversando sobre... (dia 30)		

Tabela 38.

Síntese das atividades planificadas no plano de ação (cont.)

Março	Abril	Maio	Junho
Festejando o aniversário na escola (dia 10)	Festejando o aniversário na escola (dia 4)		Festejando o aniversário na escola (dia 9)
Comemoração de dias especiais (dia 19)		Comemoração de dias especiais (dias 2 e 13)	Comemoração de dias especiais (dia 30)
	Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos (dia 5)		Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos (a agendar)
			Exposição dos trabalhos (a agendar)

Globalmente, com este plano pretendia-se promover o envolvimento dos pais no processo educativo de seus filhos, bem como a sua cooperação com a escola. De uma forma mais específica tentou-se com este conjunto de atividades: envolver os pais na educação dos filhos; proporcionar momentos de lazer, no ambiente familiar, relacionados com a literacia; ajudar os pais a gerir os comportamentos difíceis dos seus filhos e a desenvolver as suas capacidades comunicativas; proporcionar momentos de alegria e convívio entre pais e filhos; promover laços afetivos entre filhos e pais, comemorando dias importantes em conjunto; envolver a família na avaliação do PEI e partilhar com a família o trabalho desenvolvido na escola.

Após se ter definido este conjunto de atividades foi necessário planificar cada uma destas atividades atendendo aos seguintes itens: objetivos, recursos, intervenientes, período de intervenção, avaliação e estratégias a usar. São esses aspetos que passamos a descrever a seguir, considerando cada uma das atividades programadas no plano de ação antes apresentado.

Atividade 1

Indicadores	Descrição
Atividade a implementar	<p><u>Designação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • O dia dos pais <p><u>Explicação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • À sexta-feira, de quinze em quinze dias os pais são convidados a ir à escola para dinamizar uma atividade com os filhos, de acordo com a sua disponibilidade. • As atividades a dinamizar serão calendarizadas numa grelha construída para o efeito.

Objetivo da atividade	<ul style="list-style-type: none"> • Envolver os pais na educação dos filhos 	
Estratégias a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar uma grelha para calendarizar a atividade que os pais irão realizar. • Convidar e motivar os pais para a atividade • Criar um bom ambiente • Reorganizar a sala para receber os pais • Construir um mural na escola que ilustre as atividades desenvolvidas com as famílias • Elaborar um presente para oferecer aos pais nesses dias 	
Recursos necessários	Jogos didáticos Material de desgaste Histórias (vai depender das atividades que os pais se disponibilizarem a realizar com os filhos)	
Intervenientes	Famílias Alunos da UAM Professora de educação especial (investigadora)	
Período de intervenção	março, (14 e 28), abril (11), maio (9 e 23)	
Avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de famílias participantes • Interesse dos pais pela atividade • Sentimentos vivenciados pelos pais • Nível de satisfação dos pais • Opinião dos pais sobre a iniciativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de registo de participação dos pais • Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.

Atividade 2

Indicadores	Descrição
Atividade a implementar	<p><u>Designação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • O livro viajante <p><u>Explicação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Os alunos requisitam um livro da biblioteca todas as semanas, para levar para casa (com a ajuda da docente). • O livro é colocado num saco de pano criado para o efeito. Neste saco é colocado ainda um livrinho de registo onde as famílias são convidadas a registar o momento em que contaram a história e como é que o seu filho reagiu.
Objetivo da atividade	<ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar momentos de lazer, no ambiente familiar, relacionados com a literacia.
Estratégias a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar um saco de pano para o aluno levar para casa (e trazer) o livro que escolheu na biblioteca. • Criar uma rotina num determinado dia da semana para o aluno escolher o livro que quer levar para casa, para os pais contarem a história. • Motivando os pais para a atividade • Elaborar um livrinho de registo dos livros escolhidos, onde se registe o livro que os alunos levam para casa, quando a história foi contada, por quem e o que acharam do livro.

(cont.)

Recursos necessários	Saco de pano / tecido Livros Histórias	
Intervenientes	Famílias Alunos da UAM Professora de educação especial (investigadora)	
Período de intervenção	Entre março (começa no dia 14) e maio.	
Avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> N.º de famílias participantes Interesse dos pais pela atividade Sentimentos vivenciados pelos pais Nível de satisfação dos pais Opinião dos pais sobre a iniciativa 	<ul style="list-style-type: none"> Ficha de registo de participação dos pais Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.

Atividade 3

Indicadores	Descrição	
Atividade a implementar	<u>Designação:</u> <ul style="list-style-type: none"> Conversando sobre ... 	
	<u>Explicação:</u> <ul style="list-style-type: none"> Desenvolvimento de duas ações de sensibilização sobre: i) Problemas de comportamento e ii) comunicação com os filhos. O encontro será de cariz prático, no sentido de ajudar os pais a saber como podem lidar com determinados comportamentos dos filhos; como podem melhorar as competências comunicativas dos seus filhos Relativamente ao tópico da comunicação, após a realização do encontro convidar os pais para participarem uma vez no mês nas sessões de terapia da fala do filho, de forma a aprender estratégias para melhorar a comunicação entre ambos. 	
Objetivo da atividade	<ul style="list-style-type: none"> Ajudar os pais a gerir os comportamentos difíceis dos seus filhos e a desenvolver as suas capacidades comunicativas. 	
Estratégias a desenvolver	Motivar os pais para a atividade Convidar os pais para a atividade Elaborar panfleto/cartaz para divulgar os encontros e entregar aos pais Criar um clima para os pais esclarecerem as suas dúvidas	
Recursos necessários	Computador, panfleto/cartaz, powerpoint,	
Intervenientes	Psicóloga do CAP Funchal Terapeuta da fala Educadora de educação especial (Investigadora) Professora de educação especial Pais dos alunos da UAM	
Período de intervenção	Março e abril (vai depender da disponibilidade da psicóloga e da terapeuta da fala)	
Forma de avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> N.º de famílias participantes Interesse dos pais pela atividade Sentimentos vivenciados pelos pais Nível de satisfação dos pais 	<ul style="list-style-type: none"> Ficha de registo de participação dos pais Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e

	<ul style="list-style-type: none"> Opinião dos pais sobre a iniciativa 	o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.
--	---	---

Atividade 4

Indicadores	Descrição	
Atividade a implementar	<u>Designação:</u>	
	<ul style="list-style-type: none"> Festejar o aniversário na escola 	
Objetivo da atividade	<u>Explicação:</u>	
	<ul style="list-style-type: none"> Convidar os pais para virem à escola festejar o aniversário do filho. 	
Objetivo da atividade	Proporcionar momentos de alegria e convívio entre pais e filhos	
Estratégias a desenvolver	Decorar a sala Colocar música Preparar uma festa para as crianças e cantar os parabéns Convidar a família Tirar fotos e fazer um álbum do evento para o partilhar com a família	
Recursos necessários	Material de desgaste Material de aniversário: Pratos e copos de plástico, balões Bolo Velas	
Intervenientes	Família Alunos da UAM Profissionais da UAM	
Período de intervenção	março (dia 10) abril (dia 4) junho (dia 9)	
Forma de avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> N.º de famílias participantes Interesse dos pais pela atividade Sentimentos vivenciados pelos pais Nível de satisfação dos pais Opinião dos pais sobre a iniciativa 	<ul style="list-style-type: none"> Ficha de registo de participação dos pais Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.

Atividade 5

Indicadores	Descrição
Atividade a implementar	<u>Designação:</u>
	1. Comemoração de dias especiais: Dia o pai, dia da mãe e dia da família e dia da criança.
	<u>Explicação:</u>
	<ul style="list-style-type: none"> Dia do pai: Convidar o pai para vir à escola pintar um mural com o filho (em horário que possa) e fazer o respetivo registo Dia da mãe: Convidar a mãe para vir à escola realizar alguma atividade lúdica na sala da UAM com o seu filho(a) (em horário que possa) e fazer o respetivo registo Dia da família: Convidar as famílias para participarem numa atividade lúdica com os filhos e depois fazer o registo sobre a atividade (o que sentiram)

Objetivo da atividade	Promover laços afetivos entre filhos e pais, comemorando dias importantes em conjunto	
Estratégias a desenvolver	<ul style="list-style-type: none"> • Motivar os pais para a participação na atividade • Elaborar um convite a convidar os pais para a atividade • Reorganizar a sala • Elaboração de uma prenda, executada pelo filho(a) • Convidar a equipa do Gymboree⁴ – Play & Músic para dinamizar a atividade do dia da família • Tirar fotografias das atividades, realizar um vídeo de registo dessas atividades e partilhá-lo com as famílias 	
Recursos necessários	Material de desgaste, Música, Paraquedas, Aparelhagem e CD	
Intervenientes	Pais Alunos da UAM Docentes Técnicas	
Período de intervenção	março (dia 19); maio (dias 2, 13 e 30)	
Forma de avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de famílias participantes • Interesse dos pais pela atividade • Sentimentos vivenciados pelos pais • Nível de satisfação dos pais • Opinião dos pais sobre a iniciativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de registo de participação dos pais • Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.

Atividade 6

Indicadores	Descrição
Atividade a implementar	<u>Designação:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos
	<u>Explicação:</u> <ul style="list-style-type: none"> • Reunir com os encarregados de educação para saber as opiniões sobre o progresso do seu filho, considerando o estabelecido no PEI
Objetivo da atividade	Envolver a família na avaliação do PEI
Estratégias a desenvolver	Reunir com os pais Utilizar uma comunicação cuidada e simples Criar um ambiente de confiança
Recursos necessários	PEI Canetas Lápis
Intervenientes	Docente especializada (investigadora) Docente especializada Famílias
Período de intervenção	2º e 3º períodos

⁴ Gymboree Play & Músic (<http://www.gymboree.pt/porque-o-gymboree>)

Forma de avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> • n.º de encarregados de educação presentes nas reuniões de avaliação • nível de envolvimento dos encarregados de educação no processo de avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Registo de presença • Grelha de registo do envolvimento dos pais na avaliação do PEI

Atividade 7

Indicadores	Descrição	
Atividade a implementar	<u>Designação:</u>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dos trabalhos 	
	<u>Explicação:</u>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de uma exposição dos trabalhos dos alunos da UAM e visualização de vídeos com atividades realizadas pelos alunos da UAM ao longo do ano e da participação dos pais na educação dos seus filhos 	
Objetivo da atividade	Partilhar com a família o trabalho desenvolvido na escola	
Estratégias a desenvolver	Elaborar um cartaz de divulgação da exposição dos trabalhos Realizar a exposição Realizar o vídeo e apresenta-lo aos pais	
Recursos necessários	Trabalhos dos alunos Placar Data show Vídeo	
Intervenientes	Famílias Alunos da UAM Profissionais da UAM	
Período de intervenção	Início de junho	
Forma de avaliação	Indicadores a avaliar	Instrumento a usar
	<ul style="list-style-type: none"> • N.º de famílias participantes • Interesse dos pais pela atividade • Sentimentos vivenciados pelos pais • Nível de satisfação dos pais • Opinião dos pais sobre a iniciativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha de registo de participação dos pais • Grelha de registo da atividade onde se procura saber os sentimentos vividos pelos pais e o seu nível de satisfação, recorrendo a uma escala tipo Likert.

De salientar que a definição deste plano de ação envolveu o pedido de colaboração da terapeuta da fala que trabalhava com os alunos da UEE e de uma psicóloga do CAP do funchal, tendo em vista o desenvolvimento das duas atividades intituladas “Conversando sobre problemas de comportamento” e “Conversando sobre comunicação com os filhos”. Pedimos ainda à equipa do Gymboree Play & Music Funchal para dinamizar a atividade do dia da família. Este programa interativo

promove o desenvolvimento da criatividade e da confiança em crianças em idades compreendidas entre os 0 e os 5 anos de idade. Começou em 1976 quando Joan Barnes, na Califórnia iniciou o seu próprio programa, onde pais e crianças pudessem brincar juntos. Existem mais de 800 centros em 50 países, tornando-os o líder mundial em programas de desenvolvimento infantil. Concebido por especialistas, as atividades desenvolvidas são adequadas a cada idade e ajudam a desenvolver as capacidades cognitivas, físicas e sociais das crianças, enquanto brincam. Os programas são também reconhecidos pela sua abordagem única de envolvimento dos pais promovendo a sua participação ativa e a compreensão da fase desenvolvimento da sua criança. No presente projeto esta colaboração proporcionou momentos inesquecíveis onde pais e alunos puderam brincar juntos promovendo laços de amizade e disfrutando de atividades divertidas.

Para ajudar a definir este plano de ação foi importante continuar a revisão da literatura sobre o tema. Nesta fase elaborou-se também um questionário para apreciação das atividades que iriam ser desenvolvidas com os pais.

Esta fase teve a duração de um mês e decorreu em janeiro de 2014.

4.3. Fase 3 – Implementação do projeto de intervenção

Esta fase correspondeu à implementação do plano de ação definido na 2ª fase, de forma a envolver os pais no processo educativo de seus filhos e a promover a sua cooperação com a escola. Nesta fase após cada atividade realizada os pais procediam à avaliação da mesma preenchendo o questionário referido na fase anterior.

Esta fase teve a duração de quatro meses, iniciou-se em março de 2014 e decorreu até de junho de 2014. Contudo uma das atividades (Avaliação do PEI) prolongou-se para o mês seguinte.

A implementação do projeto de intervenção envolveu a realização de um total de 18 atividades, as quais tiveram em consideração a disponibilidade dos pais. As atividades foram distribuídas da seguinte forma:

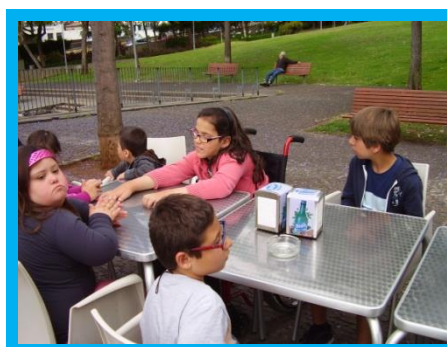
- dia dos pais: com um período total de intervenção de quatro dias. Estas atividades foram realizadas de 15 em 15 dias e implicaram o convite aos pais para virem à escola dinamizar uma atividade com os filhos. No final de cada atividade realizou-se o registo da mesma, como se ilustra nas figuras que se seguem.



a) Plantação



b) Jogo do dominó



c) Ida ao parque



d) Piquenique

Figura 6. Fotografias das diferentes atividades do dia dos pais

- o livro viajante: os alunos, com a ajuda da autora do estudo requisitavam um livro da biblioteca da escola todas as semanas, para levar para casa. O livro era colocado num saco de pano criado para o efeito, como podemos ver na figura 7. No saco era colocado ainda um livrinho de registo onde as famílias eram convidadas a registar o momento em que contaram a história e como é que o/a seu/sua filho/a reagiu. Esta atividade decorreu entre março e maio de 2014.



- conversando sobre...; implicou o desenvolvimento de duas ações de sensibilização, como se disse antes uma sobre: i) Problemas de comportamento e outra relacionada com ii) comunicação com os filhos. Os encontros foram de cariz prático, no sentido de ajudar os pais a saberem como podem lidar com determinados comportamentos dos filhos e como podem melhorar as competências comunicativas dos seus filhos. Relativamente ao tópico da comunicação, após a realização do encontro convidamos os pais para participarem uma vez por mês nas

sessões de terapia da fala do filho, de forma a aprenderem estratégias para melhorar a comunicação entre ambos;

- festejar o aniversário na escola: nesta atividade convidámos os pais das crianças que faziam anos no período escolar (=3) a virem à escola festejar o aniversário do filho, como se ilustra nas fotos presentes na figura 8.



Figura 8. Fotografias da atividade festejar o aniversário na escola

- comemoração de dias especiais: dia do pai, dia da mãe e dia da família e dia da criança: este grupo de atividades foi desenvolvido em quatro dias, tendo sido convidados o pai, a mãe e restante família para participarem nas atividades com os filhos e no fim de cada atividade realizar os registos da mesma (ver fotos da figura 9);



a) Dia do pai



b) Dia da mãe



c) Dia da família



d) Dia da criança

Figura 9. Fotografias da atividade comemoração de dias especiais

- envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos: implicou a realização de reuniões com os encarregados de educação para saber as suas opiniões sobre o progresso do seu filho, considerando o estabelecido no PEI;
- exposição dos trabalhos: consistiu na concretização de uma exposição dos trabalhos dos alunos da UEE e visualização de um vídeo com as atividades realizadas por esses alunos ao longo do ano com a participação dos pais na educação dos seus filhos.

Como se mencionou na fase 2, as 18 atividades planificadas foram organizadas de modo a privilegiar a relação entre escola/família/criança e a promover o envolvimento e a cooperação dos pais no processo escolar dos filhos. Para tal, a autora do estudo utilizou o espaço da sala da UEE, onde decorreu a maioria das atividades de forma a que os pais pudessem familiarizarem-se com o espaço onde os filhos passam a maioria do seu tempo e conhecerem um pouco do trabalho realizado nesse espaço.

Na maioria das atividades foram utilizados registos fotográficos (Anexo T) dos momentos mais representativos das intervenções durante e após cada atividade.

4.4. Fase 4 – Avaliação do projeto de intervenção

A avaliação do projeto de intervenção ocorreu no mês de julho de 2014 e teve como principais objetivos: i) avaliar o envolvimento e a cooperação alcançada entre as famílias dos alunos que frequentam a UEE e a escola e ii) saber se conseguimos responder às suas principais necessidades e interesses.

A análise do trabalho desenvolvido permitiu-nos perceber que para motivar os pais a envolverem-se e cooperarem nas atividades planeadas, tivemos que recorrer a algumas estratégias das quais destacamos: o desenvolvimento de uma relação próxima com os pais, o ouvir e dar atenção os pais, o mostrar sensibilidade face aos seus sentimentos e a valorização de pequenas conquistas dos pais em relação ao seu interesse pela escola. Procurámos ainda comunicar com os pais acerca das atividades a realizar e da importância de participarem nas mesmas, bem como criar um ambiente acolhedor em que os pais se sentissem à vontade para participar.

Do conjunto de atividades planeadas, uma ou outra teve que ser reajustada de acordo com a disponibilidade dos pais, mas no geral seguiu-se o plano traçado.

As reações exteriorizadas pelos pais durante a participação nas atividades foram diversas, sendo umas mais positivas do que outras: manifestação de alguma timidez misturada com entusiasmo e alegria, boa disposição, contrastando com alguma passividade na concretização da atividade por parte de alguns pais, necessitando da orientação por parte da autora do estudo. No geral observou-se uma adesão positiva às atividades por parte das famílias participantes no estudo.

Para conhecer as opiniões dos pais relativamente ao projeto, solicitámos-lhes o preenchimento de um questionário para apreciação do projeto desenvolvido, como se indicou no capítulo da metodologia, no tópico referente aos métodos e técnicas de recolha de dados. No capítulo seguinte apresentamos os dados obtidos na avaliação com mais detalhe.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta os resultados da implementação do projeto de intervenção e encontra-se organizado em dois tópicos. O primeiro apresenta os resultados relativos às atividades desenvolvidas e às estratégias implementadas para promover a participação e o envolvimento das famílias, bem como a descrição da participação e envolvimento das famílias no projeto. O segundo tópico foca a avaliação do projeto de intervenção, tendo em consideração a opinião das famílias. Faz-se também o balanço final do projeto de intervenção. Os resultados que se apresentam decorrem dos dados recolhidos através de notas de campo e dos questionários preenchidos pelos pais aquando a sua participação nas atividades.

1. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto

Durante o período de implementação do projeto procurámos desenvolver atividades que nos pareceram poder ser interessantes para os pais, de modo a que estes sentissem vontade de participar nas atividades escolares dos filhos. Como se descreveu no capítulo anterior foram planificadas e organizadas 18 atividades, as quais privilegiaram a promoção da relação entre escola / família / criança (ver Tabela que se segue).

Tabela 39

Descrição das atividades desenvolvidas

Temática das atividades	Atividades realizadas	N.º
Dia dos pais	Jogo do dominó; Realização de uma plantação; Ida ao parque e piquenique	4
Comemorações de dias especiais	Dia do pai; Dia da mãe, Dia da Criança e Festa da família	4
Festejando o aniversário na escola	Celebração de aniversários de três alunos (J., E., S.)	3
Conversando sobre...	Problemas de comportamento e de Comunicação	2
Livro viajante	Escolha de um livro da biblioteca para levar para casa, para que os pais contem a história em casa	2
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	Reunião com os pais para avaliação do PEI em dois momentos, um no segundo período e outro no terceiro período.	2
Exposição dos trabalhos	Organização de uma exposição com os trabalhos realizados na sala da UEE	1
Total		18

Para ficar um pouco mais explícito em que consistiu cada uma das atividades desenvolvidas, seguidamente descrevemos de uma forma mais detalhada cada uma delas, considerando as sete temáticas anteriormente apresentadas.

As atividades inseridas na temática «Dia dos pais» incluíram duas ações realizadas no espaço da sala da UEE e duas na comunidade. As duas primeiras realizaram-se durante o mês de março e as outras duas em maio. Na atividade do jogo do dominó foi criada a possibilidade de os pais aparecerem à hora que lhes era mais conveniente. A atividade de plantação consistia em plantar um pé de feijão com o filho(a) e verificar os passos necessários para uma planta crescer. Posteriormente, os pais e filhos tinham de fazer o registo da atividade e expor a plantação. A atividade de ida ao parque foi realizada na cidade do F., implicou todos os profissionais da UEE e a deslocação da escola até à cidade foi feita em autocarro. Os pais foram ter ao parque pelos seus próprios meios. A atividade de piquenique sofreu alterações de última hora, porque as condições atmosféricas não permitiram a sua concretização ao ar livre, tendo de se encontrar uma solução no momento, optou-se por realizar o piquenique / lanche num Centro Comercial.

Quanto às atividades integradas na temática «Comemorações de dias especiais» começamos por descrever a atividade relativa à comemoração do dia do Pai. No dia do Pai, os pais foram convidados a realizar um mural com o (a) filho (a) na sala da UEE, a qual foi organizada no sentido de proporcionar um espaço com diferentes materiais e uma folha de papel cenário, numa das paredes da referida sala, onde pais e filho(a) puderam desenhar juntos de forma livre. O objetivo era criar um espaço para que os pais pudessem interagir com os seus filhos através da arte. A atividade de comemoração do dia da Mãe foi similar à anterior, também convidámos as mães a realizarem um quadro com o (a) filho (a) no espaço da sala da UEE. Para o efeito organizámos o espaço de modo a que as mães se sentissem confortáveis para realizar com o(a) filho(a) a pintura ou escultura que quisessem usando os diferentes materiais (tintas e plasticina). Procurou-se sobretudo que mães e filho(a) pudessem estar juntos. O objetivo desta atividade foi idêntico ao anterior. A atividade referente à festa da família teve lugar em maio no turno da manhã e implicou a oportunidade de as crianças realizarem mais uma atividade com a presença da sua família, partilhando momentos de alegria e de afeto. As famílias puderam experienciar diferentes momentos num contexto alargado de socialização diferente do da escola. Por último, a

comemoração do dia da criança, consistiu numa ida à loja do B.K. para as crianças receberem um brinquedo, o que implicou uma saída até à cidade do F.

As atividades inseridas na temática «Festejando o aniversário na escola» realizaram-se de acordo com o previsto, ou seja nos dias de aniversário da J., da E. e da S. As tarefas consistiram na confeção de bolos pelas crianças e pelos profissionais, no dia anterior ao do aniversário, na cozinha pedagógica do centro de atividades ocupacionais de S.R. e posteriormente no festejar o aniversário.

As atividades «Conversando sobre...» consistiram na realização de duas sensibilizações marcadas para as 17h30m da tarde, por ser o horário de preferência dos pais e, assim se poder dar a possibilidade de estes estarem presentes e participar nesta iniciativa. Este grupo de atividades tornou-se importante na medida que podemos promover a socialização entre pais, porque apesar de ser um contexto pequeno, estes pais não se encontram tanto como nós pensávamos antes da realização do projeto, e pouco falam entre si.

As duas atividades relativas ao «Livro Viajante» decorreram durante três meses, sendo que os pais levaram duas vezes o saquinho construído por nós para o efeito, com a história escolhida pelas crianças e requisitada na biblioteca da escola.

As duas atividades relacionadas com o «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos» consistiram na realização de duas reuniões com os pais para conversar sobre os resultados das avaliações dos seus filhos. Os pais leram os documentos disponibilizados e concordaram com tudo o que estava escrito sem questionar nenhuma informação.

2. Estratégias usadas para promover a participação e o envolvimento das famílias

Para se promover a participação e o envolvimento das cinco famílias com a escola a primeira estratégia usada correspondeu ao conhecimento das suas necessidades e características. Esta estratégia revelou-se muito importante, na medida em que nos ajudou a motivar os pais para a sua participação e envolvimento na vida escolar dos filhos. Para além desta estratégia recorreremos às estratégias definidas no plano de ação, pelo que não consideramos necessário repetir essa informação aqui.

Globalmente salientamos o enfoque no uso de estratégias relacionadas com o processo de comunicação, particularmente: a formulação de convites, a cedência do

contacto telefónico pessoal no sentido de mostrar a nossa disponibilidade, a escrita de recados na caderneta dos alunos, a disponibilização de um horário de atendimento e o estabelecimento de diálogo com os pais. Procurámos ainda organizar o espaço escolar de modo a tornar-se mais acolhedor para receber as famílias. Utilizámos igualmente a partilha de informação e saberes entre profissionais, bem como o dar orientações às famílias através de aconselhamento de estratégias a usar em casa, a realização de reuniões com os pais e o desenvolvimento de ações de sensibilização.

As estratégias utilizadas durante o projeto foram de extrema importância para que os pais demonstrassem interesse pelo trabalho realizado na sala da UEE, dando assim, alguma continuidade à educação e às aprendizagens realizadas diariamente neste espaço específico, tendo em vista o desenvolvimento de cada criança e jovem.

Especificando um pouco mais algumas estratégias usadas nos diversos grupos de atividades, salientamos que nas atividades inseridas no tema «Conversando sobre...» agendámos a sua concretização para um horário adequado à disponibilidade dos pais, no sentido de estes poderem participar nas atividades. Quando os pais chegavam um pouco mais tarde as docentes esperavam até um quarto de hora para dar início à atividade, o que possibilitou uma maior participação dos pais. Procurou-se ainda criar um ambiente de partilha de informação e de transmissão de dicas específicas para cada criança, cujos pais mostrassem essas ansiedades, tornando-o num momento de cariz mais prático, de forma a minimizar as dificuldades sentidas pelas famílias presentes. Nestas atividades solicitou-se também a colaboração de duas técnicas: a psicóloga e a terapeuta da fala, as quais ajudaram a esclarecer os pais sobre o modo como estes poderiam estimular a comunicação dos filhos e como minimizar os problemas de comportamento dos filhos.

No que às duas atividades referentes ao «Livro viajante» diz respeito preparámos um saquinho para que as crianças se sentissem motivadas na escolha do livro para levar para casa e os pais poderem contar a história escolhida pela criança. Esta estratégia procurou inculcar também a responsabilidade de cada criança cuidar do saco e da história com a orientação de seus pais e de a devolverem à biblioteca. As crianças requisitavam a história à sexta-feira e acordávamos uma data de entrega com os pais. Com o saquinho ia uma ficha de leitura que tinha de ser preenchida pelos pais, aspetos acerca do livro: indicando o título do livro, autor, ilustradores, editora, data, por quem foi contada, a história, quando foi contada, o que tinham achado da mesma, se a criança e jovem gostou do livro e a data de entrega (Anexo U).

A escolha de ambientes naturais e descontraídos na comunidade para promover o convívio entre pais e crianças também foram estratégias usadas por nós para desenvolver duas atividades na temática «Dia dos pais». Para a concretização de algumas das atividades inseridas nesta temática também convidámos a equipa de Gymboree – play & música para dinamizar tarefas com as famílias.

3. Participação e envolvimento dos pais no projeto de intervenção e sua apreciação pelos mesmos

3.1. Resultados referentes à participação e envolvimento dos pais nas atividades

Os registos das notas de campo e os dados dos questionários preenchidos pelos pais após a realização das tarefas, evidenciam que o resultado do envolvimento e participação dos pais nas diversas atividades desenvolvidas foi algo variado.

Nas quatro atividades integradas no tema «Dia dos pais» contabilizámos 13 presenças, sendo que no total deveríamos ter 20 registos, observando-se uma percentagem de participação situada nos 65%, o que se considera ser uma participação razoável.

Quanto aos resultados mais qualitativos relativos à participação e envolvimento dos pais neste grupo de atividades verificámos que um dos pais interagiu com os diversos profissionais que se encontravam na sala de atividades, para além de realizar o jogo de dominó com o seu filho e as demais crianças. Este pai interagiu de uma forma muito positiva com todos os presentes e observou com pormenor os movimentos do seu filho. Após a realização da atividade com o filho aproveitou a oportunidade para conversar com a autora do estudo, sobre o seu filho. Nessa conversa expôs as suas dúvidas e as suas expectativas em relação à autonomia do filho e ao futuro, referindo que este precisava de ser mais autónomo e de não depender tanto do adulto, para que num futuro próximo pudesse ter mais qualidade de vida. Depois o pai despediu-se do filho e dos profissionais da sala, desejou bom trabalho e foi embora.

Uma das mães demonstrou satisfação a ver a filha a jogar ao dominó, pois ainda não se tinha apercebido que ela já conseguia efetuar mais ou menos este jogo. Demonstrou contentamento por tal, referindo que ela já pode jogar em casa com a

irmã. Esta mãe despediu-se depois de realizar a atividade com a filha, não tendo conversado com os profissionais depois da atividade, referiu apenas que tinha que ir embora. Pensamos que esta mãe poderia aproveitar mais estes momentos para interagir com a filha.

Uma outra mãe chegou depois do intervalo da manhã mostrando-se mais reservada, depois de cumprimentar os profissionais entrou na sala e procurou com o olhar o seu filho, mas não falou com ele. Esta mãe manifestou alguma timidez e parecia estar um pouco embaraçada. Ao iniciarmos o jogo observámos que o seu filho manifestou mais confiança pelo facto de a mãe estar ali e deixou de cumprir as regras do jogo. A mãe começou a chamar a atenção ao filho oralmente, mas este não atendia aos pedidos da mãe. Teve de ser a autora do estudo a intervir para que o jogo corresse de acordo com o esperado e que ambos pudessem tirar partido daquele momento.

A timidez foi uma atitude manifestada também por uma outra mãe que participou na atividade do jogo do dominó. Face à sua postura perguntei-lhe se estava tudo bem e ela disse que sim. Voltei a organizar as crianças para um novo jogo do dominó e a mãe sentou-se ao pé da filha. Realizámos vários jogos até termos um vencedor e durante todo aquele tempo a mãe pouco falou e quando era a vez de a filha jogar, esta dizia “eu sei, eu sei”. Foi referido que a sua filha já era capaz de jogar aquele jogo com alguma ajuda e que poderia brincar com ela em casa.

Na atividade de plantação participaram três mães e um pai. O pai afirmou que nunca tinham desenvolvido uma atividade desse tipo com o filho, manifestando satisfação pelo facto de a estar a realizar naquele momento. Este pai foi o que manifestou mais entusiasmo por esta atividade e revelou interesse em manter o contacto entre a escola e a família, e agradeceu e louvou a iniciativa. De salientar ainda que este pai mostrou-se sempre disponível para ajudar as outras crianças e confraternizar com todos. As mães mostraram-se mais tímidas e menos desenvoltas no desenvolvimento da atividade. Os pais ajudaram os filhos a plantar o feijão e explicaram todo o processo. Uma das mães aproveitou a oportunidade para falar sobre a sua vida pessoal e sobre o filho de como é difícil controlá-lo fora da escola, pois tem poucas regras e ouve pouco a mãe.

Em síntese, neste grupo de atividades as mães apresentaram uma postura mais inibida do que o pai, sendo necessário tomar a iniciativa de iniciar o diálogo para

que elas interagissem. Contudo, colaboraram nas tarefas solicitadas e ajudaram os filhos sempre que necessário.

As quatro atividades integradas na temática «Comemoração de dias especiais...» não obteve uma participação tão positiva como a anterior, obtivemos 10 presenças, quando deveriam estar 20, obtivemos portanto metade da participação possível (representou 50% do total).

De facto os pais participaram pouco nas atividades integradas nesta temática. Por exemplo, no dia do Pai tivemos a presença de apenas dois pais, apesar de se ter referido que se o pai não pudesse poderia vir ser o irmão mais velho, ou um tio mais chegado ou mesmo o avô. Na comemoração do dia da Mãe já participaram mais famílias (três). Durante essa atividade houve interação entre filho e mãe, através do diálogo sobre o que iriam desenhar com a plasticina. Foi interessante observar que os trabalhos realizados representavam a mãe e o(a) filho(a) a brincarem ou a passearem. No final desta atividade agradeceu-se a presença das mães e entregue pelo seu educando um presente realizado por eles com a ajuda dos profissionais da UEE. As crianças manifestaram sentir-se felizes por poderem dar um presente à sua mãe. A atividade relativa à comemoração da Festa da Família contou com a presença de mães e de um pai, mas não de uma família completa. Sabemos que por razões diferentes nem sempre é possível contar com a presença de ambos os progenitores na mesma atividade. Quanto à comemoração do dia da Criança não contamos com a presença de nenhum pai / mãe, embora tenha ficado acordado com os pais que quem tivesse disponibilidade e desejasse participar o poderia fazer (era facultativo).

Quanto às três atividades relacionadas com o tema «Festejando o aniversário na escola» estas tiveram a participação prevista, ou seja três mães, encarregadas de educação, estiveram presentes na escola para cantar os parabéns aos seus filhos e festejar o seu aniversário, equivalendo a 100% da participação prevista.

Observando a participação da mãe da aluna J. esta mostrou-se muito feliz com a iniciativa, revelando que nunca tinham feito nada do género para a sua filha. Como sugestão, revelou que, numa próxima oportunidade, gostava de fazer o bolo com a sua filha, agradeceu a oportunidade e afirmou: “sinto uma grande felicidade por terem organizado esta pequena festa para cantar os parabéns à minha filha e por terem feito um bolo de anos para ela. No próximo ano serei eu a fazer o bolo com a minha filha aqui na escola”. As outras duas mães apresentaram-se um pouco mais reservadas mas também evidenciaram alegria pelas filhas e pelos profissionais da UEE terem

proporcionado às crianças momentos felizes como é o de ter um bolo e cantar os parabéns com os colegas.

Também nas duas atividades integradas na temática «O livro viajante» os pais participaram de acordo com o estipulado, sendo que cada pai participou duas vezes. No total registámos 10 participações, correspondendo a 100%. Este grupo de atividades e o anterior foram os que obtiveram um maior índice de participação familiar.

Quanto a resultados mais qualitativos da participação e envolvimento dos pais neste grupo de atividades, observámos que os prazos estipulados para a devolução dos livros nem sempre foram cumpridos por todos os pais, mas no decorrer da atividade foram melhorando. Os pais preencheram e devolveram a ficha de leitura que ia junto ao livro no saquinho. Estas atividades foram realizadas com interesse por parte das crianças e dos pais onde esboçaram a sua opinião positiva acerca da história e da atividade em si. Ao devolver o saco referiram que gostavam de repetir a atividade. No geral, nas fichas de leitura recebidas (n= 9) os pais salientaram que os livros eram bons e interessantes e muito educativos, pois estes transmitiam uma mensagem ou promoviam a aprendizagem de algum conceito. É de salientar que esta atividade é importante porque promove o prazer e gosto pelo livro/histórias.

As duas atividades ligadas à temática: «Conversando sobre...» também obtiveram uma participação positiva. Concretizando, deveria ter registado um total de 10 presenças, sendo que cada pai participava duas vezes, mas registaram-se apenas sete presenças, correspondendo a uma participação de 70%.

Quanto a resultados de cariz mais qualitativo diremos que ao iniciar as sensibilizações verificámos nos rostos de alguns pais ansiedade perante o que se iria passar naquele espaço. Todavia, à medida que os pais foram participando e dialogando com os presentes essa ansiedade pareceu diminuir. A sala foi organizada de modo a que os pais se sentissem seguros e confiantes, de modo a que pudessem participar sem receios. Os pais foram recetivos às duas sensibilizações realizadas e aproveitaram os momentos para transmitir as suas preocupações, dúvidas relativamente ao seu educando(a), nomeadamente sobre as dificuldades de comunicação que existiam na relação estabelecida pelos pais e nos problemas de comportamento que os filhos apresentavam. Observaram-se algumas situações de interação entre os pais e os profissionais presentes trocando ideias sobre as dificuldades existentes e como minimizar essas dificuldades. Notou-se, por parte dos

pais presentes necessidade de falar do seu filho (a), por isso foram dadas orientações específicas em função da dificuldade de cada criança. Os pais também mostraram alguma satisfação e revelaram algum compromisso na continuidade em casa do trabalho realizado na escola.

Nas duas atividades relacionadas com a temática «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos» estiveram presentes todos os pais nos dois momentos de avaliação, tendo obtido um nível de participação de 100%. Quanto aos resultados de natureza mais qualitativa verificámos que todos os pais tiveram presentes, mas o dia e a hora tiveram que ser novamente marcadas porque alguns pais não podiam estar presente no dia em que estava estipulado. Apesar de termos tido a presença de todos os pais o seu envolvimento foi muito pouco ativo, não questionaram o que estava escrito, aceitaram os objetivos estipulados e as avaliações realizadas pela equipa pedagógica. A sua participação resultou na leitura dos documentos e na respetiva assinatura. Ainda assim, os pais demonstraram o sentimento de como era importante para eles que façamos o melhor para os filhos desenvolvendo atividade adequadas à sua problemática e às suas necessidades e interesses.

Falta referir que na atividade ligada à temática «Exposição de trabalhos» também estiveram presentes os cinco pais, tendo-se obtido um índice de participação de 100%. Em termos de resultados de cariz mais qualitativo observámos que os pais viram a exposição e visionaram o vídeo que resultou das fotografias tiradas no decorrer das atividades realizadas ao longo do projeto. Durante a apresentação do filme pudemos ver e ouvir alguns sorrisos e risos por parte dos pais. No final deste pequeno vídeo alguns pais quiseram falar sobre a experiência pela qual tinham passado no envolvimento e participação na educação dos filhos na escola, eis alguns excertos dessas conversas: “(...) atualmente vivemos confrontados com a pouca disponibilidade, alguns pais não têm tempo para virem a este tipo de iniciativa, de atividades, e assim poderem conhecer um pouco mais da realidade da escola e do trabalho que é realizado com os nossos filhos. Eu, por exemplo tenho a sorte de conseguir vir a quase todas as atividades desenvolvidas, pois o meu trabalho e o meu interesse permitiu-me estar presente. Mas há pais que não podem ou têm outras atividades que não lhes permitem participar em projetos como este, mas as crianças é que ficam a perder.” (comentário de um pai, Nota de campo nº 13, 30-06-2014); “Neste momento gostava de agradecer por me terem convidado para estar aqui. Este projeto

possibilitou-me participar mais na vida escolar da minha filha. Foi um projeto muito bom porque ajudou-me a conhecer um pouco mais todo o trabalho realizado na Sala da Unidade. É uma alegria ver como a minha filha gosta de ver a mãe a participar nas atividades com ela. Realizamos atividades onde festejamos datas importantes que, por vezes, são esquecidas com a correria do dia-a-dia. Este projeto foi importante para as crianças como para os pais participativos pois tivemos a oportunidade de desenvolver uma maior comunicação com a escola baseada na confiança.” (comentário de uma mãe, Nota de campo nº 13, 30-06-2014) e “Este projeto possibilitou-me aprender coisas como lidar melhor com o meu filho.” (comentário de uma mãe, nota de campo nº 13, 30-06-2014).

3.2. Apreciação dos pais face à sua participação e envolvimento nas atividades

Descrita a participação efetiva dos pais nas atividades desenvolvidas, apresentamos de seguida as suas apreciações relativamente a este assunto. Relembramos que para conhecer as suas perceções pedimos aos pais para preencherem um questionário após a sua participação em cada atividade. Considerámos útil seguir esta estratégia por entendermos que a opinião das famílias iria ajudar-nos a melhorar a planificação das atividades a desenvolver. São os resultados dessa avaliação que passamos a apresentar. Começamos por apresentar o número de pais que preencheu os questionários após a sua participação nas atividades desenvolvidas. No final do projeto recolhemos 58 questionários preenchidos pelos pais, os quais se encontram distribuídos de forma diferenciada pelos sete grupos de atividade (ver Tabela 40).

Tabela 40

Número de questionários preenchidos nos sete tipos de atividades desenvolvidas

Temática das atividades desenvolvidas	N.º Quest.	Obs.
Dia dos pais	13	65%
Livro viajante	10	100%
Comemorações de dias especiais	10	50%
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	100%
Conversando sobre ...	7	70%
Exposição de trabalhos	5	100%
Festejando o aniversário na escola	3	100%
Total		58

Analisando os dados da Tabela 40 verificamos que o número de questionários respondidos foi diferenciado e variou de acordo com as atividades desenvolvidas. Inferimos que a distinta participação dos pais poderá estar relacionada com várias razões: a preferência do tema da atividade, o dia e horário de realização da atividade, bem como a disponibilidade dos pais. Pensamos também que a própria planificação das atividades pode ter exercido alguma influência, sendo a maioria organizada a pensar em todos os pais, apenas uma foi pensada tendo em consideração as crianças, no sentido de festejar o seu aniversário na escola com a família.

Os pais que participaram nas diversas atividades manifestaram a sua apreciação relativamente às seguintes dimensões: (i) grau de interesse da atividade, (ii) horário em que decorreram, (iii) pertinência das atividades desenvolvidas, (iv) tempo de duração da atividade e (v) nível de satisfação pela atividade em que participou. Foi ainda solicitado aos participantes que assinalassem os sentimentos que vivenciaram ao participar nessas atividades e que sugerissem outras atividades a realizar em futuras propostas. Relembramos que as apreciações foram realizadas tendo por base a seguinte escala de Likert.

1	2	3	4	5	6
Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Completamente Satisfeito	Não tem opinião
Nada adequado	Pouco adequado	Adequado	Muito adequado	Complemente adequado	

Seguidamente apresentamos os resultados obtidos nestes questionários, considerando as diversas dimensões estudadas.

Interesse da atividade

O tipo de atividades que os pais apreciaram como a mais interessante foi a «Festejando o aniversário na escola», tendo-se obtido uma média de 5.00, correspondendo à apreciação «completamente satisfeito». No polo oposto os pais descreveram como menos interessante as atividades relacionadas com o «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos» tendo-se alcançado um valor médio de 3.90, equivalendo à apreciação «satisfeito», como se apresenta na Tabela 41. Este foi o único tipo de atividade que obteve uma média inferior à apreciação «muito satisfeito». Todos os pais manifestaram a sua opinião, pois nenhum deles assinalou a opção “não tem opinião”.

Tabela 41

Nível do interesse manifestado pelas famílias nas atividades em que participaram

Temáticas das atividades desenvolvidas	N. Resp.	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Festejando o aniversário na escola	3	5	5	5.00	,00
Conversando sobre ...	7	4	5	4.71	,48
Comemorações de dias especiais	10	4	5	4.70	,48
Livro viajante	10	4	5	4.60	,51
Exposição de trabalhos	5	4	5	4.40	,54
Dia dos pais	13	3	5	4.31	,63
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	3	4	3.90	,31

A análise dos resultados apresentados na Tabela 41 evidencia que as apreciações oscilaram entre o valor 5.00 e o 3.90, tendo-se obtido uma média global de 4.51. Consideramos serem estes valores muito positivos, pois correspondem a apreciações situadas entre o «muito satisfeito» e o «completamente satisfeito». Se analisarmos os valores médios obtidos eliminando os dois valores extremos (5.00 e 3.90) obtemos um valor médio de 4.54.

Horário da atividade

Analisando as apreciações relativas ao horário das atividades verificámos que as atividades integradas na temática «Festejando o aniversário na escola» foram as que obtiveram uma média mais elevada (4.33), correspondendo à apreciação «muito satisfeito». Em lado oposto situaram-se as atividades relacionadas com a temática

«Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos», muito embora tenha obtido também uma apreciação positiva (média de 3.50, equivalendo à apreciação «satisfeito»), como se descreve na Tabela 42. Informa-se que nenhum dos pais assinalou a opção “não tem opinião”.

Tabela 42

Apreciação dos pais face ao horário em que as atividades decorreram

Temáticas das atividades desenvolvidas	N. Resp.	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Festejando o aniversário na escola	3	4	5	4.33	,57
Comemorações de dias especiais	10	4	5	4.30	,48
Dia dos pais	13	3	5	4.00	,70
Livro viajante	10	4	4	4.00	,00
Exposição de trabalhos	5	3	5	4.00	,70
Conversando sobre ...	7	3	5	3.86	,90
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	3	4	3.50	,52

A análise dos resultados apresentados na Tabela 42 evidencia que a maioria das famílias considerou que o horário das atividades foi adequado, manifestando-se como «muito satisfeito» em quase todos os grupos de atividade (cinco em sete). Consideramos estes resultados como positivos, pois obteve-se uma média global de 3.99, correspondendo a uma apreciação que se situa quase no «muito satisfeito».

Pertinência da atividade

O tipo de atividade que os pais apreciaram como sendo a mais pertinente foi a «Festejando o aniversário na escola», tendo-se obtido uma média de 5.00 corresponde à apreciação «completamente satisfeito». Por sua vez, o tipo de atividade apreciada como sendo a menos pertinente relacionou-se com o «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos», oscilando os valores entre a apreciação 3.00 e 5.00, tendo-se obtido uma média de 4.20, equivalendo à apreciação de «muito satisfeito», como se apresenta na Tabela 43. A apreciação sobre a pertinência desta atividade foi bastante discrepante, não havendo consenso entre os pais. Nenhum dos pais assinalaram a opção “não tem opinião”.

Tabela 43

Apreciação dos pais sobre a Pertinência das atividades desenvolvidas

Temáticas das atividades desenvolvidas	N. Resp	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Festejando o aniversário na escola	3	5	5	5.00	,00
Livro viajante	10	4	5	4.90	,31
Comemorações de dias especiais	10	4	5	4.60	,51
Exposição de trabalhos	5	4	5	4.60	,54
Conversando sobre ...	7	4	5	4.57	,53
Dia dos pais	13	4	5	4.23	,43
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	3	5	4.20	,63

A análise dos resultados apresentados na Tabela 43 evidencia que a maioria das atividades obteve uma média situada no valor 4, correspondendo à apreciação «muito satisfeito». Consideramos que estes resultados são positivos, pois obteve-se uma média global de 4.58, correspondendo a uma apreciação que se situa entre o «muito satisfeito» e quase «completamente satisfeito». Globalmente, as apreciações realizadas aos sete grupos de atividade não foram muito discrepantes entre si.

Tempo de duração da atividade

As atividades integradas na temática «Festejando o aniversário na escola» foram as que os pais apreciaram como tendo um tempo de duração mais adequado, tendo-se alcançado uma média de 4.67, correspondendo à apreciação «muito satisfeito». As atividades apreciadas como tendo um tempo de duração menos adequado foram as relacionadas com: «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos», «Comemoração de dias especiais» e «Exposição dos trabalhos». Nestas atividades o valor médio situou-se nos 3.80, equivalendo à apreciação de «satisfeito», como se apresenta na Tabela 44. Nenhum dos pais assinalaram a opção “não tem opinião”. A análise dos resultados apresentados na Tabela 44 evidencia ainda que as duas atividades que tiveram um tempo de duração mais adequado foram as integradas nas seguintes temáticas: «Festejando o aniversário na escola» e «O livro viajante», tendo obtido as médias de 4.67 e de 4.60 respetivamente, corresponde à apreciação «muito satisfeito». Consideramos serem os resultados positivos, pois obteve-se uma média global de 4.10, o que corresponde a uma apreciação de «muito satisfeito».

Tabela 44

Apreciação dos pais sobre o Tempo de duração da atividade

Temáticas das atividades desenvolvidas	N. Resp	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Festejando o aniversário na escola	3	4	5	4.67	,57
Livro viajante	10	4	5	4.60	,51
Conversando sobre ...	7	3	5	4.29	,75
Dia dos pais	13	3	5	3.85	,55
Comemorações de dias especiais	10	3	5	3.80	,78
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	3	5	3.80	,78
Exposição de trabalhos	5	3	5	3.80	,83

Nível de satisfação com a atividade

As atividades que os pais apreciaram com um nível de satisfação mais elevado foram as integradas nas temáticas: «Festejando o aniversário na escola» e «O Livro viajante», tendo estas obtido uma média de 5.00, correspondendo à apreciação «completamente satisfeito», como se apresenta na Tabela 45. A atividade que os pais assinalaram um menor nível de satisfação foi a relacionada com o «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI e seus filhos», tendo-se obtido uma média de 4.10, equivalendo à apreciação de «muito satisfeito». Nenhum dos pais assinalou a opção “não tem opinião”.

Tabela 45

Apreciação dos pais quanto ao nível de satisfação pela atividade

Temáticas das atividades desenvolvidas	N. Resp.	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Festejando o aniversário na escola	3	5	5	5.00	,00
Livro viajante	10	5	5	5.00	,00
Exposição de trabalhos	5	4	5	4.60	,54
Comemorações de dias especiais	10	4	5	4.70	,48
Conversando sobre ...	7	4	5	4.57	,53
Dia dos pais	13	3	5	4.38	,65
Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos	10	3	5	4.10	,56

A análise dos resultados apresentados na Tabela 45 evidencia que o nível de satisfação dos pais foi muito positivo, tendo as atividades obtido médias que oscilaram

entre os valores 4, correspondendo à apreciação «muito satisfeito» e 5, equivalendo à apreciação «completamente satisfeito». No global obteve-se uma média global de 4.62, o que corresponde à apreciação de «muito satisfeito».

Apreciação global das atividades

Globalmente as atividades avaliadas de forma mais positiva pelos pais relacionaram-se com a temática «Festejando o aniversário na escola», tendo-se alcançado o valor médio de 4.80, que corresponde à apreciação de «muito satisfeito». Consideramos ser esta uma apreciação bastante positiva. No polo oposto situaram-se as atividades ligadas à temática «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI e seus filhos», tendo-se obtido o valor médio estatístico de 3.90, equivalente à apreciação «satisfeito». Refere-se no entanto que a média desta última atividade está muito perto do nível de avaliação «muito satisfeito». Os resultados referentes a esta apreciação encontram-se descritos na Figura 10.

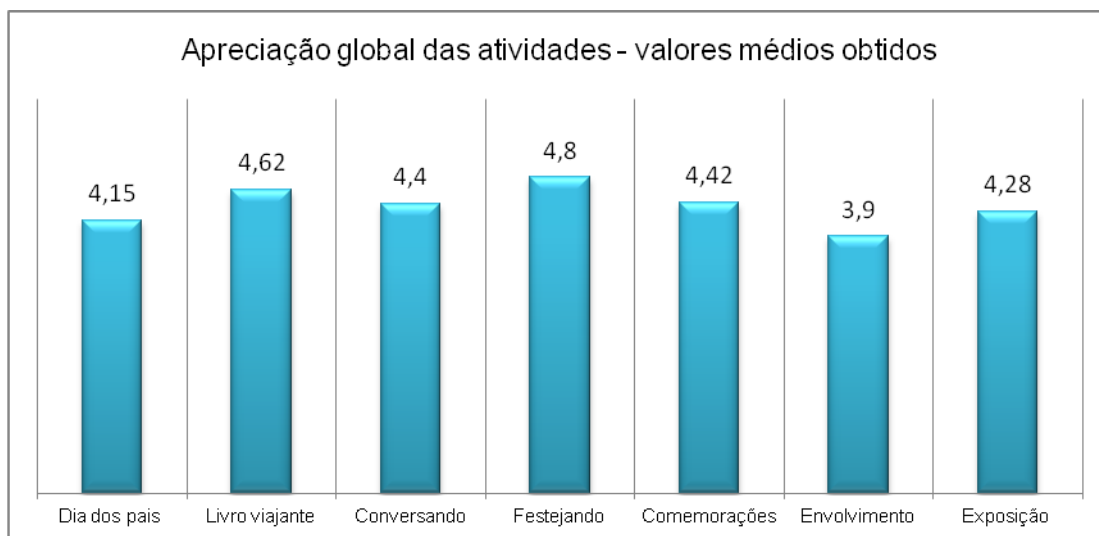


Figura 10. Apreciação global das atividades

Perante os resultados expostos na Figura 10 concluímos que as apreciações dos pais foram muito positivas, oscilando as apreciações entre os valores 3.90, equivalente à apreciação «satisfeito» e os 4.80, equivalente à apreciação «muito satisfeito».

Sentimentos vividos nas atividades desenvolvidas

Procurámos ainda conhecer os sentimentos vivenciados pelos pais nas atividades desenvolvidas. Os resultados obtidos encontram-se descritos na Tabela 46. A análise dos dados obtidos indica-nos que os pais que participaram nas atividades vivenciaram sentimentos positivos, realçando-se os sentimentos «Entusiasmo» e «Calma /paz». Apenas um dos pais mencionou ter sentido «timidez».

Tabela 46

Sentimentos vivenciados pelos pais durante as atividades

Sentimentos	Resultados	
	N=	%
Entusiasmo	29	48,3
Calma/Paz	23	38,3
Alegria	6	10,0
Timidez	1	1,7
Felicidade	1	1,7
Total	60	100,0

Atividade que gostaria de ver desenvolvida em futuras propostas

Os resultados relativos às atividades que os pais gostariam de ver desenvolvidas em futuras propostas não são muito explícitos, estes sugeriram apenas sete atividades, destacando-se: realizar um jogo com o filho, fazer mais passeios e os filhos puderem levar para casa mais histórias interessantes como as que levaram. Referiram ainda que gostariam de realizar mais sessões/sensibilizações, mas com outros temas, fazer o bolo de aniversário na escola com a filha e, por fim, comemorar os dias especiais da família.

4. Avaliação do projeto de intervenção

4.1. Opinião das famílias sobre as atividades desenvolvidas

Genericamente, a apreciação feita pelas famílias do projeto desenvolvido é positiva. A avaliação mais favorável ocorreu em duas dimensões: «*satisfação face ao projeto*» e «*organização e funcionamento do projeto*», as quais obtiveram uma média de 4.40 correspondendo à apreciação «completamente satisfeito» (ver Tabela 47).

Tabela 47

Apreciação global do projeto

Dimensões	N=	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Satisfação face ao projecto	5	4	5	4.40	0,54
Organização e funcionamento...	5	4	5	4.40	0,54
Oportunidades criadas para ...	5	3	5	4.20	0,83
Pertinência do projecto	5	4	5	4.20	0,44
Interesse pelo projeto ...	5	3	5	4.00	0,70
Frequência de participação ...	5	2	5	3.40	1,34
Participação e envolvimento ...	5	2	4	3.20	1,09

A apreciação menos positiva foi observada na dimensão «*participação e envolvimento no projeto desenvolvido*» que obteve uma média de 3.20, o que representa a apreciação «adequada». Esta dimensão e a «*frequência com que participou nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto*» foram as únicas que registaram apreciações menos positivas, sendo que as apreciações oscilaram entre os valores 2 e 5, revelando haver maior diversidade de opiniões nestas duas dimensões. Verificou-se uma maior concordância das avaliações na dimensão «*pertinência do projeto*» ($dp=0.44$) e uma maior variabilidade de opiniões na dimensão «*frequência com que participou nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto*» ($dp=1.34$). Portanto, as dimensões apreciadas de forma menos positiva correspondem em parte ao envolvimento e participação das famílias nas atividades dinamizadas.

Analisando de uma forma mais detalhada estas dimensões, considerando os valores médios obtidos, observamos que a maioria mencionou estar «muito satisfeito» face o projeto desenvolvido (ver Figura 11).

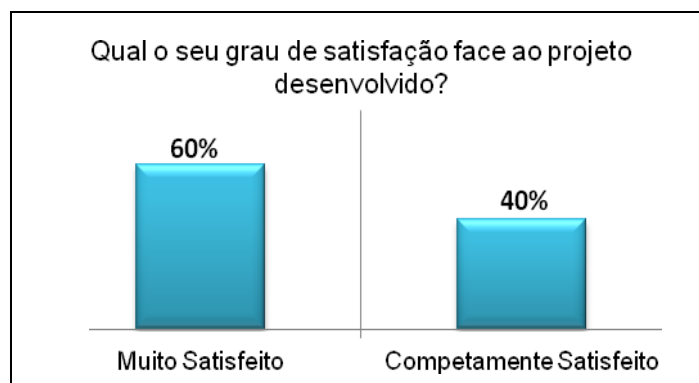


Figura 11. Grau de Satisfação face ao projeto desenvolvido

A apreciação relativa à «*organização e funcionamento do projeto*» foi considerada igualmente positiva pelos pais, como se descreve na Figura 12.

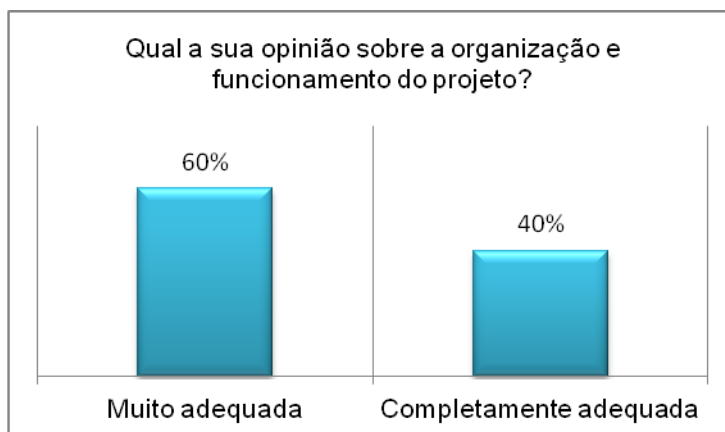


Figura 12. Organização e funcionamento do projeto

As opiniões dos pais face às «*oportunidades criadas para se envolverem e cooperarem com a escola dos filhos*» dividem-se, como se observa na Figura 13, sendo que 40% consideram-nas como «muito adequadas» ou como «completamente adequadas» e 20% apenas como «adequadas». Em qualquer dos casos, a avaliação é positiva.

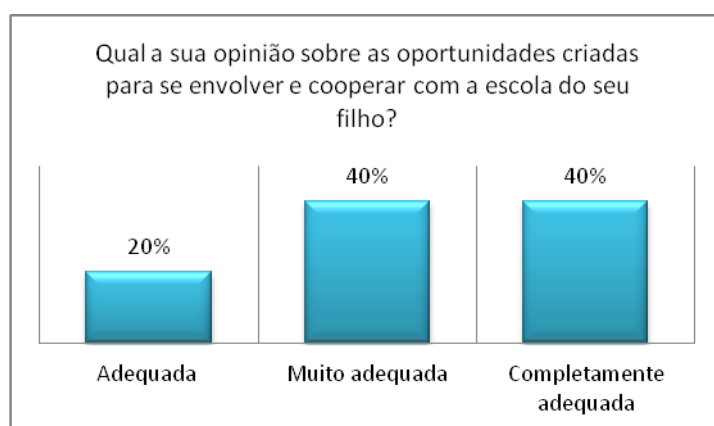


Figura 13. Oportunidades criadas para se envolver e cooperar com a escola do seu filho

Quanto à «*Pertinência do projeto*» uma percentagem bastante elevada de pais (80%) considerou o projeto realizado como «muito pertinente», como ilustra a Figura seguinte.

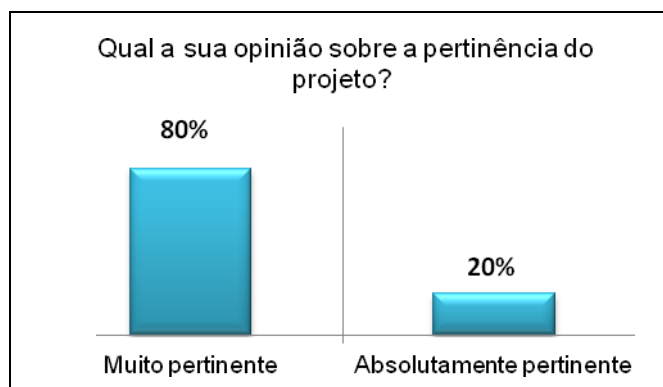


Figura 14. Opinião sobre a pertinência do projeto

Relativamente ao «*interesse pelo projeto desenvolvido*», a maioria dos pais fez apreciações muito favoráveis, sendo que 60% consideraram-no como «muito interessante», 20% como «interessante» e 20% como «completamente interessante», como se retrata na Figura que se segue.

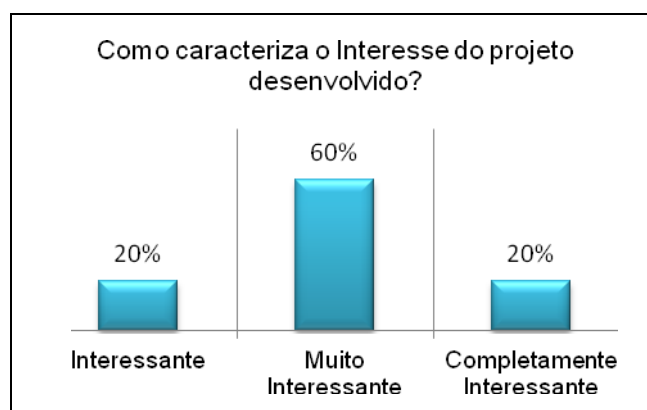


Figura 15. Interesse pelo projeto desenvolvido

Os pais avaliaram a «*frequência da sua participação nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto*» de forma um pouco menos positiva, como ilustra a Figura 16. Face a estes resultados é possível afirmar que alguns encarregados de educação consideraram não terem sido tão participativos como seria desejável. Quando inquiridos sobre as principais razões que condicionaram a sua participação no projeto os pais referem essencialmente a falta de tempo, a disponibilidade e a incompatibilidade de horários. Referem ainda algum compromisso inadiável, o número de filhos do agregado familiar, a distância geográfica que dista a sua casa da escola e a situação económica.

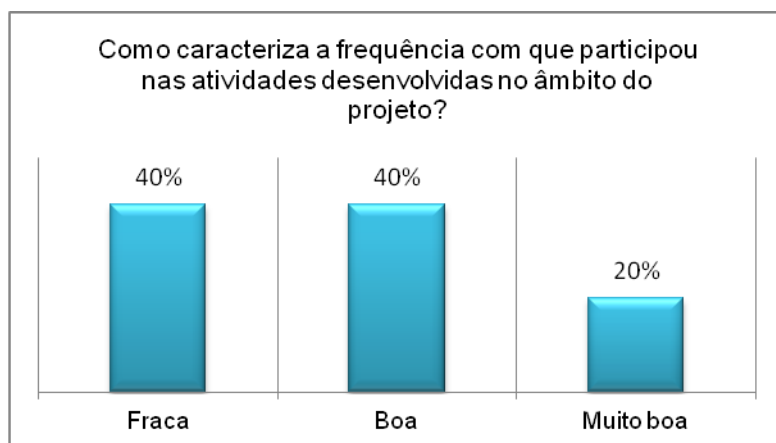


Figura 16. Frequência com que participou nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto

Porém, uma percentagem elevada de pais (60%) considerou que a sua «participação e envolvimento no projeto desenvolvido» foi «muito adequada», como se observa na Figura 17. Contudo, uma percentagem importante (40%) entendeu que teve uma fraca participação nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto.

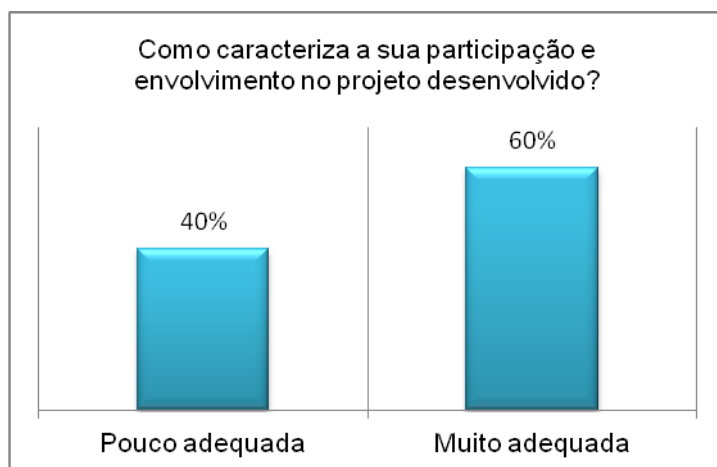


Figura 17. Participação e envolvimento no projeto desenvolvido

Relativamente ao que poderia ter sido feito para ajudar a família a envolver-se mais no trabalho da escola/UEE, dois pais responderam que a escola deveria planificar atividades que fossem compatíveis com o horário dos pais, um outro respondeu que deveria realizar-se compromissos com os pais logo no início do ano, fazer mais sensibilizações e promover uma boa comunicação e uma relação de confiança.

No que concerne à opinião dos pais em relação ao que gostaria que a escola fizesse para que a sua participação fosse mais intensa no trabalho da escola/UEE, os pais responderam que a escola deve continuar a comunicar, convidar, motivar e organizar atividades como as que foram desenvolvidas com o projeto.

4.2. Balanço final do projeto de intervenção

Apresentados os resultados referentes à avaliação do projeto segundo as apreciações realizadas pelos pais, importa destacar que a maioria das avaliações dos questionários se situou nos valores mais elevados da escala de Likert utilizada, o que nos permite considerar que este projeto, de uma maneira geral, foi do agrado dos participantes e bem recebido pela maioria dos pais que participaram nas atividades.

No decorrer das várias atividades foi-nos possível verificar que os momentos de diálogo entre os pais e os profissionais foram aumentando, os pais mostravam-se mais seguros e interessados em saber como lidar com os filhos e como os acompanhar em casa, dando continuidade ao trabalho efetuado no contexto escolar dos seus filhos, aproximando-se mais das necessidades educativas dos filhos.

As atividades que se destacaram como as mais relevantes para os pais em todo o projeto, considerando as diversas dimensões analisadas, foram as integradas na temática «Festejando o aniversário na escola». Contudo, os pais também destacaram outras atividades relacionadas com o «Livro viajante», as «Comemorações de dias especiais» e o «Conversando sobre...».

As atividades menos significativas para os pais participantes foram sem dúvida alguma as inseridas na temática «Envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos». Pensamos ser útil alterar as estratégias usadas neste grupo de atividades no sentido de tornar mais significativo para os pais a sua participação neste tipo de atividade. Talvez o recurso à metodologia “Making Actions Plans” (MAPs⁵) (Stainback & Stainback, 2007; Maia & Giacomini, 2005) possa vir a ser usada no futuro. Consideramos que o MAPs enquanto estratégia de trabalho em equipa, na qual a família da criança em análise se encontra naturalmente envolvida por serem as pessoas que melhor conhecem a criança (quase sempre), pode ajudar a envolver os

⁵ Plano de ação cooperativo que reúne uma equipa, aluno, família e profissionais, no processo da vida da criança, de forma a planear o seu futuro, centrada na pessoa, tendo em conta os seus objetivos pessoais e da sua família.

pais na definição do plano de trabalho a realizar com a criança, numa perspetiva de intervenção centrada na pessoa. Esta parece ser uma estratégia útil quando se deseja realizar um trabalho cooperativo com os pais. Talvez o uso desta metodologia possa ser uma estratégia a usar em trabalhos idênticos a este projeto para envolver mais os pais neste tipo de atividades. Não recorreremos a ela no nosso projeto devido ao seu desconhecimento na altura.

Fazendo uma análise retrospectiva do trabalho realizado ao longo dos quatro meses, bem como o feedback dos pais das crianças em cada atividade desenvolvida, consideramos ter alcançado a maioria dos objetivos definidos. As atividades decorreram com tranquilidade, os pais que participaram mostraram-se motivados e interessados. Ou seja, os pais presentes manifestavam satisfação e entrega na sua participação em cada atividade realizada. Criaram-se alguns laços e empatias, mas é necessário continuar a trabalhar para aumentar a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e ajudá-los a crescer. Procurámos promover o envolvimento, a participação, a socialização e a autonomia em cada atividade. Foi um trabalho gradual atento às necessidades, mas também aos interesses e vontades dos pais e crianças. Esperamos que estes pais continuem a envolver-se e participar na vida escolar dos filhos de forma a desenvolver as suas potencialidades e minimizando as dificuldades.

Através de algumas destas atividades as crianças com os seus pais presentes tiveram a oportunidade de contactar com ambientes naturais experimentando momentos únicos e sem preocupações com horários ou com o stresse do dia-a-dia.

Apesar de observarmos uma participação positiva dos pais no projeto, percebemos que há pais pouco participativos, revelando moderado interesse nas atividades dos seus filhos. É necessário motivá-los constantemente para se envolverem e participarem de forma ativa na vida escolar dos filhos. Por outro lado, estes pais não evidenciam ter muita consciência de quanto é importante acompanharem os filhos no seu processo de crescimento e desenvolvimento no contexto escolar, bem como no seu processo de socialização e inclusão social.

Tivemos uma mãe que gostaríamos que tivesse tido um melhor envolvimento e participação na vida escolar da filha, pois esteve presente em poucas atividades. Pensamos que esta situação deve estar relacionada com a sua pouca disponibilidade visto ter um horário pouco flexível e ter pouco tempo para prestar o apoio e acompanhamento necessário à sua filha.

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo pretende refletir sobre os resultados obtidos com a implementação do projeto realizado, tecendo-se para o efeito algumas considerações finais. O capítulo está organizado em três tópicos: o primeiro descreve considerações relativas ao envolvimento e a cooperação entre famílias e alunos que frequentam a UEE; o segundo reflete sobre as práticas mais eficazes usadas na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola/UEE (em específico com a equipa da UEE) e o terceiro apresenta algumas recomendações que nos parecem pertinentes face ao projeto desenvolvido.

1. Envolvimento e cooperação entre famílias e profissionais

A hipótese de ação definida para o presente projeto de intervenção referia que «a implementação de um programa de intervenção dirigido a pais, centrado, de certa forma, nos seus interesses, contribui para o envolvimento e a cooperação entre as famílias de alunos com problemáticas complexas e os profissionais da UEE». Concluído o projeto consideramos que a hipótese de ação colocada se confirmou. Isto é, o conhecimento das necessidades e interesses das famílias dos alunos com quem trabalhávamos ajudou-nos a definir atividades e estratégias que promoveram uma maior participação e envolvimento por parte de alguns pais na vida escolar dos seus filhos, muito embora nem todas as estratégias a que recorremos tenham obtido o mesmo nível de sucesso.

Especificando, face aos resultados obtidos consideramos que o projeto desenvolvido contribuiu para uma melhor cooperação e um envolvimento mais ativo das famílias no trabalho desenvolvido pelos profissionais da UEE. Pensamos que as atividades dinamizadas na sala da UEE ajudaram a promover o envolvimento dos pais no processo de ensino e aprendizagem dos filhos.

Verificou-se um envolvimento e uma participação diferenciada mas positiva por parte da maioria dos pais envolvidos no projeto, tendo essa participação sido registada através da sua presença nas diferentes atividades dinamizadas ao longo da intervenção estabelecida no plano de ação, bem como pelas reações manifestadas

face às estratégias utilizadas. No final da intervenção, a maioria dos pais manifestou ter alguma consciência da importância do seu envolvimento e participação no processo de ensino e aprendizagem dos filhos. Consideramos, que deste modo, família e escola beneficiaram da cooperação estabelecida, envolvendo-se em relações de interação e participando no processo educativo (cf. Walker & Hoover-Dempsey, 2008).

No presente estudo verificámos ainda que alguns pais assumiram atitudes diferenciadas em termos do seu envolvimento com a escola. Atendendo à classificação proposta por Costa (2014) diremos que os pais participantes no presente estudo assumiram mais atitudes de «pais colaborantes» e de «pais abordáveis» e menos atitudes de «pais indiferentes». Nenhum dos pais assumiu atitudes de «pais consumidores».

Ainda que a experiência vivida nos reporte que a implementação de um programa de intervenção dirigido a pais centrado nos seus interesses e necessidades contribui para o envolvimento e a cooperação entre as famílias de alunos com problemáticas complexas e os profissionais de UEE, a utilização desta estratégia não é só por si suficiente para envolver todos os pais, pois há circunstâncias pessoais e profissionais que são difíceis de ultrapassar, como é o caso da distância a que algumas famílias se encontram do estabelecimento de ensino e a sua disponibilidade para participar nas diversas atividades propostas, face ao seu horário de trabalho e às exigências da vida familiar. Estas circunstâncias parecem condicionar as suas atitudes e ações (cf. Baeck, 2010; Costa, 2014; Marques, 2001; Young, Austin & Growe, 2013).

Verificou-se que as famílias têm modos de ser, pensar, agir e regras de funcionamento diferentes que devem ser respeitados, pois estes aspetos influenciam os seus hábitos de vida quotidiana e as relações que estabelecem com a escola dos seus filhos. Tendo em atenção estes aspetos, há que implementar práticas que facilitem a relação escola-família. Considera-se que uma maior cooperação e proximidade entre as duas instituições poderá traduzir-se num melhor desempenho dos alunos (Marques, 2001). Apesar de esta não ter sido uma dimensão analisada no presente projeto, poderá ser uma dimensão a analisar em futuros estudos tendo como ponto de partida esta investigação-ação.

Em síntese, o envolvimento destas famílias correspondeu à manifestação de interesse e vontade em ter um papel mais ativo nas atividades desenvolvidas pelos filhos na UEE (Wong, 2008), bem como à partilha de informação e à participação na

tomada de decisões (Costa, 2014; Marques, 2001), ainda que o exercício do seu poder deliberativo (Costa, 2014) não tenha sido relevante. A este nível considera-se ser importante ajudar estes pais a compreenderem que devem exercer de uma forma mais ativa o direito que lhes assiste na tomada de decisão quanto ao processo educativo dos seus filhos (Marujo et al., 2002). Pensamos que este processo exige tempo, vontade e persistência (Alves & Leite, 2005), pelo que conjecturamos não ter sido suficiente o tempo disponível para que este tipo de participação se pudesse observar com mais acuidade no nosso projeto.

Concluído o projeto considera-se fundamental que os profissionais implicados no processo educativo da criança compreendam a família, no que respeita à sua dinâmica, interesses e necessidades, a sua estrutura biológica, emocional e social, para poderem promover o envolvimento e a participação ativa na vida escolar dos filhos. Concordamos com Wilson (2016) e Magalhães (2007) quando nos dizem ser importante desenvolver um relacionamento positivo e construtivo entre a família e a escola, no sentido de se trabalhar em conjunto para promover o sucesso escolar dos seus educandos.

2. Práticas mais eficazes usadas na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola/UEE

Este projeto de intervenção implicou desenvolver práticas promotoras do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola, tendo-se mostrado ser útil o estabelecimento de diversos processos de comunicação e o estar disponível para escutar as famílias, o que vai ao encontro do referido por Pogoloff (2004).

Considerando os seis tipos de envolvimento familiar apresentados por Epstein (1995, citado por Wilson, 2016; Epstein, 2009) diremos que o plano de intervenção contemplou eventos e implementou estratégias que procuraram promover, essencialmente, três tipos de envolvimento: i) a parentalidade: procurou-se ajudar as famílias a melhorar o ambiente familiar no sentido de este ser mais adequado às necessidades dos filhos em casa; ii) a comunicação, entendemos importante começar por estabelecer uma comunicação positiva com as famílias, utilizando formas variadas de comunicação com a família e vice-versa, como se disse antes; e iii) a aprendizagem em casa, o que implicou disponibilizar informação e dar algumas

sugestões às famílias relativamente ao modo como estas podem apoiar os seus filhos em casa. A tomada de decisões também foi promovida, mas foi centrada na educação dos filhos e não no sentido de estes se envolverem em tomadas de decisão sobre o funcionamento escolar. Não desenvolvemos atividades que promovessem o envolvimento das famílias nos outros dois tipos de envolvimento: voluntariado e colaboração com a comunidade. Considerámos importante desenvolver primeiro práticas que ajudassem a melhorar a confiança entre a escola e a família e que respeitassem as características das famílias.

Centrando a atenção nos eventos desenvolvidos verificámos que algumas atividades obtiveram mais sucesso do que outras, na medida em que, por um lado conquistaram uma maior participação dos pais e, por outro estes avaliaram essas atividades de forma mais positiva, considerando as dimensões estabelecidas, a saber: interesse da atividade, horário em que as atividades se realizaram, pertinência da atividade e tempo de duração da atividade.

As atividades que obtiveram uma melhor apreciação por parte das famílias participantes no projeto foram as que se apresentavam como mais descontraídas e que promoviam uma maior aproximação entre pais e filhos. Considerando o interesse da atividade os pais destacaram os seguintes eventos: o festejar o aniversário dos filhos na escola, o conversar sobre determinado assunto relacionado com os comportamentos dos filhos, a comemoração de dias especiais, o livro viajante e a exposição de trabalhos. Por sua vez, as atividades consideradas mais pertinentes e aquelas que os pais entenderam apresentar um maior nível de satisfação foram: o festejar os aniversários e o livro viajante. Também foram estas as atividades que os pais afirmaram ter um tempo de duração mais adequado.

Embora não se tenha conseguido obter informação precisa que nos ajude a compreender porque estas atividades tiveram uma maior adesão dos pais, ou seja se esta se deveu às estratégias usadas ou ao tipo de atividades dinamizadas, a experiência vivida neste projeto leva-nos a afirmar ser importante primeiro desenvolver atividades que permitiam criar um bom clima entre a escola e a família, possibilitando o estabelecimento de um sentimento de confiança entre ambas as instituições. Desta forma, pode ser possível promover um ambiente facilitador da partilha de preocupações e ansiedades por parte dos pais e que lhes dê apoio emocional (McWilliam, 2012). Consequentemente, os pais podem ficar mais disponíveis para participar noutra tipo de atividades.

As atividades consideradas menos interessantes e menos pertinentes, na opinião dos pais, foram o envolvimento dos pais na avaliação do PEI de seus filhos e o dia dos pais. Destas duas atividades sobressai a primeira como sendo aquela em que os pais consideram menos positivamente em todas as dimensões analisadas. Os pais que participaram no estudo não manifestaram especial interesse em envolverem-se de forma ativa na tomada de decisões sobre o processo educativo do seu filho, acabando por evidenciar fragilidades no cumprimento deste tipo de direitos enquanto encarregados de educação. Por outro lado, esta foi a atividade em que se obteve o maior índice de participação das famílias, talvez por esta envolver uma dimensão mais formal de carácter obrigatório considerando a legislação da educação especial em vigor, e por ter sido desenvolvida em dois momentos. Conjeturamos que as estratégias usadas no desenvolvimento dessa atividade não terão sido as mais adequadas, talvez os pais não se tenham sentido suficientemente confortáveis para poderem participar de uma forma mais ativa. Entendemos que é preferível recorrer a estratégias mais dinâmicas que ajudem os pais a ter um maior envolvimento neste tipo de atividades, como é o caso do uso da metodologia MAPS.

O facto de nem todos os pais terem participado em todas as atividades promovidas pode decorrer de várias circunstâncias, sendo a disponibilidade das famílias uma dimensão importante a considerar, a qual tem sido reportada também na literatura da especialidade (cf. Baeck, 2010; Marques, 2001). Pensamos que as conceções de escola que foram sendo construídas pelos pais podem também ter marcado as suas atitudes e comportamentos face à escola e à participação. Eventualmente, o seu estatuto socioeconómico também pode condicionar as suas atitudes e ações (Costa, 2014).

Face aos resultados do nosso projeto consideramos que para cativar e motivar os pais a colaborar e envolver-se mais nas atividades escolares dos seus filhos, é útil começar por desenvolver atividades de cariz mais social que impliquem momentos prazerosos e divertidos, e que de alguma forma funcionem como apoio emocional (McWilliam, 2012). Depois de os laços estarem estabelecidos pensamos que será mais fácil cativá-los para outro tipo de atividades.

Quanto ao horário das atividades os pais consideraram frequentemente, que o mais conveniente era o turno da manhã. Porém, as apreciações variaram consoante a disponibilidade das famílias. Foi importante desenvolver os eventos num horário que não interferisse com o horário de trabalho dos pais. Este aspeto teve de ser negociado

com os pais, o que implicou ser-se flexível e permitiu o seu envolvimento e participação nas atividades planificadas. Foi igualmente importante manter-se contactos frequentes com os pais para dar a conhecer o trabalho que se estava a realizar com eles, bem como averiguar as suas opiniões acerca das atividades desenvolvidas.

As estratégias usadas na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola/UEE contribuíram, em nossa opinião, para aproximar a família da escola e tornar a relação mais equilibrada. Pensamos ter sido útil respeitar o nível de envolvimento que melhor se adaptava aos seus interesses e disponibilidade de cada família.

Face aos resultados obtidos no presente projeto de intervenção considera-se que as práticas mais eficazes relacionadas com o processo de comunicação foram: a formulação de convites, a cedência do contacto telefónico pessoal no sentido de mostrar a nossa disponibilidade, a escrita de recados na caderneta dos alunos, a disponibilização de um horário de atendimento e o estabelecimento de diálogo sempre que possível, o que vai ao encontro das estratégias referidas por Baeck (2010) como importantes para se promover uma boa comunicação entre a escola e as famílias.

Uma outra estratégia que nos pareceu importante implementar diz respeito à organização do espaço escolar. Foi útil torná-lo mais acolhedor para receber as famílias (cf. Pogoloff, 2004).

Utilizámos igualmente a partilha de informação e saberes entre profissionais, bem como o dar orientações às famílias através do aconselhamento de estratégias a usar em casa, a realização de reuniões com os pais e o desenvolvimento de ações de sensibilização, no sentido de dar algum apoio informativo aos pais (McWilliam, 2012).

As estratégias referenciadas permitiram a partilha de informação entre profissionais e pais, e que os pais participassem mais na vida escolar dos seus filhos, o que nos pareceu contribuir para que estes aumentassem as suas expectativas sobre o futuro educacional dos seus filhos. Em suma, a maioria das estratégias usadas contribuiu para um maior envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos e para a criação de um espírito de cooperação entre a escola e a família.

Enquanto docente da Educação Especial, penso que este projeto propõe um programa de intervenção e estratégias importantes para que profissionais, docentes e técnicos, organizem e planifiquem um trabalho dirigido ao envolvimento e participação dos pais na vida escolar dos filhos. Fazendo um balanço final, apesar de

consideramos que o presente projeto obteve resultados positivos, o seu processo de concepção e desenvolvimento constituiu um desafio para a autora do estudo. Concluímos ainda que o presente estudo se centrou mais na promoção do envolvimento das famílias na educação dos seus filhos e menos no estabelecimento de cooperação entre estas duas instituições.

A metodologia utilizada também se revelou inovadora para nós. Destacamos ainda que a realização deste projeto foi, para nós, muito relevante na medida em que nos possibilitou a aproximação com cada família, beneficiando assim da cooperação dos pais no desenvolvimento de cada criança e jovem. A sua concretização permitiu igualmente uma aprendizagem profissional e pessoal, bem como novos conhecimentos, os quais procuraremos colocar em prática na nossa futura atividade docente. Acreditamos que a experiência positiva que resultou deste projeto de investigação-ação, bem como os resultados obtidos neste estudo podem contribuir para melhorar as estratégias e as práticas dos profissionais de educação e suscitar futuros projetos.

3. Recomendações

As opiniões recolhidas no nosso trabalho revelam que os pais e os profissionais valorizam o envolvimento e a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Consideram que os pais têm um papel importante no apoio ao processo educativo, sendo necessário desenvolver um conjunto de estratégias que ajudam a implementar boas práticas de envolvimento parental nesse processo. Com base nestes pressupostos julgamos pertinente realizar algumas recomendações que possam ajudar na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias dos alunos que frequentam a UEE e os profissionais da respetiva sala.

Especificando um pouco, para promover o envolvimento e a cooperação dos pais na educação dos seus filhos com NEE considero ser fundamental utilizar estratégias que ajudem a escola a aproximar-se das famílias, nomeadamente: i) desenvolvimento de uma comunicação baseada no respeito e na confiança, que possibilite o estabelecimento de um diálogo aberto e sincero; ii) uso de uma linguagem acessível a todos os pais a fim de facilitar o processo de comunicação; iii) dinamização de eventos que correspondam aos interesses e necessidades dos pais, sejam criativos e inovadores e que promovam situações descontraídas e prazerosas

para os pais; iv) criação de oportunidades para que os pais participem e conheçam o trabalho desenvolvido pela criança / jovem; v) partilha de informação acerca do educando; vi) troca de experiências; e vi) utilização de diferentes formas de contacto: telefone, escrita de recados e envio de convites. Consideramos ainda importante trabalhar em equipa procurando ajuda mútua, e definindo objetivos comuns. Partilhamos a ideia de Simões (2006) quando refere a existência de objetivos comuns pressupõe “a necessidade de uma estreita colaboração que se reflita em ações conjuntas e coordenadas” (p. 37) e ainda de Correia (2005) quando este refere que o trabalho com os pais é caracterizado por “uma intenção partilhada, respeito mútuo e vontade de negociação, o que implica partilha de informação, responsabilidade, aptidões, tomada de decisões e confiança” (p. 65). A escola deve ainda ser criativa e diversificar o trabalho nela realizado, atendendo às necessidades e características da comunidade escolar: pais, professores e técnicos, e criar um horário de «atendimento» compatível com o horário de trabalho dos pais para que a sua participação possa acontecer efetivamente.

É importante procurar que os pais possam ser o mais ativos possível, dado que atualmente na legislação em vigor (Decreto-Lei n.º75/2008) os pais veem reforçado o direito a estarem presentes e a tomar parte ativa na vida da escola. A importância da presença da família na escola é, portanto, reconhecida legalmente. Nesta relação que resulta, muitas vezes, numa participação efetiva há um conjunto de benefícios que se prolongam a todos os atores educativos. Porém, os obstáculos existem e podem ser resultado de falta de informação, de fraca comunicação, de falta de tempo e de confiança nos implicados no processo, mas também carência de uma cultura de participação. Assim, alguns pais necessitam de serem motivados e encorajados para o efetivo envolvimento e participação no processo educativo do/a seu/sua filho/a. Sugere-se, por isso, o desenvolvimento de um programa de intervenção que permita aos profissionais estabelecer uma relação de lealdade com pais, de modo a que estes se tornem parceiros no percurso escolar dos filhos. Para tal, exige-se aos profissionais de educação conhecimento das características e necessidades do contexto familiar onde a criança está inserida e da sua estrutura, pois pode ajudar a promover a uma relação de confiança entre estes dois agentes da ação educativa.

Consideramos que o sucesso do envolvimento e da cooperação dos pais na vida escolar dos filhos depende, em parte, do esforço dos docentes, da sua

experiência profissional e da sabedoria necessária à construção de uma relação próxima e de confiança entre pais e profissionais.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. M. & Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola – Um guia para os pais*. Coleção Saberes. Porto: Edições Asa
- Amaral, I., Elmerskog, B., Tellevik, J., Drave, D., Fuchs, E. & Farrelly, A. (2006). *Participação e atividade para alunos com Multideficiência e deficiência visual. Uma Abordagem educativa em atividades para alunos com multideficiência e deficiência visual*. IMPACT MDVI. MDVI Euronet. Sócrates Comenius. Edição Bentheim. Wurzburg.
- Amaral, I. & Gil, T. M. (2008). Famílias, multideficiência e parcerias educativas. *Re(habilitar) – Revista da ESSA*, 6, 5-27. Lisboa: Edições Colibri.
- Baek, U.K. (2010). Parental Involvement Practices in Formalized Home–School Cooperation. *Scandinavian Journal of Educational Research*, 54 (6), December, 549–563 DOI: 10.1080/00313831.2010.522845
- Bairrão, J., Pereira, F., Felgueiras, I., Fontes, P. & Vilhena, C. (1998). *Os alunos com necessidades educativas especiais – subsídios para o sistema de educação*. Lisboa: Edição do Concelho Nacional de Educação.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo (3ª ed.)*. Lisboa: Edições 70, Lda.
- Bessa, F., Sousa, A., Vieira, S., Ferreira, M. J. & Dias, A. (2008) in: C. Coutinho, *Investigação-acção – metodologia preferencial nas práticas educativas. Metodologias de Investigação em Educação*. Universidade do Minho. Consultado em http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm .
- Bhering, E. & Siraj-Blatchford, I. (1999). A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. *Caderno de pesquisa*, 106, 191-216.
- Bogadan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Calado, C. (2013, fevereiro). *Criança como espelho do funcionamento familiar*, *SuperBebés*, 188, in <http://superbebes.com.pt/temas/tecnologias-2/238-crianca-como-espelho-do-funcionamento-familiar>
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação. Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cavalcante, R. (1998). Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, Campinas.

- Cloninger, C. (2004). Designing collaborative educational services. In F. P., Orelove, D. R. Sobsey & R. K. Silberman, *Educating children with multiple disabilities: a collaborative approach* (pp. 1-30). (Fourth Edition). Baltimore: Paul Brookes Publishing Co., Inc.
- Cohen, L., Manion, L. & Moerrison, K. (2005). *Research methods in education*. 5th Edition. London: RoutledgeFalmer.
- Correia, L. M. & Serrano, A. M. (orgs.). (1998). *Envolvimento Parental em Intervenção Precoce – Das Práticas centradas na Criança às Práticas Centradas na Família*, Coleção Educação Especial, Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2005). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto: Porto Editora.
- Costa, H. M. (2014). *Relação Família Escola: Um Olhar de Ecologia Humana entre o Ensino Público e o Privado*. De Facto Editores.
- Costa, S. (2012). *O impacto do diagnóstico do autismo nos Pais*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional das Beiras, Viseu.
- Davis, D. (1989). *As escolas e as Famílias em Portugal: Realidade e perspectivas*, Lisboa: Livros Horizontes.
- Davis, D., Marques, R. & Silva, P. (1992). *Os Professores e as Famílias: a Colaboração Possível*, Lisboa: Livros Horizontes.
- Decreto Lei nº 319/91, de 23 de agosto – Regime Educativo Especial.
- Decreto Lei nº 3/2008, de 07 de janeiro – Regime Educativo Especial.
- Decreto-Lei n.º75/2008, de 22 de abril - Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.
- Decreto Legislativo Regional n.º 33/2009/M, de 31 de dezembro - Estabelece o regime jurídico da educação especial, transição para a vida adulta e reabilitação das pessoas com deficiência ou incapacidade na Região Autónoma da Madeira
- Despacho Normativo n.º 50/2005 de 9 de novembro
- Despacho Normativo n.º 10/2009 de 19 de fevereiro
- Downing, J. E. (2002). *Including Students with Severe and Multiple Disabilities in Typical Classrooms*. Second Edition. Paul Brookes Publishing Co., Inc. Baltimore.

- Downing, J. E. & Eichinger, J. (2008). Educating students with diverse strengths and needs together: Rationale for inclusion. In J. E. Downing, *Including students with severe and multiple disabilities in typical classrooms*. Practical strategies for teachers (pp. 1-19). Baltimore: Paul H. Brookes, Publishing C^o.
- Epstein, J. L. & Sanders, M. (1996). *School, Family, and Community Partnerships: Overview and New Directions in Education and Sociology*. An Encyclopedia, Nova Iorque, Garland publishing.
- Epstein, J. L. (1997). A comprehensive framework for school, family, and community partnerships. In J. L. Epstein, Coates, K. C. Salinas, M. G. Standers & B. S. Simon (Eds.), *School, family, and community partnerships* (pp. 1-25). Thousand Oaks California: Sage.
- Epstein, J. L. (2001) *School, family and community partnerships: Preparing educators and improving schools*. Boulder, CO: Westviw.
- Epstein, J. L., Mavis, G. S., Beth S. S., Karen, C. S. & Natalie, R. J. (2002). *School, Family and Community Partnerships: Your Handbook for Action*, 2^a ed. Thousand Oaks, CA: Corwin Press.
- Epstein, J. L. (2009) School, family and community partnerships: Caring for the Children We Share” in Epstein, Joyce, L. (org.), *School, Family and Community Partnerships – Your handbook for action*, United States Corwin Press (3rd edition).
- Fernandes, E. & Maia, A. (2001). Grounded theory. In E. Fernandes & L. Almeida (Eds). *Métodos e Técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação* (pp.49-76). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos Educação e Psicologia.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (A. M. Parreira, trad.). Lisboa: Monitor. (Obra original publicada em 2002).
- Freixo, M. J. V. (2012). *Metodologia Científica – Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto de Piaget.
- Fuchs, D. & Fuchs, L. S. (1994). *Inclusive schools movement and the radicalization of Special education*. *Exceptional children* 60 (4), 294-309.
- Glat, R. (2004) Uma Família Presente e Participativa: o Papel da Família no Desenvolvimento e Inclusão Social da Pessoa com Necessidades Especiais. (pp 1-7). *Anais do 9.º Congresso Estadual das APACs de Monas Gerais*. Belo

- Horizonte/MG. Rio de Janeiro. Consultado em http://www.eduinclusivapesq-uerj.pro.br/livros_artigos/pdf/familia.pdf.
- Gil, T. (2008, abril, maio, junho). *As Famílias de crianças com Multideficiência, Diversidades*, 20, 10-12.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O inquérito: teoria e prática* (4ª Ed.). (C. I. Pires, Trad.) Oeiras: Celta Editora, Lda. (Obra original publicada em 1997).
- Henderson, A. (1987). *The evidence continues to grow*. Columbia, NCPB.
- Henriques, C. (2012). *Aconselhamento aos pais de crianças com multideficiência no acompanhamento dos seus filhos*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett.
- Hornby, G. & Lafaele, R. (2011). Barriers to parental involvement in education: an explanatory model. *Educational Review*, 63, 1, 37-52.
- Hoover-Dempsey, K. V. & Sandler, H. M. (1997). Why do parents become involved in their children's education? *Review of Educational Research*, 67(1), 3-42.
- Karila, K. & Alasuutari, M. (2012). Drawing partnership on paper: How do the forms of individual educational plans frame parents – teacher relationship? *International Journal about Parents in Education*, 6(1), 15-27.
- Koerich M.S., Backes, D.S., Sousa, F.G.M., Erdmann, A.L. & Albuquerque, G.L. (2009). Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 11 (3):717-23. Consultado em <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a33.htm>
- Krasnow, J. (1990). *Building Parent-Teacher Partnerships: Prospects from the Perspective of the Schools Reaching Out Project*. Boston: Institute for Responsive Education.
- Ladeira, F. & Amaral I. (2010). *Alunos com Multideficiência nas Escolas de Ensino Regular*. Coleção Apoios Educativos. Ministério da Educação. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Coordenação Núcleo de Orientação Educativa e de Educação Especial.
- Latorre, A. (2003). *La Investigación-Acción*. Barcelo: Graó.
- Lee, R. M. (2003). *Métodos não interferentes em pesquisa social*. (E. Freitas trad.). Trajectos. Lisboa: Gradiva. (Obra original publicada em 2000).
- Lima, J. A. (2002). *Pais e Professores, um desafio à cooperação*. Porto: Edições ASA.
- Lima, J. A. (2006). Ética na Investigação In: Pacheco, J. A. (org.) *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.

- Lytle R. K. & Bordin J. (2001). Enhancing The IEP Team – Strategies for Parents and Professionals, *Teaching Exceptional Children*, 33(5), 40-44, CEC.
- Loureiro, M. (2008). *De Olhos Postos na Educação Especial*, In *De olhos postos na Educação Especial* [actas], Manuel Miguéns (dir.). Selenova, Ida. Lisboa.
- Lusa L. (2012, jan/feb). Demystifying the IEP Process for Diverse Parents of Children With Disabilities *Teaching Exceptional Children*, 44(3), 14-20, CEC.
- Maia, R. S. & Giacomini, L. (2005). *Planificação para o Futuro de um Aluno com Deficiências Auditivas e Visuais*. Projeto Horizonte. Ahmisa. Hilton Perkins.
- Magalhães, M. G. (2007). *Modelo de Colaboração: Jardim-de-Infância/Família*. Coleção: Horizontes Pedagógicos. Editorial Instituto de Piaget.
- Magerotte, G. (1997). As Famílias que acolhem uma criança com graves problemas de desenvolvimento são famílias a “tempo inteiro”!. In A. Rodrigues-Lopes (Coord., Org.), *Problemática da Família - Contributo para uma Reflexão sobre a Família na Sociedade Actual* (pp. 128-142). Viseu: Instituto Superior Politécnico de Viseu
- Mansell, J. (2010, July). Raising our sights: services for adults with profound intellectual and multiple disabilities. *Tizard Learning Disability Review*, 15 (3).
- Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marques, R. (1993). *A Escola e os Pais: Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Coleção: Ensinar e Aprender. Lisboa: Editorial Presença.
- Marujo, H. A., Neto, L. M. & Perloiro, M. F. (2002). *A Família e o sucesso escolar*, (3ª ED.), Lisboa: Editorial Presença.
- Martim, E. W. (1995). Case Studies on Inclusion: Worst Fears Realized. *The Journal of Special Education*, 29, 192-199.
- Mcwilliam, R. A. (org.) (2012). *Trabalhar com as Famílias de Crianças com Necessidades Especiais*. Coleção Educação Especial. Porto: Porto Editora.
- Meireles, J. & Santos, M. (2008, abril, maio, junho) Unidades Especializadas em Multideficiência: A realidade da EB1/PE de Boaventura, *Diversidades*, 20, 15-20..
- Murphy, J. (1995). *Insights on “The contexto of ful inclusion”* from a non-special education. *The Journal of Special Education*, 29, 209-211.

- Moore, C., Gilbreath, D. & Maiuri, F. (1998). *Educating Students with Disabilities in General Education Classrooms: A Summary of the Research*. East Lansing, MI.
- Niella, M. F. (1993). *Família y deficiência Mental*, Salamanca. Amarú Ediciones.
- Nunes, C. (2001). *Aprendizagem Ativa na Criança com Multideficiência – guia para educadores*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Nunes, C. (2002). *A criança e o jovem com multideficiência e surdocegueira – Contributos para o sistema educativo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Nunes, C. (2005). *Unidades Especializadas em Multideficiência - Normas Orientadoras*. Coleção Apoios Educativos, 11. Lisboa. DGIDC - DSEEASE Editorial do Ministério da Educação.
- Nunes, C. (2008). *Alunos com multideficiência e com surdocegueira congénita Organização da resposta educativa*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular Direcção de Serviços da Educação Especial e do Apoio Sócio-Educativo.
- Nunes, C. (2012). *Apoio a pais e docentes de alunos com multideficiência: Conceção e desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa/Instituto de educação de Lisboa.
- Nunes, C. & Amaral I. (2008, abril, maio, junho). Educação, Multideficiência e Ensino Regular: um processo de mudança de atitude, *Diversidades*, 20, 4-9.
- Orelove, F. & Sobsey, D. (1996). *Educating children with multiple disabilities: A transdisciplinary approach* (3rded.). Baltimore, MD: Paul H. Brookes.
- Orelove, F. P. & Sobsey, D. (2001). *Educating children with multiple disabilities: A transdisciplinary approach* (Arabic edition). Saudi Arabia: Special Education Academy.
- Pereira, F. (1998). *As representações dos professores de educação especial e as necessidades das famílias*. Livros SNR n.º8, 2ª edição. Lisboa: Secretariado Nacional para a reabilitação e integração das pessoas com deficiência.
- Pogoloff, S. M. (2004, November). Facilitate Positive Relationships Between Parents and Professionals. *Intervention in School and Clinic*, 40(2), .116-119.
- Pugach, M. C. & Johnson, L. J. (1995). *Collaborative Practitioners. Collaborative Schools*. Denver: Love.

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais* (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rodrigues, D. (org.) (2011). *Educação Inclusiva - dos Conceitos às Práticas de Formação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rojas Fabris, M. T. (marzo, 2012). La investigación acción y la práctica docente, *Cuadernos de Educación*, 42, Facultad de Educación de la Universidad Alberto Hurtado, Santiago de Chile. Consultado em http://www.cide.cl/documentos/investigacion_accion_cuaderno41_MTRojas.pdf e <http://biblioteca.uahurtado.cl/ujah/reduc/pdf/pdf/txt910.pdf>
- Saramago, A. R., Gonçalves, A; Nunes, C. Duarte, F. & Amaral, I. (2004). *Avaliação e Intervenção em Multideficiência*. Centro de Recursos para a Multideficiência. Lisboa: Ministério da Educação. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Silva, M. E. R. (2004). *A colaboração entre pais de crianças com necessidades educativas especiais e os profissionais no jardim-de-infância*. Tese de mestrado não publicada, Braga: Universidade do Minho, Instituto da Criança.
- Simões, M. (2006). *Pais, filhos, professores e trabalhos de casa*. Santa Maria da Feira. Editorial A casa encantada.
- Snell, M.E. (2002). *Severe and Multiple Disabilities, Education of individuals With Encyclopedia of Education*. Consultado em <http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-3403200553.html>
- Stainback, S. & Stainback, W. (2007). *Inclusão: Um Guia para Educadores*. Editora, Artmed.
- Staples K. E. & Dilibert J. A. (2010). *Guidelines for Successful Parent Involvement - Working with Parents of Students with Disabilities, Teaching Exceptional Children*, 42(6), 58-63.
- Tekin, A. K. (2011, August). Parent involvement revisited: Background, theories, and models. *International Journal of Applied Educational Studies*, 11, 1-13.
- Unesco (1994). *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das Necessidades educativas especiais*, Lisboa: IIE.
- Vala, J. (2005). A análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Biblioteca das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento.

- Walker, J. & Hoover-Dempsey, K. (2008). Parent involvement. In T. Good (Ed.). *21st century education: a reference handbook*. (pp.11382-11-392). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, Inc.
- Wilson, T. (2016). *Working with parents, carers and families in the early years. The essential guide*. London: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Wong, M. M. (2008). Perceptions of parental involvement and autonomy support: Their relations with self-regulation, academic performance, substance use and resilience among adolescents. *North American Journal of Psychology*, 10 497-518.
- World Health Organization & World Bank (2011). *World report on disability*. Malta: Who Library Cataloguing-in-Publication.
- Young, C. Y., Austin, S. M. & Growe, R. (2013). Defining parental involvement: perception of school administrators. *Education*, 133, 3, 291-297.

ANEXOS

Anexo A. Pedido de Autorização do Diretor Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos

Excelentíssimo Senhor Diretor Regional
Da Administração Educativa da Região
Autónoma da Madeira

Data: 15-10-2013

Assunto: Pedido de autorização para realizar estudo no âmbito do Mestrado em Educação Especial

Eu, Sandra Marina Barradas Fernandes, educadora de infância especializada em Educação Especial, colocada no quadro de Zona Pedagógica, a exercer funções na escola EB1/PE do XXXX, encontro-me a frequentar o curso de mestrado em Educação Especial – área de Problemas de Cognição e Multideficiência, promovido pela Escola Superior de Educação de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa.

No âmbito deste mestrado pretendo realizar um projeto de intervenção que tem como principal finalidade promover o envolvimento e cooperação entre a escola onde trabalho e a família dos alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM). Ou seja, pretendo desenvolver um projeto de intervenção que permita responder às seguintes questões: i) Como promover o envolvimento e cooperação entre as famílias dos alunos que frequentam a UAM e os profissionais que trabalham com estes alunos? e ii) quais as práticas mais eficazes na promoção do envolvimento e da cooperação entre estas famílias e a escola /UAM? Tendo por base estas duas questões, estabelecemos os seguintes objetivos para o nosso estudo:

- caracterizar as práticas utilizadas pelos profissionais para promover o envolvimento e a cooperação das famílias no processo educativo de alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM).
- implicar as famílias no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, promovendo o envolvimento e a cooperação entre as famílias e os profissionais da sala da UAM.

- desenvolver práticas eficazes na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola (UAM).
- Identificar estratégias eficazes que promovam um trabalho em equipa escola/família no caso da educação de alunos com multideficiência.

Para recolher os dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas aos pais dos cinco alunos que frequentam a UAM e aos profissionais que com eles trabalham, bem como notas de campo acerca do trabalho desenvolvido.

Os dados recolhidos são anónimos e utilizado apenas com o fim de realizar este estudo. Isto é, o tratamento de dados será efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a qualquer análise individualizada, respeitando assim o anonimato. Sendo que os dados recolhidos são exclusivamente utilizados para fins académicos.

Para realizar este estudo venho por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a a autorização para poder realizar entrevistas aos pais das crianças da UAM e aos técnicos que trabalham com elas.

Sem outro assunto de momento, esperando uma vossa resposta, subscrevo-me com elevada consideração e estima.

Com os meus cordiais cumprimentos,

A Docente do Ensino Especial

(Sandra Marina Barradas Fernandes)

Anexo B. Autorização do Diretor Regional da Administração Educativa e Recursos Humanos



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA
GOVERNO REGIONAL
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS
DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

Exma. Senhora
D. Sandra Marina Barradas Fernandes
barradasfernandes@sapo.pt

Direção Regional de Educação
GGAD

SAÍDA	PROCESSO(s)	DATA
Of: 2.986	5.70.0	28-11-2013

ASSUNTO: **Autorização para a realização de um projeto no âmbito do Mestrado de Educação Especial na EB1/PE do Lombo Segundo**

Na sequência do vosso requerimento, e por despacho do Exmo. Senhor Diretor Regional de Educação, de 26/11/2013, informa-se V. Exa. que é autorizada a aplicação dos questionários e entrevistas propostas aos técnicos, docentes e encarregados de educação dos alunos selecionados, no âmbito do estudo que pretende "promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família dos alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência", promovido pela Escola Superior de Educação.

Para efeitos da operacionalização do estudo, deverá V. Exa. obter a autorização prévia dos destinatários, bem como da direção da escola.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor de Serviços de Investigação,
Formação e Inovação Educacional


(Bernardo Lage Valério)

Na resposta indicar a «Nossa referência». Em cada ofício tratar só de um assunto.

BV/MJM

Anexo C. Pedido de Autorização da Diretora da Instituição Escolar

Exma. Sra. Diretora

Assunto: Pedido de autorização para realizar estudo no âmbito do Mestrado em Educação Especial

Eu, Sandra Marina Barradas Fernandes, educadora de infância especializada em Educação Especial, colocada no quadro de Zona Pedagógica, a exercer funções na escola EB1/PE do XXXX, encontro-me a frequentar o curso de mestrado em Educação Especial – área de Problemas de Cognição e Multideficiência, promovido pela Escola Superior de Educação de Lisboa, do Instituto Politécnico de Lisboa.

No âmbito deste mestrado pretendo realizar um projeto de intervenção que tem como principal finalidade promover o envolvimento e cooperação entre a escola onde trabalho e a família dos alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM). Ou seja, pretendo desenvolver um projeto de intervenção que permita responder às seguintes questões: i) Como promover o envolvimento e cooperação entre as famílias dos alunos que frequentam a UAM e os profissionais que trabalham com estes alunos? e ii) quais as práticas mais eficazes na promoção do envolvimento e da cooperação entre estas famílias e a escola /UAM Tendo por base estas duas questões, estabelecemos os seguintes objetivos para o nosso estudo:

- caracterizar as práticas utilizadas pelos profissionais para promover o envolvimento e a cooperação das famílias no processo educativo de alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM).
- implicar as famílias no processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, promovendo o envolvimento e a cooperação entre as famílias e os profissionais da sala da (UAM).
- desenvolver práticas eficazes na promoção do envolvimento e da cooperação entre as famílias e a escola (UAM).

- Identificar estratégias eficazes que promovam um trabalho em equipa escola/família no caso da educação de alunos com multideficiência.

Para recolher os dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas aos pais dos cinco alunos que frequentam a UAM e aos profissionais que com eles trabalham, bem como notas de campo acerca do trabalho desenvolvido.

Os dados recolhidos são anónimos e utilizado apenas com o fim de realizar este estudo. Isto é, o tratamento de dados será efetuado de uma forma global, não sendo sujeito a qualquer análise individualizada, respeitando assim o anonimato. Sendo que os dados recolhidos são exclusivamente utilizados para fins académicos.

Para realizar este estudo venho por este meio, solicitar a V.^a Ex.^a a autorização para poder realizar entrevistas aos pais das crianças da UAM e aos técnicos que trabalham com elas.

Sem outro assunto de momento, esperando uma vossa resposta, subscrevo-me com elevada consideração e estima.

Com os meus cordiais cumprimentos,

Funchal, 15 de outubro de 2013

A Docente do Ensino Especial

(Sandra Marina Barradas Fernandes)

Anexo D. Termo de Consentimento Informado



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____ declaro ter sido informada/o por Sandra Marina Barradas Fernandes, a frequentar o Mestrado de Educação Especial na Escola Superior de Educação de Lisboa, e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente estudo, bem como da minha participação voluntária no mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Assim, disponho-me a participar no estudo que pretende *promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família dos alunos que frequentam a Unidade de Apoio à Multideficiência.*

A minha participação assentará na realização de entrevista / questionário conduzidos pela investigadora.

Este estudo não me trará qualquer despesa ou risco. Foi-me assegurada/o total confidencialidade e proteção da informação que forneço à investigadora.

Em suma, declaro que entendi os objetivos do projeto e concordo participar, voluntariamente, neste projeto de intervenção.

Assinatura:

Data: ___ / ___ / ___

Anexo E – Guião de Entrevista: Técnicos e docente que trabalham no contexto de UAM

Tema: Promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família de alunos que frequentam uma Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM)

Tipo: Semiestruturada.

Objetivos:

- Compreender em que dimensões os técnicos se envolvem e cooperam com as famílias dos alunos que frequentam a UAM
- Perceber como é que os técnicos contactam com as famílias
- Averiguar as práticas utilizadas pelos técnicos na promoção da cooperação entre a família e a Escola/UAM
- Conhecer estratégias usadas pelos técnicos para envolver a família na escola
- Conhecer a opinião dos profissionais face ao tipo de relação existente entre a família e a escola/UAM

Blocos	Objetivos	Para um Formulário de Questões	
<u>Bloco I</u> Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a presença do entrevistado • Informar sobre o tema e os objetivos da entrevista • Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas • Solicitar autorização para gravar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de um pequeno questionário complementar à entrevista
<u>Bloco II</u> Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Caraterizar o envolvimento e a cooperação existente entre a escola e a família	<ul style="list-style-type: none"> • Pode descrever como é que as famílias se envolvem com a educação dos seus filhos? Que tipo de cooperação existe entre essas famílias e a escola? • Na sua opinião qual é o papel da família na educação dos seus filhos? Como se envolvem nas atividades que desenvolve na escola? • Como caracteriza o envolvimento e a cooperação existente entre a família e a escola? E com a UAM, em particular? O que espera das famílias dessas crianças? Como gostaria que essas famílias se envolvessem na escola? 	

Blocos	Objetivos	Para um Formulário de Questões
<u>Bloco III</u> Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Conhecer as práticas utilizadas pelos profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Quais as estratégias que utiliza mais frequentemente, de forma a envolver a família na educação dos seus filhos em geral, e no trabalho da unidade em particular? • Na sua opinião qual é a disponibilidade das famílias para participarem em atividades propostas pela escola? • Pode caracterizar as atividades em que os pais são envolvidos ou lhes é pedida a sua colaboração? • Como é que convida as famílias para participar nas atividades desenvolvidas? Quais os procedimentos que costuma usar?
<u>Bloco III</u> Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Conhecer as práticas utilizadas pelos profissionais	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião quais são as atividades em que os pais preferem envolver-se e participar no trabalho da sala da UAM?
	Compreender como é estabelecida a comunicação com as famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Pode explicar como comunica com essas famílias? E quando o faz, ou seja em que circunstâncias e com que frequência o faz? • Com é feita a gestão dos contactos com as famílias? Quais são as razões que levam a contactar as famílias?
<u>Bloco IV</u> Relação família/escola UAM	Conhecer o tipo de relação existente	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião quais são as razões que levam as famílias dos alunos que frequentam a UAM / a envolverem-se e a cooperarem com a escola? • Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação escola/família?
<u>Bloco V</u> Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Compreender quais as barreiras sentidas pelos profissionais face ao envolvimento e cooperação com as famílias	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião quais são os fatores que condicionam o envolvimento da família na escola? Quais as principais barreiras que encontra? • Já agora, qual é a sua opinião sobre o que a escola poderia fazer para minimizar ou ultrapassar essas barreiras?
<u>Bloco VI</u> Conclusão da entrevista	Dar oportunidade de o entrevistado acrescentar mais informação ao que foi dito Concluir a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista? • Aproveito ainda para informar que a entrevista depois de transcrita será devolvida para confirmar se o conteúdo corresponde ao que conversámos, ou ao que pretendeu dizer • Para terminar quero expressar o meu agradecimento pela sua colaboração. Muito obrigada

Anexo F - Guião de Entrevista: Famílias de alunos que frequentam a UAM

Tema: Promover o envolvimento e a cooperação entre a escola e a família de alunos que frequentam uma Unidade de Apoio à Multideficiência (UAM)

Tipo: Semiestruturada.

Objetivos:

- Conhecer o modo como a família do aluno com NEE se envolve e coopera no processo educativo do seu filho.
- Conhecer a importância que a família atribui ao envolvimento e cooperação durante no processo educativo do seu filho.
- Perceber como a família se relaciona com a escola/UAM.
- Compreender as necessidades sentidas pela família face ao processo educativo do seu educando.

Blocos	Objetivos	Para um Formulário de Questões	
<u>Bloco I</u> Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1. Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecimento pela presença do entrevistado • Indicação do tema e objetivos da entrevista • Informação para assegurar o caráter confidencial das informações prestadas • Solicitação de autorização para gravar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de um pequeno questionário complementar à entrevista
<u>Bloco II</u> Envolvimento e cooperação entre a família e os profissionais da UAM	Conhecer de que forma a família se envolve e coopera com a escola	<ul style="list-style-type: none"> • Pode explicar como se envolve com a escola em termos da educação do seu filho? Qual é o seu papel na educação do seu filho? • Qual é a sua opinião sobre a sua cooperação na escola tendo em vista a educação do seu filho? • Pode indicar como é a sua relação com a escola? Como se envolve nas atividades que a escola desenvolve? • Qual é a sua opinião sobre o papel dos pais na promoção do desenvolvimento do seu filho? 	

(cont.)

Blocos	Objetivos	Para um Formulário de Questões
<u>Bloco II</u> Envolvimento e cooperação entre a família e os profissionais da UAM	Conhecer de que forma a família se envolve e coopera com a escola	<ul style="list-style-type: none"> • De que forma é que a escola o/a envolve nas atividades que promove? • Como descreve a sua participação nas atividades promovidas pela escola? • De que forma participa nessas atividades? Quais são as atividades que gosta mais de participar?
<u>Bloco III</u> Comunicação estabelecida com a escola	Compreender que tipo de comunicação existe com a escola	<ul style="list-style-type: none"> • Pode explicar como faz para comunicar com os docentes e terapeutas? Como é que esses profissionais comunicam consigo? • O que gostaria que fosse diferente? Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação com os profissionais?
<u>Bloco IV</u> Necessidades sentidas pela família	Conhecer as necessidades da família	<ul style="list-style-type: none"> • Quais são as suas principais necessidades relativamente à educação do seu filho(a) • Pode explicar que dificuldades sente no seu dia-a-dia com o(a) seu(a) filho? • O que mudaria na sua relação com a escola? • Na sua opinião o quê é que a escola deveria ou poderia fazer mais pelo seu filho (a)? • Quais as dificuldades que sente na sua relação com a escola? O que gostava que mudasse?
<u>Bloco V</u> Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Compreender quais as barreiras sentidas pelos pais face ao envolvimento e cooperação na escola	<ul style="list-style-type: none"> • Na sua opinião quais as barreiras que condicionam o seu envolvimento na escola? • Já agora, quais as barreiras, na sua opinião que condicionam a sua cooperação e colaboração na escola?
<u>Bloco VI</u> Conclusão da entrevista	Dar oportunidade de o entrevistado acrescentar mais informação ao que foi dito Concluir a entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista? • Aproveito ainda para informar que a entrevista depois de transcrita será devolvida para confirmar se o conteúdo corresponde ao que conversámos, ou ao que pretendeu dizer • Para terminar quero expressar o meu agradecimento pela sua colaboração. Muito obrigada.

Anexo G. Transcrição de uma entrevista realizada aos profissionais

Transcrição da entrevista com a técnica TO

Data:16-12-2014

Hora: 14h

Entrevistador: Bom dia, quero agradecer a sua disponibilidade para conversar comigo sobre o envolvimento e a cooperação das famílias no trabalho da Unidade de Apoio à Multideficiência. O seu contributo será importante para a recolha de dados. Espero não ser demorada nas questões que lhe vou colocar. Importa-se que grave esta entrevista.

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Vamos então começar.

Bloco II – Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM

Entrevistador: Pode descrever como é que as famílias se envolvem com a educação do seu filho(a)? Que tipo de cooperação existe entre essas famílias e a escola?

Entrevistado: As famílias pouco se envolvem na educação do seu filho. Continuam a acreditar nos profissionais, na esperança de que são os únicos a promover a educação e desenvolvimento das crianças. A escola tenta sempre cooperar com as famílias, quer através da apresentação do plano educativo individual, apresentação das atividades a desenvolver durante o ano letivo, as avaliações dos filhos, bem como solicitar as famílias a envolver e cooperar nas atividades da escola. Infelizmente, este facto nem sempre acontece por indisponibilidade das famílias.

Entrevistador: Na sua opinião qual é o papel da família na educação dos seus filhos? Como se envolvem nas atividades que possa desenvolver na escola?

Entrevistado: O papel da família na educação dos seus filhos ainda é passivo. As famílias tomam uma postura passiva, dedicando-se às informações dadas pelas equipas. Estas informações baseiam-se na patologia, no desenvolvimento e estimulação em diferentes áreas. Apesar, de haver uma tentativa de aproximar as famílias na educação e aprendizagem dos seus filhos, as famílias depositam na responsabilidade dos profissionais na habilitação e treino de competências. O tempo que as famílias se dedicam a reunir com a equipa, continua a ser realizada com pouca frequência. Este facto deve-se à indisponibilidade das famílias em reunir devido ao horário laboral, aos turnos de trabalho, e ao medo de faltar constantemente ao trabalho, mesmo que as famílias obtenham a justificação. As famílias pouco se

envolvem nas atividades, pois elas acreditam nas ações práticas dos profissionais na educação dos seus filhos. Continuam a assumir um papel de escuta ativa acerca das informações dos seus filhos. As famílias acreditam que o tempo que os seus filhos passam na unidade, será de todo o suficiente para se envolverem na estimulação, no treino de competências e na educação, apesar das famílias tomarem conhecimento de todo o plano de atividades desenvolvidas na escola.

Entrevistador: Como caracteriza o envolvimento e a cooperação existente entre a família e a escola? E com a UAM, em particular? O que espera das famílias dessas crianças? Como gostaria que essas famílias se envolvessem na escola?

Entrevistado: Entre a família e a escola existe pouco envolvimento e cooperação. As famílias esperam que os vossos filhos, saibam adquirir regras de comportamento, interagir com os seus pares, comunicar, que sejam autónomos na alimentação, e acima de tudo que acompanhassem a sua turma de referência em todas as componentes letivas e não letivas. A equipa gostaria que houvesse uma maior participação na elaboração e preenchimento da avaliação dos seus filhos, na implementação dos objetivos a desenvolver na escola, na monitorização dos objetivos, no envolvimento da atividades propostas, na partilha de informações verdadeiras acerca do sucesso e ou dificuldades sentidas em casa, na transmissão de estratégias que as famílias adotaram na educação dos filhos, e se possível a sua correção e ou continuidade dos mesmos.

Bloco III – Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação

Entrevistador: Habitualmente que tipo de práticas costuma utilizar para promover o envolvimento e a cooperação das famílias dos alunos que frequentam a UAM / escola?

Entrevistado: A equipa utiliza questionários acerca da anamnese, avaliação da criança, levantamento das necessidades sentidas pelas famílias na educação e desenvolvimento das famílias, na intervenção multidisciplinar, no aconselhamento de estratégias e orientações às famílias e no encaminhamento.

Entrevistador: Quais as estratégias que utiliza mais frequentemente, de forma a envolver a família na educação dos seus filhos em geral, e no trabalho da unidade em particular?

Entrevistado: As estratégias que mais utilizamos são as reuniões de equipa, que poderão ser mensais ou por período.

Entrevistador: Na sua opinião qual é a disponibilidade das famílias para participarem em atividades propostas pela escola?

Entrevistado: Pouca.

Entrevistador: Pode caracterizar as atividades em que os pais são envolvidos ou lhes é pedida a sua colaboração?

Entrevistado: As famílias pouco se envolvem nas atividades dos seus filhos, preferem tomar conhecimento do que se envolverem por indisponibilidade de horário. No entanto, são envolvidos nas atividades festivas, nas ações de sensibilização e reuniões de avaliação.

Entrevistador: Como é que convida as famílias para participar nas atividades desenvolvidas? Quais os procedimentos que costuma usar?

Entrevistado: Normalmente recorremos aos contactos telefónicos, ao envio dos cadernos do aluno com referência às atividades importantes que serão desenvolvidas, de forma a convidar os pais a participar e quando as famílias são acompanhadas com seus filhos no início das aulas ou no fim das aulas.

Entrevistador: Na sua opinião quais são as atividades em que os pais preferem envolver-se e participar no trabalho da sala da UAM?

Entrevistado: Os pais preferem envolver-se na avaliação diagnóstica/anamnese (1º entrevista), nas avaliações por período, no encaminhamento.

Entrevistador: Pode explicar como comunica com essas famílias? E quando o faz, ou seja em que circunstâncias e com que frequência o faz?

Entrevistado: A comunicação é sempre feita quando as famílias entregam os seus filhos pela manhã à escola ou quando vêm buscar os seus filhos no fim da tarde, outras vezes é feita através dos contactos telefónicos ou durante as avaliações. A frequência varia de semanal, para bissemanal.

Entrevistador: Com é feita a gestão dos contactos com as famílias? Quais são as razões que levam a contactar as famílias?

Entrevistado: A gestão dos contactos é feita sempre que há necessidade de reunir com as famílias, no sentido de informar o progresso dos seus filhos, de efetuar o levantamento de questões acerca do desenvolvimento dos seus filhos, na avaliação e orientação.

Entrevistador: Na sua opinião quais são as razões que levam as famílias dos alunos que frequentam a UAM / a envolverem-se e a cooperarem com a escola?

Entrevistado: É de grande importância as famílias envolverem-se e cooperarem com a escola, uma vez que estes dois agentes educativos têm o mesmo objectivo, o desenvolvimento integral da criança e de trabalharem em conjunto para benefício da mesma. Envolvem-se e cooperam com a escola de modo a terem conhecimento de todo o trabalho realizado na escola, dando continuidade em casa e aprendem a desenvolver estratégias de como lidar com os filhos.

Bloco IV – Relação família/escola UAM

Entrevistador: Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação escola/família?

Entrevistado: Que as famílias pudessem ter um papel mais ativo junto da escola. Que haja um maior envolvimento e participação, bem como disponibilidade para participar em todas as atividades que escola proporciona, quer no âmbito dos projetos da escola como da UMA.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre o papel dos pais na promoção do desenvolvimento do seu filho?

Entrevistado: Os pais preocupam-se no bem-estar dos filhos, embora muitas das famílias carecem do apoio do educador social, porque beneficiam de orientação e aconselhamento quer na educação dos seus filhos, como na aprendizagem de rotinas e cumprimento dos objetivos propostas pela equipa, que nem sempre os cumprem.

Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola

Entrevistador: Na sua opinião quais são os fatores que condicionam o envolvimento da família na escola? Quais as principais barreiras que encontra?

Entrevistado: Os fatores que condicionam o envolvimento das famílias consistem na falta de participação ativa por parte dos pais. As principais barreiras prendem-se pela falta de tempo e pelas expectativas baixas que têm dos filhos.

Entrevistador: Já agora, qual é a sua opinião sobre o que a escola poderia fazer para minimizar ou ultrapassar essas barreiras?

Entrevistado: Haver uma maior comunicação junto com as famílias, de modo que a comunicação seja frequente e mais próxima às famílias. Envolver as famílias na escolha das atividades importantes para os seus filhos, assim como envolver as famílias na divulgação de estratégias junto com os profissionais de modo haver consolidação e associação dos objetivos propostos no PEI.

Bloco VI – Conclusão da entrevista

Entrevistador: Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista?

Entrevistado: Não, não desejo.

Entrevistador: Obrigada pelo tempo dispensado e pela sua colaboração.

Anexo H. Transcrição de uma entrevista realizada aos pais

Transcrição da entrevista com a mãe da S.

Data: 18-12-2014

Hora: 9h 15m

Bloco I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Entrevistador: Bom dia, quero agradecer a sua disponibilidade para conversar comigo sobre o envolvimento e a cooperação das famílias no trabalho da Unidade de Apoio à Multideficiência. O seu contributo será importante para a recolha de dados. Espero não ser demorada nas questões que lhe vou colocar. Importa-se que grave esta entrevista?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Vamos então começar

Bloco II – Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM

Entrevistador: Pode explicar como se envolve com a escola em termos da educação do seu filho?

Entrevistado: Portanto, tem haver com a disponibilidade que eu tenho, simplesmente faço aquilo que posso também tem haver por a escola ser tão longe, não poder participar mais, por isso participo pouco, se fosse mais perto dava para participar muito mais vezes mas em casa eu tento dar sempre a continuidade daquilo que me falam que fazem cá na escola. Tento manter contacto com as professoras nos assuntos que se referem a minha filha, faço o que posso porque não tenho muito tempo, trabalho e tenho mais três filhos. Mas quando é preciso e sou chamada tento vir sempre a escola, às reuniões de avaliação, a outras reuniões que sejam necessárias, sensibilizações e algumas festividades.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre o papel dos pais na promoção do desenvolvimento do seu filho(a)?

Entrevistado: Os pais são muito importantes para tudo, têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos, são os principais exemplos que a criança tem, são os primeiros educadores.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre a sua cooperação na escola tendo em vista a educação do seu filho (a)?

Entrevistado: É claro que quanto mais eu participar na educação da minha filha, mais progressos ela poderá ter. Tento fazer tudo pela minha filha mas considero que coopero pouco com a escola, tenho mais três filhos e tenho uma vida complicada... mas tento fazer o que posso. Acho muito importante manter uma relação de

cooperação com a escola e com todas as pessoas que trabalham com a minha filha para juntos conseguirmos que ela se desenvolva o melhor possível.

Entrevistador: Pode indicar como é a sua relação com a escola? Como se envolve nas atividades que a escola desenvolve?

Entrevistado: Sempre que posso venho cá à escola, aquilo que não posso fazer na escola tento fazer em casa com a minha filha. A minha relação com a escola é boa mas não é muito próxima por eu estar longe, é um bocadinho distante. Como a escola é distante não consigo participar nas atividades que a escola promove porque não tenho muito tempo, trabalho, tenho uma vida difícil e mais três filhos. Mas gosto de saber que a minha filha está a evoluir e que participa nas atividades da escola.

Entrevistador: De que forma é que a escola o/a envolve nas atividades que promove?

Entrevistado: Sempre que há alguma atividade na escola as professoras dizem-me. Ou ligam-me ou mandam recado escrito. É assim, se tiver disponibilidade participo nas atividades cá na escola só não participo quando não tenho esse tempo... quando não tenho esse tempo mas em casa tenho fazer o melhor possível.

Entrevistador: De que forma participa nessas atividades? Quais são as atividades que gosta mais de participar?

Entrevistado: Se eu tiver tempo e disponibilidade, participo cá na escola nas atividades, só não participo quando não tenho esse tempo mas em casa tento fazer o melhor possível. Se me pedirem alguma coisa tento fazer. Por exemplo no natal pediram-me para fazer um enfeite decorativo e eu fiz com a minha filha. Nem sei bem em que atividades gosto mais de participar, porque a minha vida é muito cheia e nem sempre consigo dar resposta a tudo o que é pedido, mas geralmente participo nas reuniões de avaliação ou quando as professoras me convocam para falar sobre as necessidades da minha filha e quando consigo ir.

Entrevistador: Com que frequência é chamado(a) à escola para participar nas atividades promovidas pela escola?

Entrevistado: As professoras avisam sempre que é necessário vir e quando há festas na escola, para eu poder ver a minha filha. Sou chamada à escola com alguma regularidade, talvez uma ou duas vezes por mês. E tenho pena de não poder ver a minha filha na escola mais vezes. Eu acho que os pais devem participar, mas nem sempre é possível estar envolvida, porque a vida não permite, é uma vida complicada. Mas acho que os pais devem ser envolvidos e participar na educação dos filhos.

Bloco III – Comunicação estabelecida com a escola

Entrevistador: Pode explicar como faz para comunicar com os docentes e terapeutas? Como é que esses profissionais comunicam consigo?

Entrevistado: Normalmente a comunicação é sempre feita por telemóvel ou por mensagem escrita. As professoras e terapeutas ligam-me. Normalmente mando mensagem para o telemóvel delas ou ligo para o telefone da escola.

Entrevistador: O que gostaria que fosse diferente? Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação com os profissionais?

Entrevistado: Primeiro queria ter mais tempo para participar mais e poder verificar o que se passa dentro da escola, com a Carla. Segundo compreender e poder acompanhar com maior regularidade o desenvolvimento da minha filha mas como não tenho esse tempo disponível... Gostava de ter uma relação mais próxima. Embora sempre que é preciso eu falo com as professoras e elas comigo.

Bloco IV – Necessidade sentidas pela família

Entrevistador: Quais são as suas principais necessidades relativamente à educação do seu filho(a)?

Entrevistado: É assim, às vezes não compreender o que se passa com ela porque ela fica fechada, não fala, não explica, uma pessoa tem de estar a perguntar algumas vezes a mesma coisa e não obter uma resposta, uma pessoa não sabe o que faz, é isso. E também algumas necessidades de origem económica. Eu sou sozinha a trabalhar e muitas vezes não consigo comprar tudo o que me pedem para a escola.

Entrevistador: Pode explicar que dificuldades sente no seu dia-a-dia com o(a) seu(a) filho?

Entrevistado: Portanto, às vezes, é a comunicação, é eu falar com ela e não obter uma resposta por parte dela. A minha filha é muito teimosa e resistente e isso leva tempo para ela ceder. Tenho muita dificuldade em fazer com que ela me obedeça, e os irmãos às vezes também não têm paciência. Por isto ela brinca muitas vezes sozinha.

Entrevistador: O que mudaria na sua relação com a escola?

Entrevistado: Se a escola fosse mais perto da minha casa, poderia vir mais vezes à escola e assim comunicava com maior frequência e pessoalmente com as professoras, contribuindo para o progresso da Carla. Eu sei que quando ela está na escola está bem. Tem comida e alguém para cuidar dela. Por isso acho que está tudo bem. Sinceramente gostava de ter mais tempo para a minha filha.

Entrevistador: Na sua opinião o que é que a escola deveria ou poderia fazer mais pelo seu filho (a)?

Entrevistado: Quando chegam as férias, a escola devia ficar sempre com a minha filha porque eu trabalho. Sei bem que ela já tem um irmão adulto mas preferia que ficasse na escola. Mesmo que fosse sozinha, porque ela brinca muito sozinha e não se chateia.

Entrevistador: Quais as dificuldades que sente na sua relação com a escola? O que gostava que mudasse?

Entrevistado: É distância, por ser muito longe...e também uma das dificuldades que eu sinto é, por exemplo... tem haver com o transporte, uma pessoa que quer vir aqui, é distante e depois perde muito tempo, isso é o principal.

Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola

Entrevistador: Na sua opinião quais as barreiras que condicionam o seu envolvimento na escola?

Entrevistado: Para mim mesmo o que eu sinto é a distância, os horários do trabalho, a falta de tempo e dinheiro que não chega para tudo.

Entrevistador: Já agora, quais as barreiras, na sua opinião que condicionam a sua cooperação e colaboração na escola?

Entrevistado: É a distância e o horário, ou se tivesse a folga durante a semana ou então que trabalha-se menos horas, tinha mais tempo. É isso, como eu trabalho oito horas, é praticamente o dia inteiro, por isso e como fica distante da escola é um pedacinho mais difícil. Eu não colaboro mais porque não posso, por todos os motivos que já expliquei. Mas quero que saiba que para mim a minha filha está sempre em primeiro lugar e vou tentar fazer tudo por ela.

Bloco VI – Conclusão da entrevista

Entrevistador: Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista?

Entrevistado: É assim, ideia é que houvesse uma escola para o problema que ela tem mais próxima de casa. Por isso, não tenho mais nada a acrescentar, espero ter conseguido responder a tudo o que me pediu, estou um bocadinho nervosa.

Entrevistador: Obrigada pelo tempo dispensado e pela sua colaboração.

Entrevistado: De nada.

Anexo I. Separação em unidades de registo da entrevista aos profissionais

Separação em unidades de registo – 1ª fase da análise de conteúdo

Bloco I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Entrevistador: Bom dia, quero agradecer a sua disponibilidade para conversar comigo sobre o envolvimento e a cooperação das famílias no trabalho da Unidade de Apoio à Multideficiência. O seu contributo será importante para a recolha de dados. Espero não ser demorada nas questões que lhe vou colocar. Importa-se que grave esta entrevista.

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Vamos então começar.

Bloco II – Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM

Entrevistador: Pode descrever como é que as famílias se envolvem com a educação do seu filho(a)? Que tipo de cooperação existe entre essas famílias e a escola?

Entrevistado: As famílias pouco se envolvem na educação do seu filho./ Continuam a acreditar nos profissionais, /na esperança de que são os únicos a promover a educação e desenvolvimento das crianças./ A escola tenta sempre cooperar com as famílias, / quer através da apresentação do plano educativo individual, / apresentação das atividades a desenvolver durante o ano letivo, /as avaliações dos filhos, / bem como solicitar as famílias a envolver / e cooperar nas atividades da escola/ Infelizmente, este facto nem sempre acontece por indisponibilidade das famílias.

Entrevistador: Na sua opinião qual é o papel da família na educação dos seus filhos? Como se envolvem nas atividades que possa desenvolver na escola?

Entrevistado: O papel da família na educação dos seus filhos ainda é passivo. / As famílias tomam uma postura passiva, / dedicando-se às informações dadas pelas equipas./ Estas informações baseiam-se na patologia,/ no desenvolvimento /e estimulação em diferentes áreas./ Apesar, de haver uma tentativa de aproximar as famílias na educação /e aprendizagem dos seus filhos,/ as famílias depositam na responsabilidade dos profissionais na habilitação /e treino de competências. /O tempo que as famílias se dedicam a reunir com a equipa, continua a ser realizada com pouca frequência. /Este facto deve-se à indisponibilidade das famílias em reunir devido ao horário laboral, / aos turnos de trabalho, /e ao medo de faltar constantemente ao trabalho, /mesmo que as famílias obtenham a justificação./ As famílias pouco se envolvem nas atividades,/ pois elas acreditam nas ações práticas dos profissionais na educação dos seus filhos. /Continuam a assumir um papel de escuta ativa acerca das informações dos seus filhos. / As famílias acreditam que o tempo que os seus filhos

passam na unidade, /será de todo o suficiente para se envolverem na estimulação, /no treino de competências /e na educação, /apesar das famílias tomarem conhecimento de todo o plano de atividades desenvolvidas na escola.

Entrevistador: Como caracteriza o envolvimento e a cooperação existente entre a família e a escola? E com a UAM, em particular? O que espera das famílias dessas crianças? Como gostaria que essas famílias se envolvessem na escola?

Entrevistado: Entre a família e a escola existe pouco envolvimento /e cooperação. / As famílias esperam que os vossos filhos, saibam adquirir regras de comportamento,/ interagir com os seus pares, /comunicar, / que sejam autónomos na alimentação, / e acima de tudo que acompanhassem a sua turma de referência em todas as componentes letivas /e não letivas. / A equipa gostaria que houvesse uma maior participação na elaboração / e preenchimento da avaliação dos seus filhos, /na implementação dos objetivos a desenvolver na escola, / na monitorização dos objetivos, /no envolvimento da atividades propostas, / na partilha de informações verdadeiras acerca do sucesso / e ou dificuldades sentidas em casa,/ na transmissão de estratégias que as famílias adotaram na educação dos filhos, / e se possível a sua correção /e ou continuidade dos mesmos.

Bloco III – Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação

Entrevistador: Habitualmente que tipo de práticas costuma utilizar para promover o envolvimento e a cooperação das famílias dos alunos que frequentam a UAM / escola?

Entrevistado: A equipa utiliza questionários acerca da anamnese, /avaliação da criança, /levantamento das necessidades sentidas pelas famílias na educação /e desenvolvimento das famílias, /na intervenção multidisciplinar, /no aconselhamento de estratégias / e orientações às famílias /e no encaminhamento.

Entrevistador: Quais as estratégias que utiliza mais frequentemente, de forma a envolver a família na educação dos seus filhos em geral, e no trabalho da unidade em particular?

Entrevistado: As estratégias que mais utilizamos são as reuniões de equipa,/ que poderão ser mensais / ou por período.

Entrevistador: Na sua opinião qual é a disponibilidade das famílias para participarem em atividades propostas pela escola?

Entrevistado: Pouca.

Entrevistador: Pode caracterizar as atividades em que os pais são envolvidos ou lhes é pedida a sua colaboração?

Entrevistado: As famílias pouco se envolvem nas atividades dos seus filhos, / preferem tomar conhecimento do que se envolverem por indisponibilidade de horário.

No entanto, são envolvidos nas atividades festivas,/ nas ações de sensibilização /e reuniões de avaliação.

Entrevistador: Como é que convida as famílias para participar nas atividades desenvolvidas? Quais os procedimentos que costuma usar?

Entrevistado: Normalmente recorremos aos contactos telefónicos, / ao envio dos cadernos do aluno com referência às atividades importantes que serão desenvolvidas, / de forma a convidar os pais a participar / e quando as famílias são acompanhadas com seus filhos no início das aulas / ou no fim das aulas.

Entrevistador: Na sua opinião quais são as atividades em que os pais preferem envolver-se e participar no trabalho da sala da UAM?

Entrevistado: Os pais preferem envolver-se na avaliação diagnóstica/anamnese (1º entrevista), /nas avaliações por período, / no encaminhamento.

Entrevistador: Pode explicar como comunica com essas famílias? E quando o faz, ou seja em que circunstâncias e com que frequência o faz?

Entrevistado: A comunicação é sempre feita quando as famílias entregam os seus filhos pela manhã à escola /ou quando vêm buscar os seus filhos no fim da tarde, / outras vezes é feita através dos contactos telefónicos / ou durante as avaliações. / A frequência varia de semanal, / para bissemanal.

Entrevistador: Com é feita a gestão dos contactos com as famílias? Quais são as razões que levam a contactar as famílias?

Entrevistado: A gestão dos contactos é feita sempre que há necessidade de reunir com as famílias, / no sentido de informar o progresso dos seus filhos, /de efetuar o levantamento de questões acerca do desenvolvimento dos seus filhos, / na avaliação / e orientação.

Entrevistador: Na sua opinião quais são as razões que levam as famílias dos alunos que frequentam a UAM / a envolverem-se e a cooperarem com a escola?

Entrevistado: É de grande importância as famílias envolverem-se /e cooperarem com a escola, uma vez que estes dois agentes educativos têm o mesmo objectivo,/ o desenvolvimento integral da criança /e de trabalharem em conjunto para benefício da mesma. /Envolvem-se /e cooperam com a escola de modo a terem conhecimento de todo o trabalho realizado na escola,/ dando continuidade em casa /e aprendem a desenvolver estratégias de como lidar com os filhos.

Bloco IV – Relação família/escola UAM

Entrevistador: Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação escola/família?

Entrevistado: Que as famílias pudessem ter um papel mais ativo junto da escola./ Que haja um maior envolvimento /e participação, /bem como disponibilidade para participar em todas as atividades que escola proporciona,/ quer no âmbito dos projetos da escola como da UMA.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre o papel dos pais na promoção do desenvolvimento do seu filho?

Entrevistado: Os pais preocupam – se no bem-estar dos filhos, /embora muitas das famílias carecem do apoio do educador social, /porque beneficiam de orientação /e aconselhamento quer na educação dos seus filhos, /como na aprendizagem de rotinas / e cumprimento dos objetivos propostas pela equipa, / que nem sempre os cumprem.

Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola

Entrevistador: Na sua opinião quais são os fatores que condicionam o envolvimento da família na escola? Quais as principais barreiras que encontra?

Entrevistado: Os fatores que condicionam o envolvimento das famílias consistem na falta de participação ativa por parte dos pais./ As principais barreiras prendem-se pela falta de tempo /e pelas expetativas baixas que têm dos filhos.

Entrevistador: Já agora, qual é a sua opinião sobre o que a escola poderia fazer para minimizar ou ultrapassar essas barreiras?

Entrevistado: Haver uma maior comunicação junto com as famílias, /de modo que a comunicação seja frequente /e mais próxima às famílias. /Envolver as famílias na escolha das atividades importantes para os seus filhos,/ assim como envolver as famílias na divulgação de estratégias junto com os profissionais de modo haver consolidação /e associação dos objetivos propostos no PEI.

Bloco VI – Conclusão da entrevista

Entrevistador: Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista?

Entrevistado: Não, não desejo.

Entrevistador: Obrigada pelo tempo dispensado e pela sua colaboração.

Anexo J. Separação em unidades de registo da entrevista às famílias

Separação em unidades de registo - 1ª fase da análise de conteúdo

Bloco I – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado

Entrevistador: Bom dia, quero agradecer a sua disponibilidade para conversar comigo sobre o envolvimento e a cooperação das famílias no trabalho da Unidade de Apoio à Multideficiência. O seu contributo será importante para a recolha de dados. Espero não ser demorada nas questões que lhe vou colocar. Importa-se que grave esta entrevista?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Vamos então começar

Bloco II – Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM

Entrevistador: Pode explicar como se envolve com a escola em termos da educação do seu filho?

Entrevistado: Portanto, tem haver com a disponibilidade que eu tenho simplesmente faço aquilo que posso,/ também tem haver com a escola ser tão longe, / não poder participar mais,/ por isso participo pouco,/ se fosse mais perto dava para participar muito mais vezes,/ mas em casa eu tento dar sempre a continuidade daquilo que me falam que fazem cá na escola. /Tento manter contacto com as professoras nos assuntos que se referem à minha filha, faço o que posso porque não tenho muito tempo,/ trabalho e/ tenho mais três filhos./ Mas quando é preciso e sou chamada tento vir sempre à escola,/ às reuniões de avaliação, / a outras reuniões que sejam necessárias,/ sensibilizações / e algumas festividades.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre o papel dos pais na promoção do desenvolvimento do seu filho(a)?

Entrevistado: Os pais são muito importantes para tudo,/ têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos,/ são os principais exemplos que a criança tem, / são os primeiros educadores.

Entrevistador: Qual é a sua opinião sobre a sua cooperação na escola tendo em vista a educação do seu filho (a)?

Entrevistado: É claro que quanto mais eu participar na educação da minha filha mais progressos ela poderá ter./ Tento fazer tudo pela minha filha mas considero que coopero pouco com a escola,/ tenho mais três filhos e/ tenho uma vida complicada.../ mas tento fazer o que posso./ Acho muito importante manter uma relação de cooperação com a escola e /com todas as pessoas que trabalham com a minha filha para juntos conseguirmos que ela se desenvolva o melhor possível.

Entrevistador: Pode indicar como é a sua relação com a escola? Como se envolve nas atividades que a escola desenvolve?

Entrevistado: Sempre que posso venho cá à escola,/ aquilo que não posso fazer na escola tento fazer em casa com a minha filha./ A minha relação com a escola é boa /mas não é muito próxima por eu estar longe,/ é um bocadinho distante./ Como a escola é distante não consigo participar nas atividades que a escola promove / porque não tenho muito tempo,/ trabalho,/ tenho uma vida difícil e mais três filhos. / Mas gosto de saber que a minha filha está a evoluir e/ que participa nas atividades da escola.

Entrevistador: De que forma é que a escola o/a envolve nas atividades que promove?

Entrevistado: Sempre que há alguma atividade na escola as professoras dizem-me / ou ligam-me /ou mandam recado escrito./ É assim, se tiver disponibilidade participo nas atividades cá na escola,/ só não participo quando não tenho esse tempo/ ... quando não tenho esse tempo mas em casa tento fazer o melhor possível.

Entrevistador: De que forma participa nessas atividades? Quais são as atividades que gosta mais de participar?

Entrevistado: Se eu tiver tempo e disponibilidade, participo cá na escola nas atividades,/ só não participo quando não tenho esse tempo mas em casa tento fazer o melhor possível./ Se me pedirem alguma coisa tento fazer. / Por exemplo no natal pediram-me para fazer um enfeite decorativo e eu fiz com a minha filha./ Nem sei bem em que atividades gosto mais de participar, / porque a minha vida é muito cheia e nem sempre consigo dar resposta a tudo o que é pedido,/ mas geralmente participo nas reuniões de avaliação / ou quando as professoras me convocam para falar sobre as necessidades da minha filha e/ quando consigo ir.

Entrevistador: Com que frequência é chamado(a) à escola para participar nas atividades promovidas pela escola?

Entrevistado: As professoras avisam sempre que é necessário vir e/ quando há festas na escola, / para eu poder ver a minha filha. Sou chamada à escola com alguma regularidade,/ talvez uma ou duas vezes por mês. / E tenho pena de não poder ver a minha filha na escola mais vezes. / Eu acho que os pais devem participar,/ mas nem sempre é possível estar envolvida, / porque a vida não permite, / é uma vida complicada./ Mas acho que os pais devem ser envolvidos e/ participar na educação dos filhos.

Bloco III – Comunicação estabelecida com a escola

Entrevistador: Pode explicar como faz para comunicar com os docentes e terapeutas? Como é que esses profissionais comunicam consigo?

Entrevistado: Normalmente a comunicação é sempre feita por telemóvel / ou por mensagem escrita./ As professoras e terapeutas ligam-me./ Normalmente mando mensagem para o telemóvel delas /ou ligo para o telefone da escola.

Entrevistador: O que gostaria que fosse diferente? Quais os aspetos que gostava de melhorar na relação com os profissionais?

Entrevistado: Primeiro queria ter mais tempo para participar mais / e poder verificar o que se passa dentro da escola, /com a Carla. Segundo compreender e/ poder acompanhar com maior regularidade o desenvolvimento da minha filha mas como não tenho esse tempo disponível.../ Gostava de ter uma relação mais próxima. / Embora sempre que é preciso eu falo com as professoras e/ elas comigo.

Bloco IV – Necessidade sentidas pela família

Entrevistador: Quais são as suas principais necessidades relativamente à educação do seu filho(a)?

Entrevistado: É assim, às vezes não compreender o que se passa com ela / porque ela fica fechada,/ não fala, / não explica,/ uma pessoa tem de estar a perguntar algumas vezes a mesma coisa e/ não obter uma resposta, /uma pessoa não sabe o que faz, / é isso. / E também algumas necessidades de origem económica. / Eu sou sozinha a trabalhar e/ muitas vezes não consigo comprar tudo o que me pedem para a escola.

Entrevistador: Pode explicar que dificuldades sente no seu dia-a-dia com o(a) seu(a) filho?

Entrevistado: Portanto, às vezes, é a comunicação,/ é eu falar com ela e não obter uma resposta por parte dela./ A minha filha é muito teimosa /e resistente /e isso leva tempo para ela ceder./ Tenho muita dificuldade em fazer com que ela me obedeça,/ e os irmãos às vezes também não têm paciência./ Por isto ela brinca muitas vezes sozinha.

Entrevistador: O que mudaria na sua relação com a escola?

Entrevistado: Se a escola fosse mais perto da minha casa,/ poderia vir mais vezes à escola /e assim comunicava com maior frequência /e pessoalmente com as professoras, /contribuindo para o progresso da Carla./ Eu sei que quando ela está na escola está bem./ Tem comida /e alguém para cuidar dela. Por isso acho que está tudo bem./ Sinceramente gostava de ter mais tempo para a minha filha.

Entrevistador: Na sua opinião o que é que a escola deveria ou poderia fazer mais pelo seu filho (a)?

Entrevistado: Quando chegam as férias, /a escola devia ficar sempre com a minha filha porque eu trabalho. / Sei bem que ela já tem um irmão adulto mas preferia que ficasse na escola./ Mesmo que fosse sozinha,/ porque ela brinca muito sozinha /e não se chateia.

Entrevistador: Quais as dificuldades que sente na sua relação com a escola? O que gostava que mudasse?

Entrevistado: É distância, /por ser muito longe.../e também uma das dificuldades que eu sinto é, por exemplo... tem haver com o transporte,/ uma pessoa que quer vir aqui, é distante /e depois perde muito tempo, / isso é o principal.

Bloco V – Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola

Entrevistador: Na sua opinião quais as barreiras que condicionam o seu envolvimento na escola?

Entrevistado: Para mim mesmo o que eu sinto é a distância,/ os horários do trabalho,/ a falta de tempo / e dinheiro que não chega para tudo./

Entrevistador: Já agora, quais as barreiras, na sua opinião que condicionam a sua cooperação e colaboração na escola?

Entrevistado: É a distância /e o horário,/ ou se tivesse a folga durante a semana ou então que trabalha-se menos horas, /tinha mais tempo./ É isso, como eu trabalho oito horas, é praticamente o dia inteiro, por isso,/ e como fica distante da escola é um pedacinho mais difícil. / Eu não colaboro mais porque não posso,/ por todos os motivos que já expliquei./ Mas quero que saiba que para mim a minha filha está sempre em primeiro lugar /e vou tentar fazer tudo por ela.

Bloco VI – Conclusão da entrevista

Entrevistador: Da minha parte a entrevista está concluída, mas antes de terminar gostaria de lhe perguntar se deseja acrescentar mais alguma ideia que não tenha sido referida ao longo da entrevista?

Entrevistado: É assim, ideia é que houvesse uma escola para o problema que ela tem mais próxima de casa./ Por isso, não tenho mais nada a acrescentar, espero ter conseguido responder a tudo o que me pediu,/ estou um bocadinho nervosa.

Entrevistador: Obrigada pelo tempo dispensado e pela sua colaboração.

Entrevistado: De nada.

Anexo K. Análise de conteúdo da entrevista aos profissionais

Análise de conteúdo da entrevista – 2ª fase

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Características do envolvimento da família na escola	Fraca cooperação e fraco envolvimento das famílias	A família envolve-se e coopera pouco com a escola	“ Entre a família e a escola existe pouco envolvimento e cooperação.	1
		Pais acreditam nos profissionais e nas suas práticas para promover a educação dos filhos	Os pais acreditam nos profissionais, nas suas práticas	“(…) Continuam a acreditar nos profissionais...” “(…) pois elas acreditam nas ações práticas dos profissionais na educação dos filhos	2
			Pais esperam que os profissionais promovam a educação e desenvolvimento dos filhos	“(…) na esperança de que são os únicos a promover a educação e desenvolvimento das crianças.” “(…) As famílias acreditam que o tempo que os filhos passam na unidade será de todo o suficiente para se envolverem na estimulação, no treino de competências e na educação”	2
	Ações desenvolvidas pela escola para envolver as famílias	Apresentação das atividades a desenvolver com os alunos às famílias	Apresentação das atividades a desenvolver durante o ano letivo	“(…) apresentação das atividades a desenvolver durante o ano letivo ...” “(…) apesar das famílias tomarem conhecimento de todo o plano de atividades desenvolvidas na escola ...”	2
		Apresentação das avaliações dos alunos às famílias	Nas avaliações dos filhos	“(…) nas avaliações dos filhos...”	1
		Solicitação do envolvimento e participação das famílias nas atividades	A escola solicita as famílias a envolverem-se nas atividades da escola	“(…) bem como solicitar as famílias a envolver... e cooperar nas atividades da escola...”	1
		Apresentação dos programas educativos individuais dos alunos às famílias	A escola tenta cooperar com as famílias através da apresentação do plano educativo individual	“(…) A escola tenta sempre cooperar com as família (...) quer na apresentação do plano educativo individual...”	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolviment o e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Ações desenvolvidas pela escola para envolver as famílias	Tenta envolver as famílias na educação dos Filho	Tentativa de aproximar as famílias na educação	“(…) tentativa de aproximar as famílias na educação e aprendizagem dos seus filhos…”	1
	Dificuldades encontradas	Escassa disponibilidade das famílias	As famílias mostram pouca disponibilidade para participar	“(…) nem sempre acontece por indisponibilidade das famílias.”	1
				“ Pouca.”	1
	Perceção sobre o que a família espera da escola	Ensino de regras de comportamento aos filhos	As famílias esperam que os filhos saibam adquirir regras de comportamento	“(…) As famílias esperam que os filhos saibam adquirir regras de comportamento”	1
		Promoção de situações de interação com os seus pares	Na interação com os pares	“(…) interagir com os seus pares	1
		Desenvolva as capacidades de comunicação do filho	Saibam comunicar	“(…) comunicar (…)	1
		Ensine os filhos a serem autónomos na alimentação	Sejam autónomos	“(…) que sejam autónomos na alimentação	1
		Permita que os filhos acompanhem a turma de referência	Acompanhassem a turma de referência na componente letiva	(…) e acima de tudo que acompanhassem a sua turma de referência em todas as componentes letivas	1
				“(…) e não letivas ”	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	O que a escola espera das famílias	Mais participação no processo de avaliação dos filhos	Maior participação da família na elaboração e preenchimento da avaliação dos seus filhos	(...) A equipa gostaria que houvesse maior participação na elaboração e preenchimento da avaliação dos filhos”....	1
		Mais participação na implementação e monitorização dos objetivos delineados para os filhos	Maior participação na implementação e monitorização dos objetivos	“(...) na implementação dos objetivos a desenvolver na escola...” “(...) na monitorização dos objetivos,...	2
		Maior envolvimento nas atividades propostas	No envolvimento das atividades propostas	(...)no envolvimento das atividades propostas”	1
		Partilha de informação sobre o sucesso dos filhos e as dificuldades sentidas	Na partilha de informações verdadeiras acerca do sucesso	“(...) na partilha de informações verdadeiras acerca do sucesso (...)	1
			Na partilha de informações verdadeiras acerca das dificuldades sentidas em casa	(...) e ou dificuldades sentidas em casa ...	1
		Partilha de estratégias usadas com os filhos	Na transmissão de estratégias que as famílias adotaram na educação dos filhos	“(...) na transmissão de estratégias que as famílias adotaram na educação dos filhos...	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Estratégias utilizadas para envolver as famílias na escola	Preenchimento do questionário da anamnese	A equipa utiliza questionários de anamnese	“A equipa utiliza questionários acerca da anamnese...”	1
		Levantamento das necessidades das famílias na educação dos filhos	Fazem o levantamento das necessidades das famílias na educação dos filhos	“(...) levantamento das necessidades sentidas pelas famílias na educação...”	1
			Fazem o levantamento das necessidades do desenvolvimento das famílias	“(...) e desenvolvimento das famílias...”	1
		Envio de convites	Convite formulado aos pais para participar	“(...) convidar os pais a participar...”	1
		Aconselhamento de estratégias a usar	No aconselhamento de estratégias	“(...) no aconselhamento de estratégias...”	1
		Orientações às famílias	Nas orientações às famílias	“(...) e orientações às famílias...”	1
			No encaminhamento	“(...) e no encaminhamento.”	1
		Realização de reuniões	Utilizamos as reuniões de equipa	“(...)As estratégia que mais utilizamos são as reuniões de equipa...”	1
	Atividades em que é solicitada a colaboração da família	Atividades festivas	Atividades festivas	“(...)são envolvidos nas atividades festivas...”	1
		Ações de sensibilização	Ações de sensibilização	“(...) ações de sensibilização...”	1
		Reuniões de avaliação	Reuniões de avaliação	“(...) e reuniões de avaliação...”	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Meios de comunicação usados com as famílias	Contactos telefónicos	Recorremos aos contactos telefónicos	“Normalmente recorremos aos contactos telefónicos...” ... outras vezes é feita através dos contactos telefónicos...”	2
		Cadernos do aluno com informação sobre atividades	Recorremos ao envio dos cadernos do aluno para indicar as atividades a desenvolver	“(…) ao envio dos cadernos com referência às atividades importantes que serão desenvolvidas...”	1
		Conversas diárias quando acompanham os filhos à escola e aquando as avaliações	A comunicação é feita quando as famílias entregam os seus filhos	“(…) e quando as famílias são acompanhadas com seus filhos no início das aulas ...” “(…) A comunicação é sempre feita quando as famílias entregam os seus filhos pela manhã à escola...”	2
			A comunicação é feita quando as famílias vêm buscar os seus filhos no fim da tarde	“(…) ou no fim das aulas...” “(…) ou quando vêm buscar os seus filhos no fim da tarde...”	2
			Durante as avaliações	“(…) ou durante as avaliações.”	1
	Frequência dos contactos escola/famílias	Contactos semanais ou bissemanais	Frequência semanal ou bissemanal	“(…) A frequência varia de semanal para bissemanal”	1
		Sempre que há necessidade de reunir com as famílias	É feita sempre que há necessidade de reunir com as famílias	“(…) é feita sempre que há necessidade de reunir com as famílias...”	1
	Atividades preferidas pelas famílias	Avaliação diagnóstica e elaboração da anamnese	Os pais preferem envolver-se na avaliação diagnóstica/anamnese	“ Os pais preferem envolver-se na avaliação diagnóstica/anamnese ...”	1
		Avaliações formais	Os pais preferem envolver-se nas avaliações	“(…)nas avaliações por período...”	1
		Decisões sobre o encaminhamento dos filhos	Preferem envolver-se no encaminhamento	“(…) no encaminhamento.”	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Razões que levam a escola a contactar as famílias	Informar os pais sobre o progresso dos filhos	No sentido de informar o progresso	“(…) no sentido de informar o progresso dos seus filhos…”	1
		Levantar questões acerca do desenvolvimento dos alunos	Efetuar o levantamento de questões acerca do desenvolvimento dos filhos	“(…) de efetuar o levantamento de questões acerca do desenvolvimento dos seus filhos…”	1
		Informar sobre a avaliação dos alunos	Na avaliação	“(…) na avaliação…”	1
		Dar orientações aos pais	Na orientação	“(…) e orientação.”	1
	Razões que levam a família a envolverem-se com a escola	Conhecer o trabalho realizado na escola	Terem conhecimento de todo o trabalho	“(…) de modo a terem conhecimento de todo o trabalho realizado na escola…”	1
		Dar continuidade do trabalho desenvolvido na escola	Dar continuidade do trabalho em casa	“(…) dando continuidade em casa…”	1
		Aprender a lidar com o filho	Aprender estratégias	“(…) e aprendem a desenvolver estratégias de como lidar com os filhos.”	1
	Aspetos a melhorar na relação escola/família	Nível de participação e de envolvimento dos pais	As famílias pudessem ter um papel mais ativo	“(…) Que as famílias pudessem ter um papel mais ativo junto da escola…” “(…) e participação…”	2
			Haja maior envolvimento	“(…) Que haja maior envolvimento.”	1
		Disponibilidade dos pais para participar nas atividades propostas pela escola	Disponibilidade para participar	“(…) bem como disponibilidade para participar em todas as atividades que a escola proporciona…”	1
			Disponibilidade para participar nos projectos	“(…) quer no âmbito dos projetos da escola…” “(…) como da UAM. “	2

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Necessidades dos pais	Apoio social	Os pais carecem de apoio do educador social	“(…) carecem de apoio do educador social	1
		Orientação e aconselhamento na educação do filho	Os pais necessitam de orientação na educação dos filhos	“(…) de orientação…”	1
			De aconselhamento na educação e nas rotinas	“(…) e aconselhamento quer na educação como na aprendizagem de rotinas…”	1
			No cumprimento dos objectivos delineados pela equipa	“(…) e cumprimento dos objectivos proposto pela equipa…”	1
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Constrangimentos relacionados com a família	Falta de participação ativa dos pais	Falta de participação ativa	“(…) Os fatores que condicionam o envolvimento das famílias consistem na falta de participação ativa por parte dos pais…”	1
		Falta de tempo dos pais	Falta de tempo	“(…) As principais barreiras prendem-se pela falta de tempo…”	1
		Horário laboral das famílias	O horário laboral condiciona disponibilidade das famílias	“(…) facto deve-se à indisponibilidade das famílias em reunir devido ao horário laboral…”	1
				“(…) aos turnos de trabalho…”	1
				“(…) e ao medo de faltar constantemente ao trabalho, mesmo que as famílias obtenham a justificação…”	1
		Expetativas baixas dos pais face aos filhos	Os pais têm expetativas baixas sobre os filhos	“(…) e pelas expetativas baixas que têm dos filhos.”	1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Sugestões para ultrapassar os constrangimentos existentes	Promover a comunicação e aumentar a sua frequência	Maior comunicação junto das famílias	“Haver uma maior comunicação junto das famílias...”	1
			Utilização de uma comunicação frequente	“(...) de modo a que a comunicação seja frequente...”	1
		Utilizar uma comunicação mais próxima	Utilização de uma comunicação próxima	“(...) e mais próxima das famílias.”	
		Envolver as famílias na programação e implementação do programa de intervenção	Envolver a família na escolha das atividades	“(...) Envolver as famílias na escolha das atividades importantes para os seus filhos...”	1
			Envolver a família na divulgação de estratégias	“(...) assim como envolver as famílias na divulgação de estratégias junto com os profissionais de modo haver consolidação”	1
			Envolver a família na consolidação dos objetivos	“(...) e associação dos objetivos propostos no PEI.”	1

Anexo L. Análise de conteúdo da entrevista à família

Análise de conteúdo da entrevista – 2ª fase (S E1)

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Caraterísticas da participação e do envolvimento existente	Pouca disponibilidade para participar nas atividades propostas	Tenho pouca disponibilidade	“... tem haver com a disponibilidade que eu tenho simplesmente	2
			Tenho dificuldade em participar nas atividades que a escola promove	“... não consigo participar nas atividades que a escola promove...”	
		Participação de acordo com a disponibilidade	Participo nas atividades da escola se tiver tempo e disponibilidade	“Se eu tiver tempo e disponibilidade, participo cá na escola nas atividades...”	2
				“... se tiver disponibilidade participo nas atividades cá na escola...”	
		Tenho pouco tempo, faço o que posso		“... faço o que posso porque não tenho muito tempo...”	9
				“... porque não tenho muito tempo...” “... mas como não tenho esse tempo disponível...” “...faço aquilo que posso...” “... mas tento fazer o que posso...” “Tento fazer tudo pela minha filha...”	
		Participação nas atividades propostas quando solicitada	A mãe tanto participa na escola como em casa, quando solicitada	“só não participo quando não tenho esse tempo...” “só não participo quando não tenho esse tempo...” “quando consigo ir.”	
“... participo cá na escola nas atividades...” “Mas quando é preciso e sou chamada tento vir sempre à escola...”					
Frequência da ida à escola: uma a duas vezes por mês	Sou chamada à escola uma a duas vezes por mês	“Sou chamada à escola com alguma regularidade, talvez uma ou duas vezes por mês.”	1		

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolviment o e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Características da participação e do envolvimento existente	Procura em dar continuidade ao trabalho da escola	Tento dar continuidade às solicitações da escola em casa	“... mas em casa eu tento dar sempre a continuidade daquilo que me falam que fazem na escola ...” “... mas em casa tento fazer o melhor possível...” “... aquilo que não posso fazer na escola tento fazer em casa com a minha filha...” “... em casa tento fazer o melhor possível...” “Se me pedirem alguma coisa tento fazer.”	5
	Atividades em que a família participa	Reuniões, incluindo as de avaliação	Participo nas reuniões de avaliação e nas reuniões que forem necessárias	“... às reuniões de avaliação...” “... participo nas reuniões de avaliação...” “... a outras reuniões que sejam necessárias...”	2 1
		Ações de sensibilização	Participo nas sessões de sensibilização	“... sensibilizações...”	1
		Festividades	Participo em algumas festividades	“... e algumas festividades.”	1
		Boa relação com a escola	Tenho uma boa relação com a escola	“A minha relação com a escola é boa...”	1
	Apreciação da relação existente entre a escola e a família	Fraca cooperação com a escola	Coopero pouco com a escola	“...mas considero que coopero pouco com a escola...”	
		Contacto com os professores quando necessário	Falo com os professores sempre que é preciso	Embora sempre que é preciso eu falo com as professoras e elas comigo.	
		Relação pouco próxima com a escola	A relação com a escola não é muito próxima	“... mas não é muito próxima ...”	1
			Tenho pena de não poder ver a minha filha na escola mais vezes	“E tenho pena de não poder ver a minha filha na escola mais vezes.”	1

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Papel dos pais na educação dos filhos: percepções	Papel importante na educação dos filhos	Os pais têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos	“Os pais são muito importantes para tudo...” “... têm um papel importante no desenvolvimento dos filhos...”	2
		São principais exemplos para o filho	Os pais são os principais exemplos para os filhos	“... são os principais exemplos que a criança tem...”	1
		Devem ser envolvidos e participar na educação dos filhos	Penso que os pais devem participar e envolver-se na educação dos seus filhos	“Mas acho que os pais devem ser envolvidos e participar na educação dos filhos.”	
		Pais são os primeiros educadores	Os pais são os primeiros educadores	“... são os primeiros educadores.”	1
	Relação família e escola – percepções	É importante existir cooperação	É importante a cooperação existente entre a família e escola	“Acho que é muito importante manter uma relação de cooperação com a escola...”	1
		Devem trabalhar para objetivos comuns	Família e escola devem trabalhar em conjunto, para um objetivo comum	“... e com todas as pessoas que trabalham com a minha filha para juntos conseguirmos que ela se desenvolva o melhor possível.”	1
		Quanto mais participar mais progressos haverá	Quanto mais eu participar mais progressos a filha poderá ter	“É claro que quanto mais eu participar na educação da minha filha mais progressos ela poderá ter....”	
	Aspetos a melhorar na relação com a escola	Ter mais disponibilidade	Gostava de ter mais tempo para colaborar e participar mais	“... queria ter mais tempo para participar mais e poder verificar o que se passa dentro da escola...”	1
		Acompanhar mais o filho	Gostava de acompanhar com maior regularidade a minha filha para poder compreender o seu desenvolvimento	“... compreender e poder acompanhar com maior regularidade o desenvolvimento da minha filha...”	1
		Estabelecer maior proximidade com os profissionais	Gostava de ter uma relação de maior proximidade com as professoras e com os terapeutas	“Gostava de ter uma relação mais próxima.”	1

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Meios de comunicação usados entre escola e família	Informação oral	A escola informa-me oralmente quando é necessário vir à escola ou quando há festas	“Sempre que há alguma atividade na escola as professoras dizem-me ...” “As professoras avisam sempre que é necessário vir e quando há festas na escola...”	2
		Mensagens escritas pelo telemóvel	Também recorro a mensagens escritas pelo telemóvel	ou por mensagem escrita.” “Normalmente mando mensagem para o telemóvel delas”	
		Telefone ou telemóvel	A escola liga-me	“... ou ligam-me” “As professoras e terapeutas ligam-me.” “Normalmente a comunicação é sempre feita por telemóvel “... ou ligo para o telefone da escola.”	
		Recados escritos	A escola envia-me recados escritos	ou mandam-me recado escrito	
	Razões que levam a família à escola	Falar sobre as necessidades do filho	Venho à escola quando sou convocada para falar da minha filha	“... quando as professoras me convocam para falar sobre as necessidades da minha filha...”	
		Conhecer a evolução do filho	Gosto de saber que a minha filha está a evoluir e a participa nas atividades escolares	“Mas gosto de saber que a minha filha está a evoluir e que participa nas atividades da escola.”	1
Necessidades e dificuldades sentidas pela família	Dificuldades relacionadas com a educação do filho	Dificuldade em compreender o filho	Tenho dificuldade em compreender o que se passa com a minha filha, porque ela não se explica	“... não compreender o que se passa com ela porque ela fica fechada, não fala, não explica....” “... uma pessoa tem de estar a perguntar algumas vezes a mesma coisa...” “... não obter uma resposta, uma pessoa não sabe o que faz...” “... é eu falar com ela e não obter uma resposta por parte dela...”	4

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Necessidades e dificuldades sentidas pela família	Dificuldades relacionadas com a educação do filho	Dificuldade em lidar com o comportamento do filho	Tenho dificuldade em fazer com que a minha filha me obedeça, devido à sua teimosia	“A minha filha é muito teimosa e resistente e isso leva tempo para ela ceder...” “Tenho muita dificuldade em fazer com que ela me obedeça...”	3
		Dificuldades económicas	Nem sempre consigo comprar o que a escola pede para a educação da filha	“... muitas vezes não consigo comprar tudo o que me pedem para a escola.”	1
	Necessidades e dificuldades relacionadas com a escola	Ter uma escola mais perto	Se a escola fosse mais perto poderia vir à escola mais frequentemente	“Se a escola fosse mais perto da minha casa, poderia vir mais vezes à escola...” “... tem a ver com o transporte, uma pessoa quer vir aqui, é distante e depois perde muito tempo, isso é o principal.”	1
			A comunicação com os docentes poderia ser mais frequente se a escola fosse mais perto	“... assim comunicava com maior frequência e pessoalmente com as professoras...”	1
		Podia contribuir mais para o progresso da minha filha se a escola fosse mais perto	“... contribuindo para o progresso da Carla.”	1	
		Ter acompanhamento do filho durante as férias	Gostaria que a escola ficasse com a minha filha nas férias porque eu trabalho	“Quando chegam as férias, a escola deveria sempre ficar com a minha filha porque eu trabalho...”	1
		Dificuldade em responder a todas as solicitações	Nem sempre consigo responder aos pedidos	“... nem sempre consigo dar resposta a tudo o que é pedido...”	1

Bloco	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	UNIDADES REGISTO	F.
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Relacionadas com a família	Horário de trabalho	A carga de horário laboral impossibilita-me uma presença mais regular na escola	“... se tivesse a folga durante a semana ou então que trabalhasse menos horas, tinha mais tempo...” “... como eu trabalho oito horas, é praticamente o dia inteiro...” “... os horários de trabalho...”	2
		Falta de tempo	Tenho falta de tempo	“... a falta de tempo	1
		Escassez de recursos financeiros	Não tenho recursos financeiros que cheguem para tudo	“... e dinheiro que não chega para tudo.”	
	Relacionadas com a escola	Distância física entre a escola e a residência	O facto de a escola ser distante da minha residência não permite que eu participe mais	“... como fica distante da escola é um pedacinho mais difícil.” “Para mim mesmo o que eu sinto é a distância...” “É distância, por ser muito longe...”	10
				“... também tem haver com a escola ser tão longe...” “... não poder participar mais...” “... por isso participo pouco...” “... se fosse mais perto dava para participar muito mais vezes...” “... é um bocadinho distante...” “Como a escola é distante...” “... por eu estar longe”.	

Anexo M. Síntese da análise de conteúdo das entrevistas aos profissionais

Síntese da análise de conteúdo às entrevistas dos profissionais

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Opinião positiva face ao envolvimento das famílias na educação dos filhos	Existem objetivos comuns	1			2		3	13
		Tem um papel muito importante na educação dos filhos	4					4	
		Preocupam-se com o bem-estar dos filhos				1		1	
		Ajudam os filhos a assumir responsabilidades	1					1	
		Ajudam os filhos a enfrentar desafios	1					1	
		Colaboram no desenvolvimento integral dos filhos	2			1		3	
	Características do envolvimento: aspetos negativos	Papel passivo da família na educação dos filhos				3		3	14
		Fraca cooperação e fraco envolvimento com a escola				2	6	8	
		Escasso envolvimento nas atividades da escola		3				3	
	Características do envolvimento: aspetos positivos	Têm um papel de escuta ativa a nível da informação sobre os filhos				2		2	31
		Conversam sobre a patologia, o desenvolvimento e a estimulação dos filhos				3		3	
		Acreditam nos profissionais e nas suas práticas para promover a educação dos filhos				2	8	10	
		Esperam que as práticas dos profissionais promovam a educação dos filhos				2		2	
		Colaboram na realização de trabalhos de casa	1					1	
		Cooperação com os docentes							
		Maior envolvimento das famílias mais estruturadas		1				1	
		Disponibilizam informação sobre os filhos	1	10				11	
	Opinião positiva sobre a relação escola / família	Relação muito importante e necessária	1					1	2
		Devem ter um objetivo comum: formar cidadãos para o mundo	1					1	

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE 1	FE2	ESE 3	TOE 4	TFE5		
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	O que a família espera da escola	Ensino de regras de comportamento aos filhos				1		1	6
		Promoção de situações de interação com os seus pares				1		1	
		Desenvolvimento das capacidades de comunicação do filho				1		1	
		Ensine os filhos a serem autónomos na alimentação				1		1	
		Permita que os filhos acompanhem a turma de referência				2		2	
	O que a escola espera das famílias	Partilha de informação sobre o sucesso dos filhos e as dificuldades sentidas				2		2	14
		Mais participação no processo de avaliação				1		1	
		Mais participação na implementação e monitorização dos objetivos delineados				2		2	
		Maior envolvimento nas atividades propostas	1		1	1		3	
		Partilha de estratégias usadas com os filhos				1		1	
		Participação mais ativa	1		1			2	
		Mais disponibilidade para trocar informação	1					1	
		Continuidade no trabalho desenvolvido na escola	1					1	
	Estratégias utilizadas pelos profissionais	Realização de reuniões	1	2	1	1	1	6	19
		Cedência do contato telefónico pessoal		3				3	
		Mostrar disponibilidade		2				2	
		Levantamento das necessidades das famílias na educação dos filhos				2		2	
		Envio de convites	3			1		4	
		Aconselhamento de estratégias a usar				1		1	
Uso de uma página nas redes sociais		1					1		

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Estratégias utilizadas pelos profissionais	Escrita de recados	1					1	12
		Partilha de informações e de saberes entre profissionais					6	6	
		Orientações às famílias				2		2	
		Desenvolvimento de ações de sensibilização	1					1	
		Disponibilização de um horário de atendimento	1					1	
		Utilização do diálogo para comunicar com os pais			1			1	
	Procedimentos utilizados para envolver as famílias na escola	Levantamento das necessidades e carências			2			2	5
		Articulação com os pais			1			1	
		Prevenção do agravamento da situação			1			1	
		Recurso a medidas de ajuda, incentivo			1			1	
	Assuntos abordados com as famílias	Progressos e sucessos dos filhos	1	3				4	7
		Trabalho desenvolvido na escola	2					2	
		Dificuldades apresentadas pelos filhos	1					1	
	Necessidades dos pais	Apoio social				1		1	4
		Orientação e aconselhamento na educação do filho				3		3	

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Situções em que é solicitada a colaboração da família	Entrevista para adquirir informação			1			1	29
		Reuniões para dar informação sobre a avaliação por período	1	2	2	1		6	
		Reuniões para decidir o encaminhamento			1			1	
		Participação em épocas festivas	1		1	1		3	
		Realização de trabalhos de casa	1					1	
		Ações de sensibilização	1			1		2	
		Marcação de consultas de especialidade					6	6	
		Esclarecimento de dúvidas relativas à saúde dos filhos		2			6	8	
	Aquisição de produtos de apoio		1				1		
	Dificuldades encontradas na participação das famílias	Falta de disponibilidade das famílias	2			2	6	10	20
		Falta de interesse	1	1			4	6	
		Pouca iniciativa no conhecimento do trabalho e objetivos	1					1	
		Dificuldades em dar continuidade do trabalho em casa	1					1	
		Deslocação à escola	2					2	
	Atividades preferidas pelas famílias	Festas		2			2	4	6
		Reuniões de avaliação		1				1	
		Pouco interesse por outras atividades		1				1	

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Atividades preferidas pelas famílias	Avaliação diagnóstica e elaboração da anamnese				1		1	13
		Decisões sobre o encaminhamento dos filhos				1		1	
		Situações de convívio					1	1	
		Situações informais					2	2	
		Ações de sensibilização	1					1	
		Conversas sobre o trabalho desenvolvido com o filho	1					1	
	Meios de comunicação usados com as famílias	Contatos telefônicos	1	4	2	2	2	11	32
		Reuniões	1	1				2	
		Informação escrita: Caderno de recados			1	1	2	4	
		Conversa diária	1			5	2	8	
		Informação escrita: Caderneta escolar	3		2			5	
		Diálogo com os pais			2			2	
	Frequência dos contatos escola/família	Sempre que exista necessidade	1	1	1	1		4	16
		Semanais ou bissemanais	1			1		2	
		Sem frequência fixa	1					1	
		Mensalmente		2	1			3	
		No final de cada período					2	2	
		Regularmente					2	2	
		No início do ano lectivo					2	2	

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Circunstâncias que levam a escola a comunicar com as famílias	Falar sobre o comportamento	1		2			3	19
		Conversar sobre as estratégias utilizadas			1			1	
		Falar sobre a assiduidade			1			1	
		Avaliar as situações			1			1	
		Compreender o trabalho realizado com os filhos			3			3	
		Comunicar sucessos e dificuldades dos filhos			4	1		5	
		Conhecer a opinião dos pais sobre o trabalho desenvolvido			1			1	
		Pedir a colaboração dos pais para continuar o trabalho da escola					2	2	
		Partilha de informação					2	2	
	Razões que levam a família a envolver-se com a escola	Encontrar respostas adequadas às suas necessidades		1			2	3	9
		Conversar sobre produtos de apoio		1				1	
		Trocar informações		1				1	
		Conversar sobre os sucessos dos filhos		1				1	
		Analisar a inclusão dos filhos	1					1	
		Conhecer o trabalho realizado na escola				1		1	
Dar continuidade ao trabalho realizado na escola					1		1		

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5	
Práticas utilizadas para promover o envolvimento e a cooperação	Razões que levam a família a envolver-se com a escola	Aprender a lidar com o filho			1	1	7	9
		Conversar sobre as dificuldades sentidas					3	3
		Pedir ajuda					4	4
		Manter uma relação direta e de cooperação	2					2
		Valorização do filho	1					1
		Receber acompanhamento especializado			1			1
	Características da relação escola/família	Proximidade e disponibilidade	1	1				2
		Aceita as famílias sem as julgar	1					1
		Procura criar um ambiente confortável e envolvente	1					1
	Tipo de colaboração solicitada às famílias	Colaborar no desenvolvimento da autonomia pessoal	1					1
		Colaborar na alimentação	1					1
		Colaborar na higiene	1					1
		Colaborar no cumprimento de regras	1					1
	Aspetos a melhorar na relação escola/família	Proximidade	1					1
		Valorização do todo o trabalho feito com os filhos	1					1
		Participação nas atividades propostas	1			2		3
		Partilha de informação	1					1
		Colaboração com o trabalho da escola	1					1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Constrangimentos relacionados com a família	Desinteresse dos pais pela educação dos filhos		3				3	32
		Falta de participação ativa dos pais				1		1	
		Falta de tempo dos pais			1	1	5	7	
		Horário laboral das famílias	2		1	3		6	
		Expetativas baixas dos pais face aos filhos			1	1	7	9	
		Falta de motivação dos pais					1	1	
		Falta de transporte	1					1	
		Morada distante da escola	1					1	
		Falta de condições económicas	1					1	
		Baixa escolaridade dos pais	1					1	
	Não dão valor à escola	1					1		
	Constrangimentos relacionados com a organização da escola	Inexistência de momentos comuns					1	1	2
		Número elevado de escolas e crianças por técnico					1	1	
	Sugestões para ultrapassar os constrangimentos existentes	Promover a comunicação junto das famílias menos participativas			2	1		3	10
		Comunicar mais frequentemente com as famílias			1	1		2	
Envolver as famílias na tomada de decisão sobre a educação do filho				2	3		5		

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Constrangimentos relacionados com a família	Desinteresse dos pais pela educação dos filhos		3				3	3 2
		Falta de participação ativa dos pais				1	1		
		Falta de tempo dos pais			1	1	5	7	
		Horário laboral das famílias	2		1	3		6	
		Expetativas baixas dos pais face aos filhos			1	1	7	9	
		Falta de motivação dos pais					1	1	
		Falta de transporte	1					1	
		Morada distante da escola	1					1	
		Falta de condições económicas	1					1	
		Baixa escolaridade dos pais	1					1	
	Não dão valor à escola	1					1		
	Constrangimentos relacionados com a organização da escola	Inexistência de momentos comuns					1	1	2
		Número elevado de escolas e crianças por técnico					1	1	
	Sugestões para ultrapassar os constrangimentos existentes	Promover a comunicação junto das famílias menos participativas			2	1		3	1 0
		Comunicar mais frequentemente com as famílias			1	1		2	
Envolver as famílias na tomada de decisão sobre a educação do filho				2	3		5		

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total	
			PEE1	FE2	ESE3	TOE4	TFE5		
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Sugestões para ultrapassar os constrangimentos existentes	Partilha de evidências dos progressos dos filhos	1					1	19
		Promoção de atividades festivas	1					1	
		Solicitação da colaboração das famílias	1					1	
		Valorização da participação das famílias	1					1	
		Realização de ações de sensibilização	2					2	
		Flexibilização do horário de atendimento às famílias	1				1	2	
		Auscultar os pais no início do ano					5	5	
		Estabelecer um horário específico no início do ano					4	4	
		Envolver os técnicos no apoio à família		1			1	2	
	Perceções sobre as barreiras ao envolvimento	Existem poucas barreiras ao envolvimento		1			1	2	4
		Dificuldade em ultrapassar as barreiras existentes		1			1	2	

Anexo N. Síntese das entrevistas aos pais

Síntese da análise de conteúdo às entrevistas dos pais

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			E1	E2	E3	E4	E5	
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Caraterísticas da participação e do envolvimento existente	Pouca disponibilidade para participar nas atividades propostas	2	1	9	2	2	16
		Participação de acordo com a disponibilidade e as solicitações	13	2	1	9	3	13
		Procura dar continuidade ao trabalho da escola	5		4	2		11
		Escola atende às necessidades da família			1	1		2
		Escola solicita a participação			2			2
		Conversa franca entre profissionais e família		2				2
		Contacto com os professores quando necessário	1					1
	Comunicação acontece quando necessário			1			1	
	Apreciação da participação e envolvimento existente	Forte envolvimento		1				1
		Fraco envolvimento		2				2
		Fraca participação nas atividades		6				6
		Participação passiva					1	1
		Deverá haver cooperação					1	1
	Frequência da ida à escola	Regularmente					1	1
		Uma a duas vezes por mês	1			1		2
		Uma a duas vezes por período			1			1
	Atividades em que a família participa	Reuniões, incluindo as de avaliação	3	1	2	3		9
		Ações de sensibilização	1					1
		Festividades	1	3	2	2		8
		Semana cultural					1	1
Atividades promovidas pela escola						1	1	

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			E1	E2	E3	E4	E5	
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Apreciação negativa da relação existente	Fraca cooperação com a escola	1	1	1			3
		Relação pouco próxima com a escola	2					2
	Apreciação positiva da relação existente	Boa relação com a escola	1		2	3	2	7
		Boa comunicação com a escola		1				1
		Relação próxima com a escola			1	1		2
		Relação aberta e de confiança com a escola				3		3
		Satisfeito com as terapias disponibilizadas ao filho		3				3
		Satisfeito com o trabalho desenvolvido pela escola		10	4			14
		Satisfeito/a com a relação que tem com a escola				5	2	7
	Papel dos pais na educação dos filhos: percepções	É importante	2		1			3
		São principais exemplos para o (a) filho (a)	1		1			2
		Devem envolver-se e participar na educação dos filhos	1					1
		São os primeiros educadores	1			1		2
		Complemento à educação escolar		1				1
		Promoção do desenvolvimento dos filhos			1	2	1	4
		Acompanhamento dos filhos dia a dia				1		1
	Relação família e escola - percepções	É importante existir cooperação	1					1
		Devem trabalhar para objetivos comuns	1				1	2
		Participação ativa influência positivamente os progressos do filho	1					1
		Escola é principal responsável pela educação		1				1

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			E1	E2	E3	E4	E5	
Envolvimento e cooperação entre as famílias e os profissionais da UAM	Razões que levam a família à escola	Falar sobre as necessidades do(a) filho(a)	1		1			2
		Conhecer a evolução do (a) filho(a)	1		1			2
		Resolver problemas		1				1
		Participar em reuniões			1			1
	Meios de comunicação usados entre a escola e a família	Informação oral	2	6	4	1	1	14
		Telefone ou telemóvel	4	2	4	3	2	15
		Recados escritos	1	2	2	2	1	8
		Mensagens escritas pelo telemóvel	2			1		3
	Aspetos a melhorar na relação com a escola	Ter mais disponibilidade para participar e acompanhar o/a filho/a	2		1	1	1	4
		Estabelecer maior proximidade com os profissionais	1		1			1
		Conseguir falar pessoalmente com todos os profissionais			1			1
		Ser mais participativo/a					3	3

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			E1	E2	E3	E4	E5	
Necessidades e dificuldades sentidas pela família	Necessidades relacionadas com a educação do filho	Ter paciência		3				3
		Obter orientação sobre como agir com o (a) filho(a)			2	2		4
		Obter mais apoio e compreensão			2			2
		Conseguir falar com mais facilidade com os professores			1			1
		Necessidades financeiras				1		1
		Haver mais disponibilidade para os pais			2			2
		Necessidades de informação					1	1
	Dificuldades relacionadas com a educação do(a) filho (a)	Dificuldade em compreender o(a) filho(a)	4					4
		Dificuldade em lidar com o comportamento do/a filho /a	2	1	7	3	4	16
		Dificuldades económicas	1		1			2
		Dificuldade em lidar com a problemática do filho		3				3
		Comportamento difícil em contexto familiar				1		1
		Dificuldades em comunicar com a minha (meu) filha (o)					1	1
		Dificuldades relacionadas com os cuidados diários				3		3
	Necessidades e dificuldades relacionadas com a escola	Conseguir falar com os professores com mais facilidade			1			1
		Haver mais disponibilidade para os pais			2			2
		Obter mais apoio e compreensão			3			3

BLOCO	CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	FREQUÊNCIA DA UR					Total
			E1	E2	E3	E4	E5	
Necessidades e dificuldades sentidas pela família	Necessidades e dificuldades relacionadas com a escola	Ter uma escola mais perto	4			2		6
		Ter acompanhamento do/a filho/a durante as férias	1					1
		Dificuldade em responder a todas as solicitações	1					1
		Aproximar o espaço geográfico da UEE com a escola		1				1
		Sem dificuldades			1			1
Barreiras ao envolvimento e cooperação dos pais com a escola	Relacionadas com a família	Horário de trabalho	3				4	7
		Falta de tempo	1		1			2
		Escassez de recursos financeiros	1		1			2
		Distância física entre a escola e a residência	10		1	2		13
		Falta de conhecimentos			1			1
		Pouca disponibilidade				1	2	3
		Baixas expectativas face ao/à filho/a				1		1
	Número de descendentes no agregado familiar				4		4	
	Inexistência de barreiras	Fácil acesso aos profissionais		4				4
Sem barreiras ao envolvimento e cooperação com a escola			2				2	

Anexo O. Notas de campo

Atividades com os pais - **DIA DOS PAIS - Dominó**

14 de março, 2014
09h-09h30m
1º Conjunto de notas

No dia 14 de março foi realizada, na sala da unidade do ensino especializado (UEE), o jogo do dominó com quatro pais, encarregados de educação. Estes pais vieram consoante a sua disponibilidade e realizaram a atividade no turno da manhã juntamente com o seu filho(a) e com os restantes alunos da UEE. O pai do D. foi o primeiro a chegar e pude observar que este se encontrava vestido de roupa prática e que ao chegar à sala manteve logo contacto com o seu filho. Este contacto foi visual e físico (abraço). Este pai interagiu com os diversos profissionais que se encontravam na sala. Fez o jogo com o seu filho e as demais crianças, interagindo de uma forma muito positiva com todos e observando em pormenor todos os movimentos do seu filho. Após a atividade, ficou na sala a conversar comigo (autora do estudo), sobre o seu filho. Expôs as suas dúvidas e as suas expetativas em relação à autonomia do filho e ao futuro, isto é, que ele precisava de ser mais autónomo e não depender tanto do adulto para que num futuro próximo pudesse ter mais qualidade de vida. Depois o pai despediu-se do filho e dos profissionais da sala, desejou bom trabalho e foi embora.

C.O⁶.: Este pai estava contente com o trabalho realizado na sala da UEE mas preocupado com o futuro do filho. Este ainda tem pouca autonomia “A mãe faz tudo por ele, não o deixa ser mais autónomo, às vezes é difícil” e depois para onde ele vai.... Faz-me pensar o quanto é importante a autonomia para todas as crianças, especialmente para as que apresentam problemáticas como estas crianças e jovens. Este pai parece ter dom da sua palavra.

Entretanto chegou outra mãe para realizar a mesma atividade com a sua filha, deu os bons dias, entrou na sala e aproximou-se da filha falando com ela. Vinha bem-disposta, vestida com calções e t-shirt preta com alguns desenhos e ténis. Organizamos a mesa e voltamos a jogar ao dominó. A mãe demonstrou satisfação a ver a filha a jogar ao dominó, pois ainda não se tinha apercebido que ela já conseguia mais ou menos realizar este jogo, ficou contente referindo “ - filha joga é a tua vez”.

Eu disse: “que eles estavam acostumados a jogar ao dominó na sala e que já conseguiam jogar com a minha orientação. “ A mãe mostrou-se feliz pela filha referindo que ela já pode jogar em casa com a irmã. Depois referiu que tinha que ir

⁶ C.O. Refere-se ao comentário do observador (autora do estudo)

embora, despediu-se da filha dirigindo-se para a porta, desejando bom trabalho para todos.

C.O.: Isto deu-me a impressão de que a J. passa mais tempo com a irmã do que propriamente com a mãe. A mãe poderia aproveitar estes momentos para brincar também com a filha e assim poder desenvolver alguns conceitos básicos, como por exemplo igual/diferente.

Depois do intervalo da manhã chegou outra mãe que se mostrava mais reservada, deu os bons dias aos profissionais e entrou na sala, procurou com o olhar o seu filho, mas não falou com ele. Organizei novamente os alunos de forma a começarmos o jogo, pedi à mãe para se aproximar e sentar-se que íamos realizar o jogo do dominó. A mãe apresentava alguma timidez e parecia estar envergonhada. Ao iniciarmos o jogo verifiquei que o seu filho tinha tomado mais confiança pela mãe estar ali e começou a não cumprir as regras do jogo. A mãe começou a chamar a atenção ao filho mas este não fazia muito caso... Tive que entrevir para que o jogo correu-se mais ou menos como esperado e que ambos pudessem tirar partido daquele momento. Jogamos várias vezes até chegarmos a um vencedor e depois a mãe teve de ir embora.

C.O.: Coloco-me a pensar que esta mãe tem pouco controlo sobre o filho e que necessita de ajuda para impor regras ao filho de forma a que este quando estiver com ela se porte de forma socialmente adequada.

Por fim, a última mãe chegou e entrou na sala, deu os bons dias, procurou a sua filha e esta dirigiu-se para a sua mãe sorrindo. Vestia calças de ganga azuis, uma t-shirt com umas letras desenhadas e uns ténis pretos. Depois ficaram à espera que dissesse alguma coisa. Esta mãe mostrou-se tímida e pouco à vontade. Perguntei-lhe se estava tudo bem e ela disse que sim. Voltei a organizar as crianças para um novo jogo do dominó e a mãe sentou ao pé da filha. Realizámos vários jogos até termos um vencedor e durante todo aquele tempo a mãe pouco falou e quando era a vez da filha jogar, esta dizia “eu sei, eu sei” não deixando a mãe ajudá-la. Foi referido que a sua filha já era capaz de jogar aquele jogo com alguma ajuda e que poderia brincar com ela em casa.

Realização de uma Plantação

**28 de março, 2014 |09h-09h45m
2º Conjunto de notas**

No dia 28 de março, a sala da UEE estava organizada para que os pais para realizassem uma atividade com os filhos: estava uma mesa arrumada com os materiais prontos a serem utilizados. A atividade consistia em realizar uma plantação com o filho(a) e verificar todos os passos necessários para uma plantar crescer. Depois de fazer o registo da atividade colocavam a plantação em exposição.

O pai do D. veio à escola chegou a horas para concretizar a plantação de um pé de feijão com o filho. Vinha vestido de forma prática, calças de ganga azuis, t-shirt branca e sapatos castanhos. Chegou à escola de forma descontraída, dirigindo-se aos profissionais para os cumprimentar e abraçando o seu filho. O pai referiu que era a 1º vez que realizava uma atividade deste género com o seu filho, mostrando bastante agrado em fazê-la. Estava sempre a ajudar o filho e a explicar como se faz uma plantação e o que era necessário para depois cuidar da própria plantação quando este estiver terminado. Esta atividade tinha o objetivo ajudar as crianças a aprenderem a plantar um planta e a verificar os elementos necessários para o seu crescimento.

C. O.: O D. mostrou-se muito entusiasmado por ver o seu pai na sala, contribuindo para o excelente desempenho na atividade. Após a concretização da mesma o pai demonstrava interesse em manter o contacto entre a escola e a família, e que agradecia e louvava a iniciativa.

A mãe do C. foi a segunda encarregada de educação a chegar à sala da UEE para concretizar a atividade da plantação de feijão com o seu filho. Esta mãe mostrou-se pouco focada na atividade, um pouco ansiosa e tímida, sem iniciativa, necessitando de orientação no decorrer da atividade. Demonstrou ter uma relação com o filho um pouco próxima deixando-o fazer o que ele queria.

C. O.: É uma mãe que apresenta muita necessidade de falar sobre a sua vida pessoal e sobre o filho de como é difícil controlá-lo fora da escola, pois tem poucas regras e ouve pouco a mãe. No entanto, tanto o C., como a mãe, concretizaram a atividade e passaram algum tempo agradável juntos necessitando de recorrer a dicas da autora do estudo.

Por último, a mãe da E. apresentou-se bem-disposta e pronta para realizar a atividade com a filha. Expliquei como era a atividade e deixei-as experimentar a realização da atividade sem interrupções da minha parte.

C.O.: Pareceu-me que a atividade correu bem e que esta mãe tem uma relação próxima com a filha.

9 de maio, 2014 |10h-11h30m
3º Conjunto de notas

Ida ao parque

No dia 9 de maio havia a promessa de um dia quente de primavera. Pelas dez horas, saímos para uma ida ao parque ao ar livre. A equipa de profissionais e as crianças da sala da UEE dirigiram-se à carrinha que a escola utiliza para transportar as crianças para a natação, e fomos para o parque no Funchal. As crianças ao saírem de carrinha sentem sempre uma grande satisfação, pois vão estar em contacto com outro contexto diferente do da escola. Ficou acordado com os pais que estes iam lá ter, todos sabiam onde era e o seu acesso era fácil.

C.O.: Como é de importante proporcionar atividades num ambiente natural a estas crianças, que muitas vezes por razões diversas não têm oportunidades de as realizar com a própria família. O convívio é sempre necessário para melhorar as relações e perceber como é importante estas crianças estarem em contacto com espaços naturais e poderem desenvolver comportamentos assertivos em diferentes contextos.

Ao chegarmos ao parque, encontramos o pai do D e a mãe do C., que juntaram-se a nós para um pequeno convívio enquanto as crianças comiam um gelado que foi surpresa. Entretanto chegou a mãe da E. que se juntou a nós.

C.O.: Dos pais que estavam presentes, o pai do D. mostrou-se sempre à vontade para conversar de tudo um pouco, as outras duas mães mostraram-se mais tímidas sendo necessário iniciar um diálogo para que elas dissessem ou perguntassem alguma coisa.

Após terem comido o gelado as crianças foram brincar no parque sob a nossa orientação e claro a dos pais também. Sem muita confusão quando verificamos que já estavam cansados juntamos as crianças para um pequeno passeio pelo mesmo. Chegada a hora de voltarmos para a escola, a carrinha já estava à nossa espera e as crianças despediram-se de seus pais e voltamos para o estabelecimento de ensino para o almoço. No fim da atividade os pais agradeceram a iniciativa proporcionada.

C.O.: Apesar de ter sido uma atividade num contexto diferente, as crianças sentiram-se contentes e seus pais também pelo momento proporcionado. Foi pena não termos todos os pais presentes nesta atividade porque sabemos que as crianças sentem quando vêm os pais das outras crianças presentes e os delas não.

23 de maio, 2014 | 09h-09h30m
4º Conjunto de notas

Piquenique

No dia 23 de maio, pelas nove e meia, era esperado sairmos para concretizarmos um piquenique ao ar livre. No entanto, devido às condições climáticas, chuva e frio, a equipa de profissionais e as crianças da sala da UEE dirigiram-se de carrinha que a escola utiliza para transportar as crianças para a natação, para o Madeira Shopping com o intuito de realizar um pequeno lanche. Sair de carrinha com estas crianças é um grande estímulo para elas, pois implica uma saída do seu contexto regular que é a escola.

C.O.: Foi uma alternativa para não cancelar a atividade que estava programada realizar com os pais, assim pudemos estar todos juntos para um convívio um pouco diferente.

Ao chegarmos ao Shopping, encontramos o pai do D., que se juntou a nós para lanchar com as crianças. Entretanto chegaram as outras mães, a do C. e da E. que juntaram-se a nós para o convívio. As crianças divertiram-se em lanchar num lugar diferente do que estavam habituadas junto de seus pais e dos profissionais.

C.O.: É importante salientar a atividade deste pai para as outras crianças, mostrando-se sempre disponível em ajudar e confraternizar com todos. No fim do lanche, o pai do D. levou o seu filho e o outro menino para um pequeno passeio no shopping. Após o lanche regressamos na carrinha, proporcionando mais um momento de alegria às crianças.

C.O: Apesar de ter sido uma atividade num contexto diferente, as crianças sentiram-se contentes e seus pais também pelo momento proporcionado.

De 14 de março | a 30 de maio, 2014
5º Conjunto de notas

LIVRO VIAJANTE

Esta atividade decorreu durante três meses. Todos os pais participaram por duas vezes levando o saquinho com a história escolhida pelas crianças e requisitada na biblioteca da escola. Este saquinho (preparado pela a autora do estudo) permitiu que as crianças se sentissem mais motivadas na escolha do livro para levar para casa e os pais poderem contar a história escolhida. Também para terem a responsabilidade de cuidar do saco e da história com a orientação de seus pais e de devolverem a mesma à biblioteca. As crianças requisitavam a história à sexta-feira e acordávamos uma data de entrega com os pais.

C. O.: Estes prazos nem sempre foram cumpridos por todos os pais, mas no decorrer da atividade apresentaram melhorias. Com a história levavam um pequeno papel onde tinham que preencher, nome do livro, quem tinha contado a história e quando foi contada, o que tinham achado da mesma e a data de entrega. Os pais cumpriram este preenchimento e devolviam quando entregavam o saquinho com a história.

C. O.: Atividade realizada com grande interesse por parte das crianças e pais onde esboçaram a sua opinião positiva acerca da história e da atividade em si. Ao devolver o saco referiram que gostavam de repetir a atividade. É de salientar que esta atividade é importante porque melhora a literacia das crianças e promove o prazer e gosto pelo livro/histórias.

25 de março a 30 de maio 2014 |17h-30m- 18h-30
6º Conjunto de notas

SENSIBILIZAÇÕES – Conversando sobre problemas de comportamento e de comunicação

As sensibilizações ficaram marcadas para às 17h30m da tarde (horário de preferência dos pais), para dar a possibilidade a todos os pais de estarem presentes e poderem participar nesta iniciativa. Quando chegavam um pouco mais tarde as docentes esperavam até pelo menos um quarto de hora para dar início à atividade.

Esta atividade torna-se também importante na medida que podemos trabalhar a socialização entre pais, porque apesar de ser um contexto pequeno, estes pais não se encontram tanto como nós pensávamos e pouco falam entre si.

C.O.: Este tipo de atividades é importante na socialização entre todos os agentes educativos e só trás vantagens, pois no envolvimento com a escola os pais têm algumas resistências não só em relação aos professores, mas em relação mesmo a outras pessoas, inclusivamente com outros pais. Por outro lado, por vezes alguns encontram-se mais isolados e têm mais dificuldade em participar e em se envolver na dinâmica da instituição escolar.

Ao iniciar as sensibilizações podemos verificar nos rostos de alguns pais alguma ansiedade perante o que se iria passar naquele espaço e o ambiente proporcionado, mas à medida que foram participando e dialogando com os presentes essa ansiedade foi diminuindo. A sala foi organizada de forma a que os pais se sentissem seguros e confiantes e a poderem participar sem receios.

Os pais foram recetivos às duas sensibilizações realizadas em que participaram e aproveitaram aquele momento para transmitir as suas preocupações, dúvidas relativamente ao seu educando(a), nomeadamente sobre as dificuldades de comunicação que existiam na relação estabelecida pelos pais e nos problemas de comportamento que os filhos apresentavam. Nas duas sensibilizações foi criado um ambiente de partilha de informação e de transmissão de dicas específicas para cada criança, cujos pais mostrassem essas ansiedades, tornando-o num momento de cariz mais prático, de forma a minimizar os problemas, dificuldades sentidas pelas famílias presentes. As estratégias referidas pela psicóloga e terapeuta da fala foram de grande importância, uma vez que pais pareciam terem ficado esclarecidos de como poderiam estimular a comunicação dos filhos e de como minimizar os problemas de comportamento dos filhos.

C. O.: Houve interação entre os pais e os profissionais presentes trocando ideias sobre as dificuldades existentes e como minimizar essas dificuldades. Notou-se, por parte dos pais presentes uma grande necessidade de falar do seu filho (a), por isso foram dadas orientações específicas em função da dificuldade de cada criança. Pensamos que esta iniciativa realizada por parte da autora do estudo foi positiva e resultou de uma forma segura, uma vez que o feedback estabelecido foi essencial para a participação ativa dos pais através de levantamento de questões e esclarecimento de dúvidas sobre o tema das sensibilizações tornando-se assim um

espaço de caráter mais prático, apesar de se ter uma parte expositiva como suporte. Os pais também mostraram alguma satisfação e revelaram algum compromisso na continuidade em casa do trabalho realizado na escola.

10 de março, 4 de abril e 9 de junho de 2014 | 09h-09h30m
7º Conjunto de notas

Celebração do Aniversário na escola com a sua turma de referência

Esta atividade foi realizada e cumprida como previsto, três mães participaram nesta iniciativa e mostraram-se contentes pelas filhas.

No dia 10 de março festejamos o aniversário da J., no dia 4 de abril o aniversário da E. e no dia 9 de junho o aniversário da S. Os bolos foram confeccionados pelas crianças e pelos profissionais, no dia anterior ao do aniversário, na cozinha pedagógica do centro de atividades ocupacionais de S.R. com o conhecimento e a autorização da diretora da escola.

A mãe da aluna J. chegou à escola e mostrou-se muito feliz com a iniciativa, revelando que nunca tinham feito nada do gênero para a sua filha. Como sugestão, revelou que, numa próxima oportunidade, gostava de fazer o bolo com a sua filha, afirmando “obrigada professora (autora do estudo) e à equipa pedagógica, pois “sinto uma grande felicidade por terem organizado esta pequena festa para cantar os parabéns à minha filha e por terem feito um bolo de anos para ela. No próximo ano serei eu a fazer o bolo com a minha filha aqui na escola.”

C.O.: Agradei a sugestão, e fiquei com a sensação de que esta mãe ficou mais sensibilizada para participar mais ativamente no processo educativo da sua filha, realizando uma atividade mais descontraída demonstrando à filha que gosta de estar com ela.

As outras mães apresentaram-se um pouco mais reservadas mas também mostraram-se felizes pelas filhas e pela escola ter proporcionado (os profissionais da UEE) às crianças momentos felizes como é o de ter um bolo e cantar os parabéns com os colegas da sua turma.

19 de março, 2014 | 09h-09h30m
8º Conjunto de notas

COMEMORAÇÃO DE DIAS ESPECIAIS - Dia do pai

Os pais, no dia 19 de março, foram convidados a realizarem um mural com o (a) filho (a). A sala da UEE foi organizada e proporcionado um espaço com diferentes

materiais e uma folha de papel cenário, numa das paredes da referida sala, onde pais e filho(a) puderam desenhar juntos de forma livre. O objetivo era criar um espaço artístico para que os pais pudessem interagir com os seus filhos através da arte.

O pai do D. chegou à escola e, prontamente, pegou nos pincéis e nas tintas que se encontravam numa mesa junto ao painel e começou a desenhar a relva, as nuvens, e um belo sol radioso. Fez os traços e ajudou o Diogo a pintar o interior. Estes momentos foram vividos entre pai e filho, contribuindo para solidificar a relação entre ambos. Após a atividade, o pai do D. falou sobre a sua relação com a arte e sobre a forma como sempre gostou de pintar e de como o filho gostava de realizar atividades com tintas.

C. O.: Após esta atividade fiquei com a impressão que os pais participam pouco neste tipo de iniciativa, porque só tive dois pais presentes nesta iniciativa (um era do estudo) e o outro não. Foi referido que se o pai não pudesse poderia vir ser o irmão mais velho, ou um tio mais chegado ou mesmo o avô. Mas tivemos muito pouca participação nesta atividade.

2 de maio, 2014 | 09h-09h30m
9º Conjunto de notas

Dia da mãe

As mães, no dia 2 de maio, foram convidadas a realizarem um quadro com o (a) filho (a). A sala da UEE foi organizada de maneira que as mães sentissem-se confortáveis para realizarem com o(a) filho(a) o desenho que quisessem com diferentes materiais (tintas e plasticina) e onde as mães e filho(a) pudessem estar juntos. O objetivo era criar um espaço artístico onde as mães pudessem interagir com os seus filhos através da arte e promover laços afetivos entre eles. Nesta atividade estiveram presentes três mães em horários diferentes consoante a sua disponibilidade. Todas elas vieram vestidas de forma prática, de calças, t-shirt e sapatos, de forma a poderem realizar a atividade sem preocupações de sujarem-se. Na chegada de cada mãe, esta foi recebida com carinho visto ser um dia especial para todas as mães.

C.O.: Nesta atividade houve sempre uma interação entre filho e mãe uma vez que dialogavam sobre o que iriam desenhar com a plasticina. Foi engraçado com todos os desenhos apresentavam a mãe e o(a) filho(a) a brincarem ou a passarem.

No final da atividade e nesta dada tão especial foi agradecido pela presença e entregue pelo seu educando um presente realizado por eles com a nossa ajuda. As crianças manifestaram sentir-se felizes por poderem dar um presente à sua mãe.

13 de maio, 2014 | 09h
10º Conjunto de notas

Festa da família

A festa da família teve lugar numa terça-feira, dia treze de maio, pelas 9h e 30 minutos, no turno da manhã. As crianças da UEE tiveram a oportunidade de realizar mais uma atividade com a presença da sua família partilhando momentos de alegria e carinho sem constrangimentos. As famílias puderam experienciar diferentes momentos num contexto alargado de socialização diferente do da escola. Nesta atividade só veio a mãe ou o pai não tivemos pai e mãe juntos, o que foi uma pena pois poderia ter sido mesmo uma festa da família se tivessem os dois juntos com os seus filhos. Mas sabemos por diferentes razões que nem sempre é possível estarem os dois a participarem na mesma atividade.

C. O.: Fica um trabalho a realizar num futuro próximo, conseguir trazer os dois pais (pai e mãe) neste dia da família, pois era excelente os dois estarem presentes de forma a promover os laços afetivos. Na mesma ficamos com a sensação de termos contribuído de forma positiva para essa promoção em relação ao membro da família presente.

Nesta atividade só tivemos mães presentes que vieram com roupa prática para realizar algumas atividades proporcionadas pela equipa convidada do Gymboree – play&música. Todos juntos realizamos diferentes e excelentes atividades promovidas por esta equipa fantástica do Gymboree. Foram momentos bem passados onde as mães presentes tiveram a oportunidade de experienciar momentos que mais tarde serão lembrados com amor e carinho.

C.O.: Sem o apoio de todos esta festa da família não teria sido brilhante e emocionante. Que possamos estar cada dia mais unidas (escola/família) na missão de educar e de desenvolver as nossas crianças de uma forma harmoniosa e encaminhá-los o mais autonomamente para um futuro cheio de realizações.

30 de maio, 2014 | 10h30-11h30m
11º Conjunto de notas

Dia da criança

No dia 30 de maio, havia a promessa de um dia mais ou menos quente de primavera. Pelas dez e meia saímos para uma ida ao à loja do Brinca Kids para as crianças receberem um brinquedo neste dia tão especial. A equipa de profissionais e as crianças da sala da UEE dirigiram-se de carrinha que a escola utiliza para transportar as crianças para a natação, para o Funchal. As crianças ao saírem de carrinha sentiram uma grande alegria, pois foram receber um presente. Ficou acordado com os pais que quem tivesse disponibilidade e quisesse ir lá ter não havia problema mas que era facultativo. Ia quem sentisse a necessidade de estar presente naquele momento. Não esteve nenhum pai presente.

C.O.: É saudável quando proporcionamos às nossas crianças saídas e que eles possam contactar com diferentes contextos dos que estão habituados na rotina do dia-a-dia. É uma forma de aprenderem a ser e a estar em diferentes contextos.

Chegados à loja as crianças entraram em fila e puderam observar os diferentes brinquedos e outros materiais pedagógicos que decoravam as prateleiras da mesma. Sentaram-se no centro da loja para receber o presente. A senhora da loja teve o cuidado de conversar com eles e depois ofereceu o brinquedo a cada um. Foi um momento cheio de alegria para as nossas crianças. Após receção do brinquedo algumas deram mais uma volta pela loja podendo visualizar tudo o que lá tinha. Depois de estar um tempo dentro da loja tivemos que sair para dar lugar a outras crianças de outras escolas. Assim, logo de seguida partimos para a escola para que as crianças pudessem brincar um pouco com os brinquedos recebidos.

C.O.: Foi mais uma atividade que gerou alegria e sorrisos e contacto com outros contextos dos que as nossas crianças não estão habituadas, permitindo assim vivenciar o dia da criança de uma forma diferente e de uma forma saudável.

5 de abril e 2 de julho 2014 | 09h-11h00m
12º Conjunto de notas

Envolvimento dos pais na avaliação do PEI do seu filho (a)

A avaliação do PEI ocorreu em dois momentos, um no segundo período e outro no terceiro período. Todos os pais tiveram presentes mas o dia e a hora tiveram que ser novamente marcadas porque alguns pais não podiam estar presente no dia que estava estipulado. À medida que os pais foram chegando foram sentando-se e conversando com a docente presente e lendo a avaliação final. Concordaram com tudo o que estava escrito sem questionar alguma coisa.

Apesar de termos todos os pais nesta atividade verificamos que no envolvimento e avaliação do PEI foi raro o pai que questionou o que foi escrito aceitando os objetivos estipulados e avaliações realizadas pela equipa pedagógica. Pois pensamos ser um envolvimento pouco ativo deixando todo o trabalho para a equipa de profissionais e apenas assinando os documentos. Ainda assim, os pais demonstraram o sentimento de como era importantes para eles que façamos o melhor para os filhos desenvolvendo atividade adequadas à sua problemática e às suas necessidades e interesses.

C. O.: Pensamos que poderíamos realizar a atividade de uma forma distinta para poder envolver os pais neste processo. Pensamos que com algumas destas atitudes torna-se muito difícil fazer um trabalho de qualidade, uma vez que a escola deve ser sempre um complemento à família. Uma família segura e estruturada dará mais segurança à criança e trará muito mais simples a aquisição de novas regras e saberes.

Exposição de trabalhos

Todos os trabalhos realizados foram expostos na sala da UEE, e todos os pais puderam ter acesso à sua visualização. Pudemos contar com todos os pais. Acredito que a exposição dos trabalhos dá um certo “conforto” aos pais, pois permite terem uma ideia do que os seus filhos fazem diariamente na escola. Para os pais “mais distraídos” não custa nada dizer: “já viu o trabalho que o/a seu/sua filho(a) fez ontem?”. Assim a criança ficará contente e os pais ficarão cientes e satisfeitos com a prestação dos seus educandos. Também foi realizado um pequeno filme das fotografias tiradas das atividades realizadas ao longo do projeto. Este filme foi passado para os pais verem e relembrem as atividades que realizaram com os filhos. Durante a apresentação do filme pudemos ver e ouvir alguns sorrisos e risos por parte dos pais quando se estavam a ver com os filhos. No final deste pequeno vídeo alguns pais quiseram falar um pouco sobre a experiência pela qual tinham passado no envolvimento e participação na educação dos filhos na escola.

“(…) atualmente vivemos confrontados com a pouca disponibilidade, alguns pais não têm tempo para virem a este tipo de iniciativa, de atividades, e assim poderem conhecer um pouco mais da realidade da escola e do trabalho que é realizado com os nossos filhos. Eu, por exemplo tenho a sorte de conseguir vir a quase todas as atividades desenvolvidas, pois o meu trabalho e o meu interesse permitiu-me estar presente. Mas há pais que não podem ou têm outras atividades que não lhes permitem participar em projetos como este, mas as crianças é que ficam a perder.” (comentário de um pai, Nota de campo nº 13, 30-06-2014)

“Neste momento gostava de agradecer por me terem convidado para estar aqui. Este projeto possibilitou-me participar mais na vida escolar da minha filha. Foi um projeto muito bom porque ajudou-me a conhecer um pouco mais todo o trabalho realizado na Sala da Unidade. É uma alegria ver como a minha filha gosta de ver a mãe a participar nas atividades com ela. Realizamos atividades onde festejamos datas importantes que por vezes são esquecidas com a correria do dia-a-dia. Este projeto foi importante para as crianças como para os pais participativos pois tivemos a oportunidade de desenvolver uma maior comunicação com a escola baseada na confiança.” (comentário de uma mãe, Nota de campo nº 13, 30-06-2014)

“Este projeto possibilitou-me aprender coisas como lidar melhor com o meu filho.” (comentário de uma mãe, nota de campo nº 13, 30-06-2014)

C.O.: Ficamos com a impressão de que, na generalidade os pais perceberam a importância da do envolvimento e da participação na educação dos filhos, pois estão mais empenhados em responder de forma mais adequada às necessidades e interesses dos seus educandos.

Reflexão final:

Fazendo uma análise retrospectiva do trabalho realizado ao longo dos quatro meses, bem como o feedback dos pais das crianças em cada atividade desenvolvida, consideramos ter alcançado a maioria dos objetivos definidos. As atividades decorreram com tranquilidade, os pais que participaram pareciam motivados e interessados.

Observámos que os pais presentes nas diversas atividades manifestavam satisfação e entrega na sua participação em cada atividade realizada. Criaram-se alguns laços e empatias, mas é necessário continuar a trabalhar para aumentar a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e ajudá-los a crescer. Procurámos promover o envolvimento, a participação, a socialização e a autonomia em cada atividade. Foi um trabalho gradual atento às necessidades mas também aos interesses e vontades dos pais e crianças. Esperamos que estes pais continuem a envolver-se e participar na vida escolar dos filhos de forma a desenvolver neles suas potencialidades e minimizando as dificuldades.

Através de algumas destas atividades as crianças com os seus pais presentes tiveram a oportunidade de contactar com ambientes naturais experimentando momentos únicos e de relaxamento sem preocupações com horários ou com o stress do dia-a-dia.

Apesar de termos uma participação positiva dos pais no projeto, percebemos que os pais dos alunos que frequentam a UEE parecem ser, na sua maioria, pouco participativos, revelando pouco interesse nas atividades dos seus filhos. Parecem necessitar de serem constantemente motivados para se envolverem e participarem de forma ativa na vida escolar dos filhos. Por outro lado, estes pais parecem ainda não ter muita consciência de quanto é importante acompanharem os filhos neste processo de crescimento e desenvolvimento. Alguns pais, por vezes, parecem querer apenas um sítio para “deixar” os seus filhos e, portanto, mostram-se pouco preocupados, nem com a vida académica, nem com a integração social dos seus filhos.

Tivemos uma mãe que gostaríamos que tivesse tido um melhor envolvimento e participação na vida escolar da filha, pois apenas esteve presente em poucas atividades. Esta situação deve estar relacionada com a pouca disponibilidade da mãe visto ter um horário pouco flexível e ter pouco tempo para prestar o apoio e acompanhamento necessário à sua filha.

Anexo P. Questionário aos Profissionais

Questionário complementar à entrevista - Profissionais

1. Idade: _____anos

2. Sexo: Feminino Masculino

3. Anos de serviço:

Entre 0-5 anos	6-10 anos	11-19 anos	20-29 anos	30 ou mais

4. Experiência profissional com crianças e jovens com multideficiência

1-4 anos	5 a 9 anos	10-14 anos	15-19 anos	20 anos ou +

5. Formação profissional:

Terapeuta da Fala	Terapeuta Ocupacional	Fisioterapeuta	Educador Social	Docente de educação especial

6. Grau académico de que é titular:

Bacharelato	Licenciatura	Pós-graduação	Mestrado	Doutoramento

7. Formação especializada em educação especial:

Não	Sim	Se respondeu sim, indique por favor em que área?

8. Formação especializada ou contínua em multideficiência?

Sim	Não

Anexo Q. Questionário aos Pais

Questionário complementar à entrevista - Pais

1. Elementos de caracterização da família

	Idade	Habilitações literárias	Profissão
Pai			
Mãe			
Outro			

2. Com quem vive a criança:

Mãe Pai Mãe e padrasto Pai e madrasta

Que outros familiares vivem com a criança: _____

3. A criança tem irmãos?

Sim Não

Se sim, quantos? _____ irmãos

4. Assinale com um X o tipo de apoio que corresponde à sua situação.

Rendimento Social de Inserção e Subsídio de Desemprego

Rendimento Social de Inserção e outros apoios

Rendimento Social de Inserção, Subsídio de Desemprego e outros apoios

Rendimento Social de Inserção

Subsídio de Desemprego

Outros

Sem qualquer apoio

Anexo R. Questionário para Avaliação da Atividade Desenvolvida

Questionário para Avaliação da Atividade Desenvolvida

Objetivo do questionário:

- Conhecer a opinião das famílias sobre a atividade desenvolvida. Isto é, consideramos muito importante conhecer a sua opinião pois irá ajudar-nos a melhorar a planificação de futuras atividades.

Instruções de preenchimento do questionário:

- Assinale com um **círculo** ○ ou uma **cruz** X o algarismo que melhor corresponde à sua opinião sobre cada um dos indicadores apresentados, usando a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6
Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Completamente Satisfeito	Não tem opinião
Nada adequado	Pouco adequado	Adequado	Muito adequado	Complemente adequado	

- O questionário é anónimo.

Questionário:

1. Indique a sua opinião relativamente:

- Interesse da atividade desenvolvida

1	2	3	4	5	6

- Horário em que a atividade foi desenvolvida

1	2	3	4	5	6

- Pertinência da atividade desenvolvida

1	2	3	4	5	6

- Tempo de duração da atividade

1	2	3	4	5	6

1. Nível de satisfação pela atividade em que participou

1	2	3	4	5	6

2. Indique os sentimentos vividos na atividade desenvolvida.

Timidez	Angústia	Indiferença	Calma Paz	Entusiasmo	Outro. Qual?

3. Indique alguma atividade que gostaria de ver desenvolvida em futuras propostas:

Muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo S. Questionário para Apreciação do Projeto Desenvolvido

Questionário para Apreciação do Projeto Desenvolvido

Chegámos ao fim do desenvolvimento do projeto para o qual pedimos a sua colaboração. Nesta fase consideramos muito importante conhecer a sua opinião sobre o mesmo e a sua participação.

Objetivo do questionário:

- Conhecer a opinião das famílias sobre o Projeto Desenvolvido.

Instruções de preenchimento do questionário:

- Assinale com um **círculo** ○ ou uma **cruz** X o algarismo que melhor corresponde à sua opinião sobre cada um dos indicadores apresentados, usando a seguinte escala:

1	2	3	4	5	6

- O questionário é anónimo.

Questionário

- Qual o seu grau de satisfação face ao projeto desenvolvido?

1	2	3	4	5	6
Nada Satisfeito	Pouco Satisfeito	Satisfeito	Muito Satisfeito	Completamente Satisfeito	Sem opinião

- Como caracteriza o Interesse do projeto desenvolvido?

1	2	3	4	5	6
Nada interessante	Pouco interessante	Interessante	Muito interessante	Absolutamente interessante	Sem opinião

- Qual a sua opinião sobre a pertinência do projeto?

1	2	3	4	5	6
Nada pertinente	Pouco pertinente	Pertinente	Muito pertinente	Absolutamente pertinente	Sem opinião

- Qual a sua opinião sobre a organização e funcionamento do projeto?

1	2	3	4	5	6
Nada adequada	Pouco adequada	Adequada	Muito adequada	Complemente adequada	Sem opinião

- Qual a sua opinião sobre as oportunidades criadas para se envolver e cooperar com a escola do seu filho?

1	2	3	4	5	6
Nada adequadas	Pouco adequadas	Adequadas	Muito adequadas	Complemente adequadas	Sem opinião

- Como caracteriza a sua participação e envolvimento no projeto desenvolvido?

1	2	3	4	5	6
Nada adequada	Pouco adequada	Adequada	Muito adequada	Complemente adequada	Sem opinião

- Como caracteriza a frequência com que participou nas atividades desenvolvidas no âmbito do projeto?

1	2	3	4	5	6
Nula	Fraca	Razoável	Boa	Muito boa	Sem opinião

- Quais as principais razões que condicionaram a sua participação no projeto?

- No seu entender, o que poderia ter sido feito para o ajudar a envolver-se mais no trabalho da escola/UAM?

- Na sua opinião, o que gostaria que a escola fizesse para que a sua participação fosse mais intensa no trabalho da escola/UAM?

Muito obrigada pela sua colaboração.

Anexo T. Registos fotográficos das atividades realizadas no projeto de intervenção





Anexo U. Ficha de leitura preenchida pelos pais



Ficha de leitura

Nome: D	Turma: 3.º ano
Título do livro	1. 2. 3
Autor	Luísa Dulce Soares
Ilustradores	Pedro Leitão
Editora	Tertamã
Data	11-05-2014
Por quem foi contada	Pelo pai
Quando foi contada	A' noite
O que acharam do livro	Muito interessante e educativo sobre os números
Se o aluno gostou do livro	Sim, o aluno gostou do livro